



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

DENNIS CLÁUDIO FERREIRA

**REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO EXPRESSÃO DE
TERRITORIALIDADE: O CASO DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE -
PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

DENNIS CLÁUDIO FERREIRA

**REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO EXPRESSÃO DE
TERRITORIALIDADE: O CASO DA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE -
PB**

Trabalho monográfico apresentado a Banca Examinadora da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção da graduação em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. **Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.**

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F383r Ferreira, Dennis Cláudio.
Representação socioespacial como expressão de territorialidade: o caso da feira central de Campina Grande - PB / Dennis Cláudio Ferreira. – Campina Grande, 2013.
106 f. : il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

"Orientação: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior".
Referências.

1. Representação Socioespacial. 2. Territorialidade. 3. Feira Livre.
I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana. II. Título.

CDU 908(813.3)(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: **DENNIS CLÁUDIO FERREIRA**

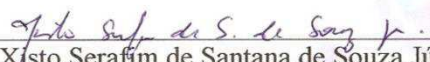
TÍTULO: **REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO EXPRESSÃO
DE TERRITORIALIDADE: O CASO DA FEIRA CENTRAL
DE CAMPINA GRANDE - PB**

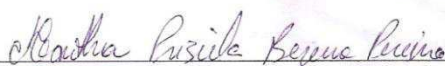
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

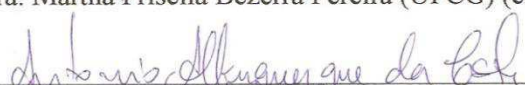
MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 30 de outubro de 2013.


Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UFCG) (orientador)


Prof. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG) (examinador)


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (UEPB) (examinador)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58429-140. Bloco BC 2. Telef. da UAG: 83. 2101 - 1722

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia a minha família pelos incentivos durante a pesquisa. Aos meus amigos pelo companheirismo e apoio. E ao meu orientador pela considerável paciência e dedicação no decorrer deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de forma direta e indireta contribuíram para elaboração dessa pesquisa. As pessoas que estiveram seja mim orientando academicamente ou mesmo na minha vida pessoal.

Ao meu orientador Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UAG /UFCG) em especial, minha admiração por sua atuação profissional no Curso de Geografia, bem como pela sua paciência e dedicação neste trabalho. Muito grato pela atenção e respeito fornecido.

A equipe de professores do Curso de Geografia pela dedicação do ensino, os quais contribuíram desenvolvendo um excelente trabalho apesar das dificuldades, a todos os meus colegas de curso que ajudaram direta e indiretamente no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores da banca Martha Priscila Bezerra Pereira (UAG /UFCG) e Antônio Albuquerque da Costa (UEPB), pela disponibilidade e paciência em ler meu trabalho contribuindo com ricas sugestões.

A todos que participaram da entrevista: Aos senhores Agnaldo Batista (representante da prefeitura), Cícero Rodrigues (presidente da associação dos comerciantes), Silvino Justino (presidente do Sindicato dos feirantes e ambulantes), a Rosalvo Meneses (assessor da Associação de Comerciantes e Empresários da Paraíba) os feirantes: Antônio Ibiapina, Almir Medeiros e Rafael Souto, ao consumidor Francisco Soares. Em fim, a todos aqueles que acreditaram e fizeram parte deste trabalho.

Aos meus colegas e amigos que me ajudaram na realização da entrevista com grupo focal: DalissonMarkel, Priscilla Xavier, Sâmara Iris e Kleiton Wagner.

Em peculiar minha mãe Josefa Maria Ferreira por caminhar comigo numa incessante luta tentando me ajudar nos estudos, mesmo tentando enfrentar a enfermidade constante do meu pai. Ainda a ele pelo carinho e força, mesmo na situação em que se encontra, demonstrando através do seu olhar afeto e força para que eu possa continuar. .

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de apresentar a feira como um espaço historicamente marcado pelo convívio de trocas e sociabilidade de relações humanas. Uma vez que, ao mesmo tempo se materializam práticas espaciais de ocupação e territorialidade. Deste modo, a Feira Central de Campina Grande é um lugar de referência espacial e simbólica constituída de múltiplos aspectos como: culturais, sociais, econômicos e políticos. No entanto, esta pesquisa buscou analisar as representações sociais feitas pelos sujeitos nesse espaço. Para realização deste trabalho foram realizadas entrevistas com grupo focal de representantes dos principais segmentos: prefeitura municipal, sindicato, associação dos comerciantes, feirantes e consumidores. Além desta foi utilizada outra técnica como os mapas mentais, materializados através das imagens realizadas pelos sujeitos participantes. Por tanto, foi possível constatar os principais problemas existentes na Feira Central, que apesar de apresentar certas dificuldades ainda é um espaço importante de constituição de identidades para a cidade.

Palavras-chave: Representação socioespacial, territorialidade, Feira Livre.

ABSTRACT

This research has the purpose of showing the street market as a space historically marked by the practice of social exchanges and sociability of human relationships. Since, the same time are materialized spatial practices of occupation and territoriality. Thus, the Central street Market of Campina Grande is a place of spatial and symbolic reference constituted of multiples aspects, such as: cultural, social, economic al and political. However, this research tried to analyze the social presentations made by the individuals in this space. In order to do this research some interviews were made with the group in focus of representatives from the main segments: The Municipal town hall, trade union, association of the traders, street market traders and consumers. In addition, another technic was used as mental maps, materialized through images made by the individuals who were taking part in the research. Therefor so, the main existents problems in Central street Market were ascertained , and, despite they present some difficulties, it is possible to see it as an important space in the construction of identities for the City.

Key words: Spatial social representation, territoriality, free street market.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01 – Caminhos Percorridos para Fundamentação.....	25
Quadro 02 – Figura metodológica do Discurso do Sujeito Coletivo.....	39
Quadro 03 – Síntese Do Discurso.....	50

LISTAS DE MAPAS

Mapa 01: Localização da Feira Central de Campina Grande.....	31
Mapa 02: Feira Central de Campina Grande – Principais Usos.....	32

LISTAS DE ESQUEMAS

Esquema 01: Antigo “Cassino Eldorado” na Feira Central.....	55
Esquema 02: Alguns dos problemas evidenciados na Feira Central.....	56

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01: Representação da Feira Central: perspectiva do representante da prefeitura.....	59
Figura 02: Representação da Feira Central: perspectiva do presidente da associação dos comerciantes.....	60
Figura 03: Representação da Feira Central: perspectiva do presidente do sindicato dos feirantes e ambulantes.....	61
Figura 04: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante formal.....	62
Figura 05: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante informal.....	63
Figura 06: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante (ambulante).....	64
Figura 07: Representação da Feira Central: perspectiva do consumidor.....	65
Figura 08: Representação da Feira Central: perspectiva do assessor da associação comercial e empresarial.....	66

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	75
APÊNDICE 2 – Modelo do roteiro de entrevista com grupo focal.....	78
APÊNDICE 3 - Transcrição literal da entrevista com grupo focal.....	79

LISTAS DE SIGLAS

DSC Discurso do sujeito coletivo

EGF Entrevista com Grupo Focal

ECH Expressões-Chave

IC Ideia central

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAEP Instituto Patrimônio Histórico Artístico do Estado

SEPLAN Secretaria de Planejamento Urbano

STTP Superintendência de Trânsito e Transportes públicos

TRS Teoria das Representações Sociais

APRESENTAÇÃO

*Música (Feirante)
Compositor (João Alexandre)*

Arruma a cangalha na cacunda que a rapadura é doce, mas não é mole não.

*E jenipapo no balaio pesa,
Anda, aperta o passo pra chegar ligeiro,
Farinha boa se molhar não presta
Olha lá na curva chuva no lajedo*

Quem foi que te disse que a vida é um mar de rosas?

*Rosas têm espinhos, e pedras no caminho,
Daqui até a cidade é pra mais de tantas léguas
Firma o passo, segue em frente,
Que essa luta não tem trégua
Fica na beira da estrada, quem o fardo não carrega.
A granel felicidade não custeia o lavrador*

*Vamos embora porque a jornada é muito longe
E não há mais tempo pra chorar por mais ninguém.
Lá na feira agente compra agente vende,
Agente pede até barganha aquilo que comprou
E te prometo que depois no fim de tudo na Quitanda da Esperança
Eu te compro sonho de açúcar mascavo embrulhado num papel de seda azul.*

Só Pra te consolá, só Pra te consolá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES NA FEIRA CENTRAL.....	20
1.1. A Feira Central: um remanescente sociocultural de Campina Grande.....	27
2. AÇÕES E CONTRADIÇÕES NAS PRÁTICAS TERRITORIAIS NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.....	34
2.1. A Identidade do “ser campinense” a partir das práticas sócioterritoriais na feira central de Campina Grande: uma análise de discurso.....	38
3. RELAÇÃO A PARTIR DO MAPA MENTAL.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICES.....	74

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a Feira Central de Campina Grande – PB. Este espaço foi escolhido devido a sua grande importância no processo de formação da cidade, cuja criação confunde-se com a fundação da cidade. A feira se constitui como um espaço historicamente de convívio e troca de sociabilidade ao tempo em que se materializam práticas espaciais de ocupação e territorialidade.

Os sujeitos que convivem no cotidiano da feira deixam nestas as suas impressões, valores, marcas e relações de poder. A feira, enquanto espaço estratégico de relações sociais acaba por promover a difusão das identidades espaciais tendo sido, ao longo da história, palco de expressões dos diferentes seguimentos da sociedade. Neste espaço, se envolvem as questões de debate social, assim uma notória sociabilidade que se estruturam as expressões culturais através dos poetas, violeiros, emboladores, movimentos religiosos, entre outros.

A feira se constitui como um espaço de hábitos pessoais e afetivos pelo seu processo de construção cultural e tradicional, este espaço é fragmentado por oferecer além do setor comercial, um lugar de lazer. No entanto, com o advento do mercado este espaço vem submergir a formação de sua identidade (representações pessoais, religiosas, musicais), pois a representação do capital vem se fortalecendo com a escolha das pessoas em consumir nos supermercados.

A globalização tem provocado o processo de troca rápida e busca das novas identidades, fato que pode ser um dos maiores argumentos para justificar a crise de identidade cultural, neste caso dos frequentadores das feiras livres na cidade de Campina Grande. Esse fenômeno envolve mudanças nos padrões de produção e consumo que conduzem a produção de identidades novas.

A cultura de consumo global do mercado leva ao distanciamento da comunidade à cultura local. Com o advento do mercado as pessoas perdem o contato, o olhar para as pessoas de frente, sem medo as diferenças da individualidade e falta de sociabilidade dos que consomem.

As prioridades de investimentos mercadológicos do capitalismo deixam a desejar as condições físicas e falta de investimento aos espaços públicos. Nesse sentido quanto à contribuição social da ciência geográfica podemos destacar: Social: a) A redução do uso das feiras tem influenciado em mudanças nas práticas cotidianas; b) A feira resiste às diversas mudanças nas práticas comerciais, c) Mesmo com o advento e difusão dos supermercados as pessoas ainda observam nas feiras o espaço de habitação sendo o ambiente em que discutem

políticas, eventos sociais, fins de novela, sendo também o ambiente das expressões culturais; d) A feira ainda carece de decisões políticas que ratifiquem a sua importância no contexto sociais sendo, habitualmente, os espaços das contra-sociabilidades nas práticas comerciais, mesmo sendo regulamentada pela gestão municipal.

Vale salientar que a Feira Central de Campina Grande ainda proporciona essas práticas de forma expressiva ou será que a mesma vem “perdendo” espaço com o processo de globalização do capital, ou seja, com o advento do mercado vem submergindo sua identidade cultural. A proteção das referências ou práticas culturais da Feira Central depende da garantia de apropriação e “organização” popular dos espaços existentes, mantendo a identidade urbana da Feira.

Foram estas as inquietações que incentivaram o desenvolvimento desta pesquisa de TCC. Para obtenção dessas respostas recorreremos a diferentes tipos de conhecimento observando-se o discurso decorrente das práticas cotidianas em sua realidade material.

O caráter científico deste trabalho busca: a) Necessidade de se pensar geograficamente os desdobramentos que ratifiquem a importância social da feira livre como espaço da promoção da identidade urbana; b) Identificar que categoria geográfica poderia subsidiar melhor o entendimento da feira como espaço de encontro. Por um lado o conceito de território expressa este ambiente como palco das relações de poder. Por outro, a concepção de lugar fundamenta ser este o ambiente da difusão da memória urbana na promoção de identidades espaciais. c) Observar os aspectos em que a ideia de representação social pode fundamentar o entendimento da feira como espaço de identidades.

Assim, a contribuição deste trabalho, será importante para fornecer subsídios para sociedade compreender melhor sua identidade cultural e valorização de relações (ou representações) no espaço vivido. Para ciência geográfica tal pesquisa se faz importante para o enriquecimento de seu arcabouço teórico sobre as relações de produção no espaço público. E por fim, para os gestores públicos, onde permitirá o acesso a informações sobre as problemáticas existentes no espaço estudado.

Inicialmente a metodologia foi pautada na revisão de literaturas, relacionadas a presente temática, tendo em vista a leitura de teses e dissertações sobre a problemática investigada, como também a identificação da representação social presente nos pesquisadores.

Diante da pesquisa bibliográfica realizada no decorrer da pesquisa, foram analisados a concepção da Teoria das representações Sociais, Território, Paisagem e Lugar, assim tal pesquisa foi estruturou-se no método operativo qualitativo, o que busca uma análise precisa na escala do sujeito pesquisado.

Como objetivo geral, busca-se relacionar os tipos de representações dos sujeitos na Feira Central, dessa forma, o Método Qualitativo, resulta uma considerável aproximação dos pesquisados a partir de uma entrevista e da prática e observações participantes.

A importância dessa metodologia está pautada na Análise do Discurso do Sujeito, tendo em vista a investigação qualitativa da produção do espaço, assim consiste na identificação das ideias centrais retiradas do discurso, a ação do sujeito social em suas práticas cotidianas, depoimentos dos próprios usuários do espaço, o que permite ao pesquisador confirmar a posição de determinados grupos estudados sobre o tema proposto.

Na execução do trabalho foi feita a apresentação da pesquisa como trabalho de conclusão de curso, sendo a modalidade (monografia). Tal exposição foi feita de modo que os entrevistados não tivesse acesso direto aos objetivos últimos do tema pesquisado, de que poderia levar ao direcionamento da resposta supostamente correta ou desejada ao tema.

Dessa forma, a pesquisa se fundamenta no método fenomenológico e suas categorias analíticas, neste caso a noção de intencionalidade, percepção e representação social (mapa mental, discursos – falas, expressões sociais) tendo como uma das principais referências à obra de LEFEVRE, LEFEBVRE, 2003.

O presente trabalho está dividido em três capítulos, tendo em vista que na introdução são apresentados à problemática e metodologia. No primeiro capítulo: *A representação social e produção do espaço: uma análise a partir das multiterritorialidades na Feira Central é discutida* o conceito e a Teoria das Representações Sociais na perspectiva da ciência geográfica, que por sua vez, o referencial teórico que correspondem às categorias: paisagem, lugar e território, pautando como representações socioespaciais. Ainda como subitem neste capítulo analisaremos conceito e contexto das feiras no Nordeste, bem como a importância sociocultural da feira central de Campina Grande e sua atual representação espacial. O segundo capítulo versa como foi aplicada a metodologia, subdividindo-se com a análise e síntese da entrevista com grupo focal. Por último, o terceiro capítulo aborda os resultados da pesquisa através da técnica do mapa mental, pautando a percepção dos sujeitos sociais a partir da realidade externa da feira. Além desta divisão estão inseridas as considerações finais, referências, anexos e apêndices.

CAPÍTULO I

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL E PRODUÇÃO DO ESPAÇO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE

“O campo das representações engloba todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior percebida”. (LE GOFF, 1994, p. 11).

A teoria das representações sociais surgiu no campo da sociologia, tendo como fundador o cientista social Émile Durkheim, a partir da análise da importância das representações em uma coletividade e pelo fato de a mesma influenciar nas decisões de um indivíduo. Assim, com o interesse de entender os fenômenos de domínios simbólicos, que decorrem na análise da consciência do imaginário, essa teoria se fortaleceu nos anos 1980 no campo da psicologia social através da obra de Serge Moscovici¹ ao analisar as representações e memória social teorizadas na sociologia.

Para entender o significado dos termos da Teoria da Representação Social (TRS)², faz-se necessário recorrermos aos fundamentos etimológicos para compreendermos os fundamentos epistemológicos.

Segundo Ferreira (2001), a representação pode considerar como a exposição escrita de motivos, queixas, do que se tem na ideia. Já o termo “social” advém de 1. Da sociedade ou relativo a ela. 2. Sociável (FERREIRA, 2001). Nesse sentido, a abordagem da psicologia social busca analisar as produções mentais como resultados de influências sociais, haja vista do seu respectivo convívio social ou grupo de pessoas.

De acordo com o Dicionário de Ciências Sociais (SILVA, 1986), em seu sentido epistemológico, a Teoria das Representações Sociais ou “Representação Coletiva (Representación Colectiva) se apresenta como tradução literal da expressão durkheimiana *représentation collective*. Para Durkheim: a vida coletiva, realidade sui generis, é integrada pelos fatos sociais. A “conscience collective” de que está adotada é, por sua vez, integrada por representações coletivas. Este é o próprio centro do pensamento de Durkheim. Onde há vida coletiva, surgem efeitos que sobrepõem o nível dos indivíduos que compõem a coletividade e que refletem na própria vida da coletividade (...)”. (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1986, p. 1064).

Vale salientar que, as representações sociais são um conjunto de representações individuais, junto a acontecimentos compreendidos particularmente. Assim, “(...) o próprio Durkheim analisa algumas representações coletivas, como fato moral (...), os juízos de valor (...), as formas elementares de origem religiosa (...) a linguagem, a moral (...), o direito, as formas de classificação e etc. são concebidas como diversas em representações coletivas (...)” (SILVA, 1986). Durkheim compreende, assim, as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva ao tempo em que Moscovici esteve interessado em explorar

¹ Psicólogo Social (1928) – foi o primeiro a introduzir o conceito de representações sociais na psicologia social contemporânea a cerca de quarenta anos, em seu trabalho pioneiro intitulado – *La Psychanalyse, son image, et son public* (1961).

² Teoria das Representações Sociais.

a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, existindo assim uma heterogeneidade de representações.

Nessa perspectiva busca-se neste trabalho analisar os tipos de representações dos sujeitos sociais que realizam as práticas espaciais na feira central da cidade de Campina Grande – PB, observando-se a importância das representações dos sujeitos que realizam as práticas socioespaciais na feira livre (central). Possui, portanto, amparo na análise da subjetividade do sujeito coletivo, tendo em vista, a análise de versões da realidade (tipos de representações) que se desdobram através das práticas cotidianas desses sujeitos, para solucionar intervenções ou problemáticas no seu espaço de convívio considerando o contexto sociocultural construídos no imaginário dos indivíduos que vivenciaram/vivenciam tal espaço:

A representação social (...) é caracterizada como uma forma de saber, composta de estados e processos contidos em conteúdos representativos (informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos, etc.), baseados em diferentes suportes, tais como linguagem, discurso, documentos, práticas, dispositivos materiais e mesmo em eventos intra-individuais ou de hipóteses coletivas (espírito, consciência de grupo). Dessa forma os estudos das representações passam a se constituir em um importante instrumento para a compreensão das realidades sociais, e de seus elementos. (...) As representações instauram versões da realidade (...) (ALMEIDA, 2005: p. 47,49).

Diante do exposto, partimos do princípio de que a representação social produz uma visão comum de um grupo social, seja um grupo de classe social, cultural ou profissional. Assim ajuda a manter uma visão comum que é considerada uma evidência e serve para “ler o mundo” cotidiano. Apesar de existirem discursões de que o pensamento comum se afasta da lógica da ciência, as representações sociais fundamentam as formas de conhecimentos construídas e sustentadas por grupos sociais específicos numa determinada conjuntura histórica.

Na perspectiva dos estudos geográficos a representação social corresponde tanto ao “mundo simbólico” (imaginário) quanto ao mundo real, ou seja, à imagem que o indivíduo possui do espaço, como a própria projeção efetiva das ações a se difundirem nele. Nesse sentido, para representar um determinado espaço, seja através do discurso (explicações, ideias, crenças), o sujeito passa a relacionar o mesmo a categorias geográficas como a paisagem - pois para representar um espaço o sujeito faz um “recorte” ou configuração do mesmo, lugar - o qual o sujeito deve se identificar para representa-loe território - onde são expressas as relações de poder sobre o espaço.

O lugar é descrito pela identidade singular e essencial, onde se constrói a partir de uma história, baseada na reflexão do passado e internalizados (MASSEY, 2000, p. 182). Assim os sujeitos sociais que habitam na feira possuem vínculos tradicionais, o que correspondem à veracidade de representar este o espaço, a partir de suas percepções. A experiência vinculada às práticas cotidianas ao lugar são “raízes” de afetividade, que podem ser representadas como importantes reproduções sobre os resultados de interações com meio.

A paisagem e a cultura devem ser compreendidas como uma oposição constante entre a “materialidade” e “imaterialidade”, desse modo à paisagem é composta de áreas distintas de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, ela não é simplesmente uma cena real vista pelo observador, assim é uma generalização derivada da observação de cenas individuais. Na perspectiva geográfica pode-se descrever a paisagem individual como um tipo variável, porém tem sempre um particular que procede de comparação.

O espaço pode ser analisado segundo imagens, identidades e símbolos e representações mentais. Desse modo, o espaço territorializado pode ser percebido como político e pleno de relações de poder que se expressam em discursos. A partir dos valores, significados e ações imateriais da cultura, são oferecidos um leque de concepções distintas de territorializações tornando polissêmico o conceito de território. Para Costa, 2010 os diversos tipos de território estão pautados em três vertentes:

A “política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizada): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionadas ao poder político do Estado”.

A “cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”.

A “econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão ‘territorial’ do trabalho, por exemplo,”.

A forma pela qual os conteúdos das representações são organizados depende do lugar que os indivíduos ocupam ou das funções que exercem. Desta forma, as representações são resultados do que as pessoas vivenciam. A problemática surge com o mote de “se o

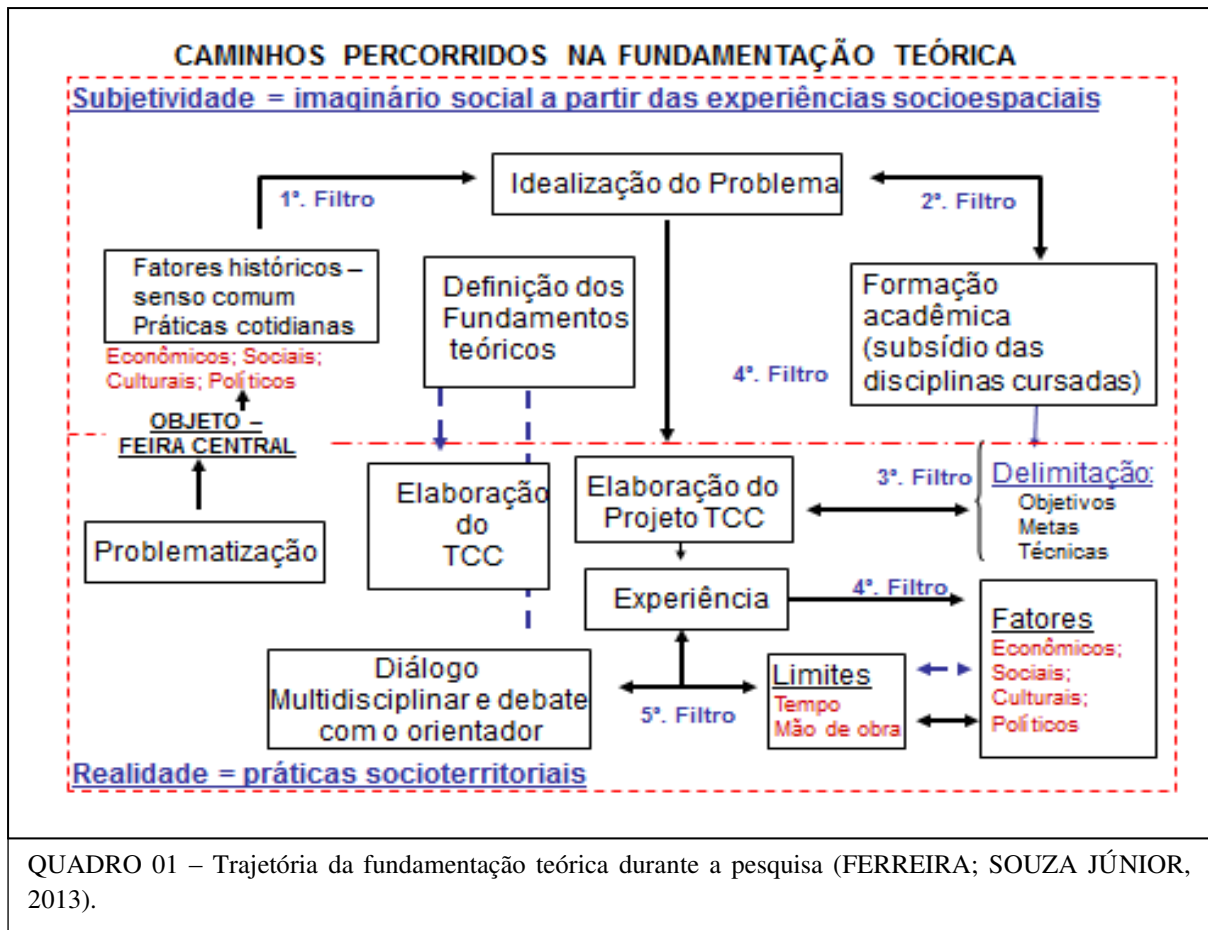
pensamento a respeito do espaço vivido (objeto de estudo) como realidade mental é o mesmo materializado através das práticas socioespaciais”.

O espaço geográfico é também um campo de representação simbólica rico em significados que cumpre a função de expressar os valores da sociedade em suas mais diversas dimensões. Através do conhecimento das representações é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida dos indivíduos, como também em contra partida, podem fornecer dados desfavoráveis de um determinado grupo social.

Vale salientar que os símbolos, os discursos, as práticas sociais consolidam determinadas territorialidades que interferem nas configurações socioespaciais. Assim acredita-se que as representações sociais fornecem um olhar multifacetado proporcionando a percepção de vertentes muito ricas de significados no que se refere ao espaço geográfico. Neste caso, os espaços públicos das feiras livres apresentam diversos aspectos sendo eles: econômico, turístico, histórico e cultural.

A cidade não é constituída apenas de concreto ou funcionalidades, mas por pessoas que a produzem e possuem sentimento pelos seus espaços de vivência. Assim, também a feira não é apenas formada por práticas comerciais, o sentido de feira está além da imagem econômica, mas cultural, social, turística entre outros aspectos. Nesse sentido, é interessante analisar os desdobramentos das relações socioespaciais.

O quadro (01) de referência apresentado possibilita fundamentar a pesquisa a partir do entendimento da existência de uma superposição entre o mundo da subjetividade e o mundo real segundo o qual existe uma interferência direta das práticas socioespaciais dos sujeitos sociais que vivenciam o cotidiano dos espaços, sendo o recorte territorial escolhido a Feira Central devido sua importância histórica na organização territorial de Campina Grande.



Na leitura do gráfico: o campo inferior representando o mundo real e o campo superior o mundo das ideias. A Feira Central aparece na interseção entre esses mundos (mundo das ideias e mundo real) sendo objeto de pesquisa problematizada nas condições econômicas, sociais, culturais e políticas decorrentes das práticas cotidianas no âmbito da subjetividade dando as condições para a idealização do problema (fatores que fundamentam a relevância da pesquisa), o qual tem seu subsídio no segundo filtro que corresponde as informações obtidas durante o Curso da graduação e sendo materializada na elaboração do projeto de TCC. Para concretização do projeto foram fundamentados os objetivos, metas e técnicas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, os quais são igualmente influenciados pelas informações obtidas durante a graduação. A experiência no âmbito das práticas sociais como no âmbito acadêmico possibilitaram visualizar as materializações das relações econômicas, sociais, culturais e políticas existentes nas práticas cotidianas da Feira Central. Tal experiência nos possibilitou chegar no 5º. Filtro identificando os limites (tempo e mão-de-obra) necessários para o desenvolvimento da pesquisa, o qual foi amenizado a partir das reuniões de orientação e das leituras necessários para subsidiar o entendimento dos fundamentos teóricos pautados no entendimento das concepções de representação socioespacial das práticas territoriais das pessoas que sobrevivem e desenvolvem práticas cotidianas dos frequentadores da Feira

Central. Com base nisso estruturamos o TCC que possibilitou o entendimento teórico das representações socioespaciais na Feira Central de Campina Grande.

O presente estudo configura-se, portanto, na possibilidade entre a realidade objetiva (um território delimitado histórica e espacialmente) e uma realidade subjetiva, simbólica, presente na memória e evidenciada nas representações dos lugares como espaço vivido, dotados de um “sentido”, ou melhor, de múltiplos “sentidos”.

A complexidade existente no espaço geográfico com seus vários arranjos torna-se indispensável uma abordagem multi ou transdisciplinar. A busca de fontes teórico-conceituais de outras áreas do conhecimento certamente tem possibilitado um enriquecimento na análise na produção das representações dos territórios, dos lugares, paisagens e todas as complexidades que envolvem esta produção. Nesse sentido, as feiras não são apenas uma referência geográfica externa, mas igualmente um espaço interior, simbólico.

Nesse contexto a configuração das paisagens no âmbito das representações sociais está relacionada a uma imagem obtida a partir da perspectiva do indivíduo; a partir da memória individual, por mais coletiva que possa ser. Tendo em vista, que as representações não são arbitrarias, existe, assim, o mundo das ideias materializadas em discursos, imagens que alcançam uma eficácia social, essas contribuem para configuração de determinadas representações geográficas em sua relação direta com as práticas reais.

A identidade cultural dá sentido ao território. A vivência e experiência produzem um sentido do lugar. Assim, a identidade se manifesta na convivência com o lugar enquanto território, o qual é marcado por multiplicidade de percepções. É possível perceber que os sentidos para os lugares, e territórios com os quais podemos identificar, estão sendo constantemente (re) elaborados. Estão, portanto, sem curso, fato que explica a multiplicidade de representações espaciais, particularmente em ambientes públicos a exemplo da Feira uma vez que esta possui sua identidade cultural que perpassa de geração a geração, ao passo que tal prestígio é evidenciado através das práticas socioespaciais ou representações socioespaciais.

Dessa forma, são vistos como valores importantes para sua coletividade na feira, a familiaridade entre o consumidor e feirante, as práticas tradicionais de compra e venda (pechincha, degustação), configuração espacial da “feira livre”, o produto natural etc. Tal fato motiva um sentimento de identidade e continuidade dessas práticas, contribuindo assim para o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana.

Diante dos valores encontrados nesse espaço público, se fazem necessários a atenção dos gestores públicos, comunidade acadêmica e a conscientização da própria coletividade que arranjam as dinâmicas da feira como os que vivem em torno, com o intuito de preservar a

memória urbana da cidade. Assim, foram definidos alguns valores para analisar e importância da Feira Central de Campina Grande – PB, a saber: 1º A Feira Central é um lugar de trocas comerciais e culturais que possibilitou o crescimento da cidade de Campina Grande, observando-se que as mesmas práticas socioespaciais ainda estão representadas no cotidiano da Feira, fato que revela a permanência mais duradoura da história da cidade. 2º A Feira representa modos tradicionais de compra e venda (a arte da pechincha, experimentar o produto na hora, de senti-los com dos os sentimentos); modos de fazer e ofícios próprios da Feira. 3º A respeito da configuração espacial da Feira, a mesma possui um caráter de “feira livre” e diversificada; organização simbólica dos espaços apropriados pelos feirantes; Fixidez e mobilidade e permeabilidade do espaço público das ruas.

1.1. A Feira Central: um remanescente sociocultural de Campina Grande

A Feira Central de Campina Grande é uma referência espacial e simbólica constituída de múltiplas representações. Para abordarmos sobre os desdobramentos deste objeto de estudo se faz necessário entendermos a importância das feiras livres, do seu conceito à abrangência funcional.

Segundo a etimologia da palavra, feira é “1. Lugar Público, não raro descoberto, onde expõem e vende mercadorias; um lugar de “2. Exposição.” (FERREIRA, 2001, p. 317). Assim, a Feira corresponde a um espaço de uso múltiplo, territorialmente definido em suas práticas cotidianas. Apesar de natureza pública, é um espaço de práticas territoriais privadas decorrente das ações de diferentes segmentos sociais com interesses diversos acerca da apropriação e uso desse espaço.

É fato que a feira corresponde a um espaço historicamente instituído. Muitas cidades surgiram a partir de povoados onde se realizava as feiras a exemplo de Portugal e Brasil, isto no período colonial. Como as feiras possuem múltiplas representatividades econômicas, social, cultural nas cidades, para tanto se faz necessário investigar os tipos de representações da Feira para os sujeitos enquanto espaço de sociabilidade, de sobrevivência, de informalidade de tradição e memória coletiva.

As feiras nordestinas brasileiras se destacam com seus valores históricos, sociais, culturais e econômicos a exemplo da Feira Central de Campina Grande. Estas foram introduzidas pelos portugueses uma vez que os indígenas brasileiros não produziam

mercadorias que fossem considerados relações comerciais. Dessa forma, as feiras no Brasil surgiam a partir de povoados, posteriormente vilas até nos centros das cidades (DANTAS, 2008).

A maioria das feiras no Nordeste brasileiro se deu pelo comércio de gado, caracterizado como uma das principais atividades que contribuíram para as formações da economia nordestina ao assumir um importante papel no desenvolvimento econômico do Nordeste do Brasil.

A atividade pecuária no Nordeste diz respeito ao sistema de transporte do gado que para chegar ao mercado consumidor, fazia inúmeras caminhadas de forma que os longos percursos levaram a criação de atividades pecuárias em inúmeras áreas onde as tropas passavam para descansar, foi assim que surgiram as primeiras povoações e vilas (ANDRADE, 2005). Assim, existiam as fazendas espalhadas pelo interior do Nordeste produzindo alimentos, tecidos e objetos de uso diário. A maior parte das transações era realizada através de trocas de produtos como era o caso da farinha e mandioca.

Dessa forma, surgem inúmeras tropas de gado no interior nordestino, que dará origem a formação de pequenos aglomerados populacionais onde eram realizadas práticas comerciais, ou seja, troca de produtos entre os pequenos agricultores. As práticas comerciais de gado associadas com a crescente necessidade de obtenção de produtos agrícolas na medida em que as sociedades iam se urbanizando, foram aspectos fundamentais para o surgimento das feiras livres como espaço promotor da inclusão social e desenvolvimento econômico das cidades, especialmente as localizadas em ambientes mais interioranos a exemplo do que ocorreu em Campina Grande cuja localização geográfica possibilitou o acolhimento dos tropeiros que comercializavam gado.

A cidade de Campina Grande está situada em uma região propícia a cultura de mandioca, milho e outros cereais. Localizada no agreste paraibano, entre o alto sertão e a zona litorânea, constituía-se como entreposto comercial para aqueles percorriam entre estas regiões, sendo uma posição estratégica no que se refere ao desenvolvimento do estado da Paraíba. De fato, ao longo da história, a situação geográfica de Campina Grande foi um elemento favorável ao seu processo de desenvolvimento territorial, por apresentar-se como eixo centralizador, de um amplo território responsável pelo escoamento dos produtos da região (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 12 a 13).

Campina Grande tornou-se pouso obrigatório para os boiadeiros e tropeiros, no século XVII, os quais edificaram suas primeiras casas de taipas denominada Rua das Barrocas. A cada dia que se passava firmava-se como cidade-mercado, com influência no

interior nordestino, ao passo que se tornava uma ligação entre o sertão da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, tendo em vista, que no XIX a Feira de gado se tornou a mais importante no interior do nordeste. Em 1907 as feiras ganham concorrência, com o advento da estrada de ferro, e ganha novo impulso superando as feiras concorrentes. Logo após, a Feira de algodão se tornou a terceira maior praça do mundo, em meados do século XIX (ARAÚJO, 2006).

Após este crescimento a Feira que se localizou como principal artéria comercial da cidade, a Rua Maciel Pinheiro. Nessa época, a ida à Feira representava um acontecimento talvez mais importante que o próprio domingo. As pessoas vestiam suas melhores roupas e se adornavam de joias, assim a feira um espaço de comércio e de encontros, ou seja, e lugar de sociabilidade (PEREIRA, 1977).

Em 1950 a Feira passou a representar um principal ponto de abastecimento do interior nordestino, como também um lugar de passeios, de encontros, o que em consequência, foram abertas via para facilitar a comunicação entre feiras de outras regiões do Nordeste, assim como procedeu à urbanização em torno da Feira central. Veja a importância da cidade enquanto espaço de sociabilidade:

“a feira central existia duas vezes por semana quartas- feiras e sábados-, a feira de Campina Grande atende ao abastecimento e ao comércio de vasta população que a ela se dirige nestes dias, numa repetição de várias gerações, mantendo ainda hoje um tipo de interação econômica e social cujas origens se identificam com a história da própria cidade” (PEREIRA, 1977, P. 13).

Pode-se então perceber a importância da FeiraCentral para o crescimento da cidade de Campina Grande, está que representa até hoje uma de suas bases de sustentação não mais a fundamental, pois o advento dos grandes mercados passou a impactar a feira, criou-se outro tipo de comércio, a indústria e outros serviços, porém a Feira ainda possui sua representatividade, onde existem milhares de famílias dependem de sua prática comercial.

No período até 1977, é interessante observar que os nomes das ruas partiam ou derivavam de sua função, a exemplo da “Rua do lixo” nesta observa-se a existência da imagem representada pela realidade dos locais distintos, ao dia funciona como uma rua normal, já à noite como ponto de prostituição daí é que vem sua denominação da “Rua Boa” ou “do Lixo” em referência àqueles que lá frequentavam (PEREIRA, 1977).

A Feira Central de Campina Grande localiza-se na mesma área há 70 anos, ocupando uma área de aproximadamente 75.000 metros quadrados no centro da cidade, distribuídas por

nove ruas e um espaço edificado³. O mercado central que funciona todos os dias da semana, sexta aos domingos, dias reservados para atividade de outra Feira no bairro da Prata. Na Feira Central de Campina Grande, é comercializada uma variedade de mercadorias: frutas, verduras, ervas, hortaliças cereais, laticínios, carnes, aves (vivas e abatidas) calçados, roupas e acessórios para pecuária, alimentação pronta dentre outras, além de serviços.

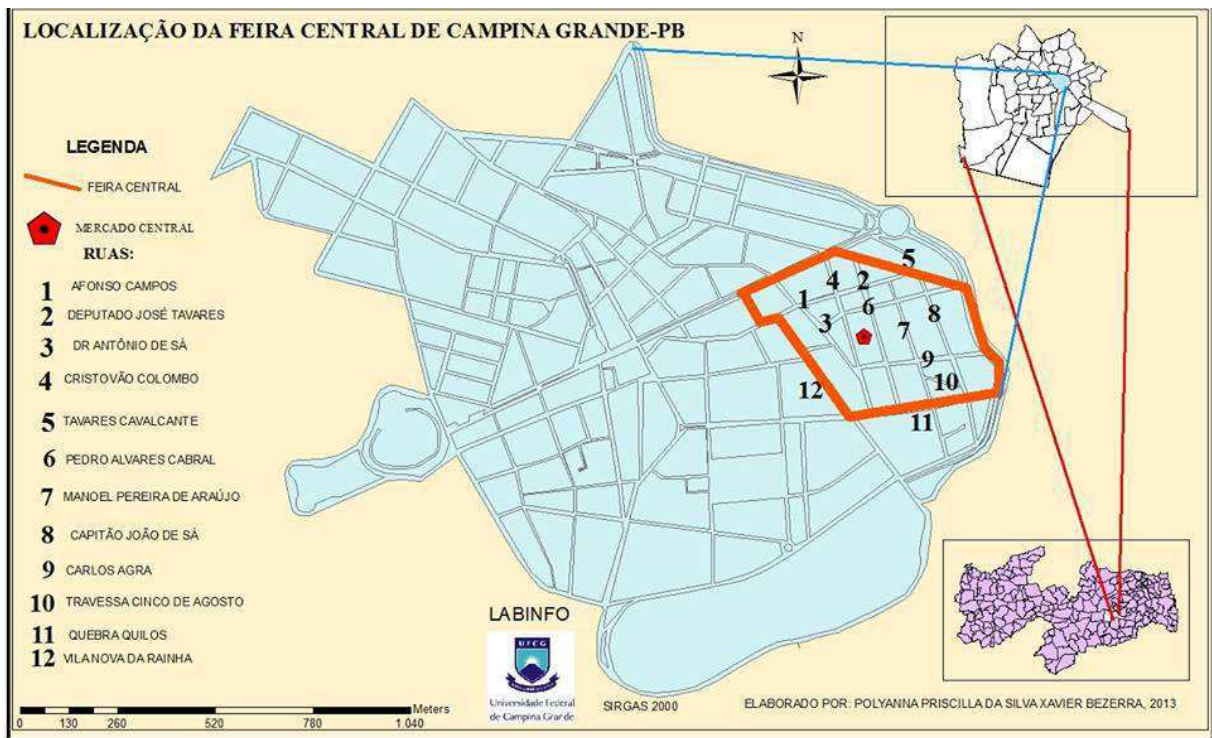
As feiras por terem uma forte característica de produtos alimentícios devem corresponder a uma significativa atenção das políticas públicas de saúde. Será que isso acontece na central de Campina Grande? A organização e melhor aproveitamento do potencial de comercialização devem ter como objetivo eliminar os problemas de saúde pública nas feiras, tal fato condiciona a procura aos supermercados, devido a tal fato de higienização, a sociedade busca que tenham qualidade e higiene. Na atualidade a feira central precisa de melhores condições de higiene, com ampliação de banheiros públicos, com esgotos limpos e protegidos, com o pessoal melhor qualificado, requalificarem a infraestrutura trazendo segurança, estacionamento organizado entre outros fatores.

Outro fator que deve ser abordado além da saúde na Feira é o fenômeno violência que tem afastado os consumidores, gerando sensação de insegurança, daí os supermercados ganham lideranças pela segurança que os fornecem. Os feirantes se deparam não só com a concorrência dos comércios, mas também com a adversidade da violência urbana diante dos assaltos. Os contrastes que dizem respeito à Feira Central de Campina Grande e aos supermercados, hipermercados, Shoppings, são evidenciados em sua realidade.

A Feira Central de Campina Grande constituiu-se através de sua importante localização geográfica, tal fato corresponde a sua centralidade entre as regiões do litoral ao sertão do estado da Paraíba. Encontrando-se no bairro do centro da cidade a mesma configura-se em várias ruas. Vale salientar a quantidade de doze ruas, sendo nove com uso mais intenso (Mapa 01).

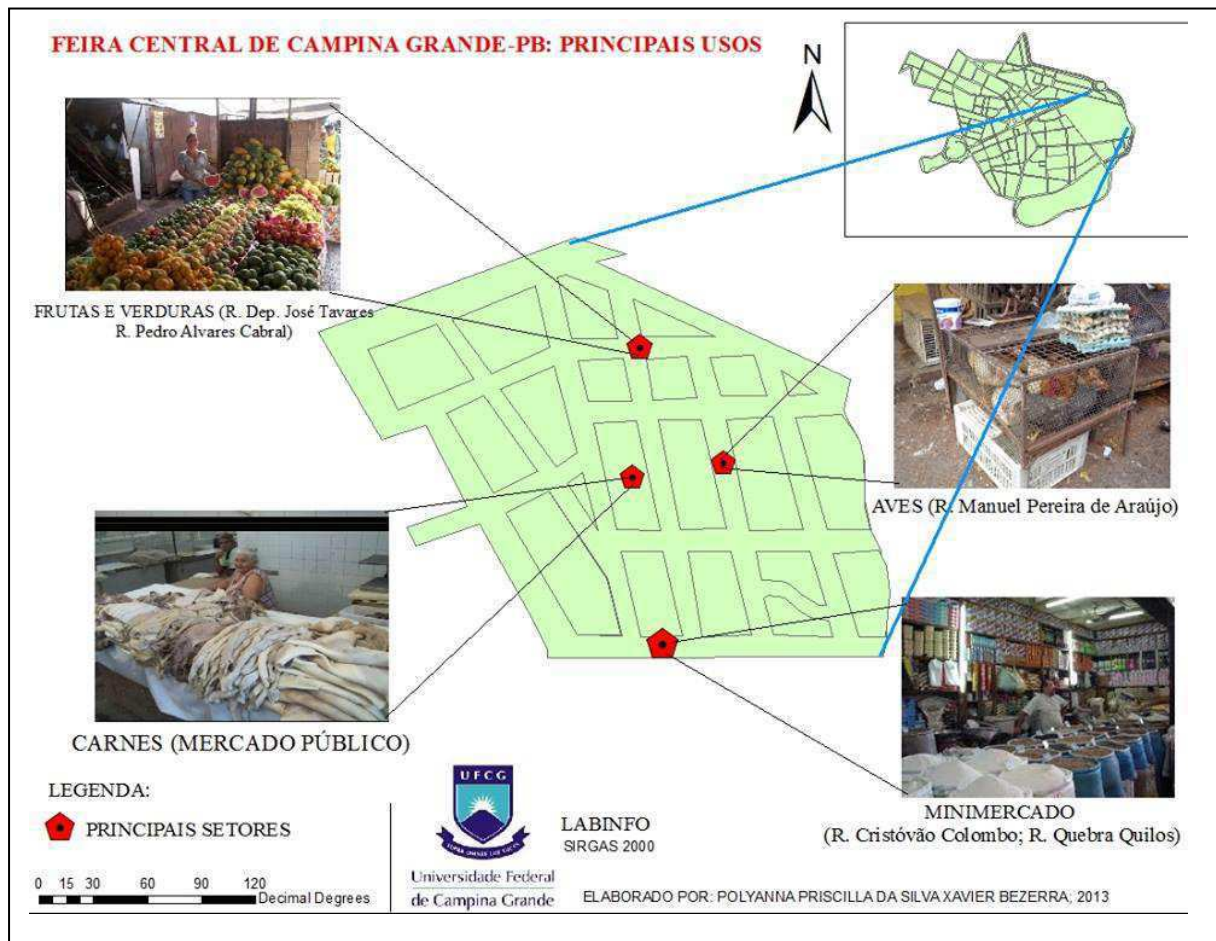
³ Dados fornecidos pela SEPLAN – Secretaria Municipal de Planejamento em 03 Junho de 2013.

Mapa 01 – Localização: Feira Central de Campina Grande



Apesar da variedade de produtos por setores a Feira Central é distribuída em suas principais práticas de usos (funcionalidade) ou tipo de produtos (Mapa 02). O mercado central destaca-se com o setor de carnes (cereais alimentação, queijos e temperos), onde são realizadas práticas culturais e administração da Feira. A Rua Dep. José Tavares com frutas e verduras (temperos); As Ruas Pedro Alves Cabrale Carlos Agra, Rua Marcílio Dias apresentam o setor de frutas e verduras (cereais); Rua Antônio de Sá setor de confecções (variedades, frutas e verduras); as Ruas Cristóvão Colombo e Quebra Quilos com a presença de minimercados; Rua Manuel Pereira de Araújo vendas de aves (galinhas, utensílios domésticos). A Avenida Floriano Peixoto e as Ruas Tavares Cavalcante e Vila Nova da Rainha (paradas de ônibus urbanos); a Avenida Floriano Peixoto e as Ruas Vila Nova da Rainha, Afonso Campos e Capitão João de Sá (Supermercados em torno da feira). Ver (mapa 02) a síntese dos principais usos da Feira Central:

Mapa 02: Feira Central de Campina Grande - Principais Usos



O processo de desenvolvimento do capital vem provocando uma separação do mercado e a feira. Tal fato influencia no distanciamento das pessoas quanto ao uso da feira tornando este espaço um ambiente de estranhamento e segregação. Para amenizar este problema tanto os feirantes como os diferentes segmentos da sociedade que possuem interesse na feira, a exemplo do poder público, têm promovido mudanças que colocam em xeque a identidade cultural desse ambiente a exemplo das propostas de padronização do espaço ou da inclusão de práticas capitalistas que interferem nas relações espontâneas entre os usuários.

Tal fato nos remeteu a curiosidade de se analisar as condições da feira frente a este processo: Seria a Feira capaz de absorver algumas modernizações, através da assimilação de novos produtos e serviços, e tornar possível tal espaço a convivência entre o velho e o novo? São questões observadas ao longo da pesquisa.

De fato, a Feira Central de Campina Grande é motivo de debate pelos gestores públicos na atualidade, pois são discutidas ações necessárias para sua requalificação. Tais questões são mencionadas como a intervenção para reforma no local, pois segundo debates

políticos e informais está em precariedade. Vale salientar, que a Feira Central de Campina Grande faz parte da história da cidade, e que não pode ser esquecida pelo poder público.

A Feira Central de Campina Grande está inserida no contexto atual, tendo em vista aos novos processos de modernização, e advento do mercado. Na década de oitenta a feira sofreu uma intensa concorrência de supermercados, comércio varejista, Shoppings bem como o “comércio informal”. Com este processo a feira possivelmente sofre um processo de retração, em consequência dos novos sujeitos sociais que se pode denominar em tal caso, como as territorialidades (ALBUQUERQUE, 2003).

O processo de desenvolvimento do capital vem provocando uma separação entre os supermercados e a feira, por sua vez as pessoas se tornam cada vez mais desconhecidas e cada vez mais separadas e feira segregada tal processo. Assim, os sujeitos “obrigam-se” a adaptar-se com a nova configuração de relações capitalistas para continuar sua existência. Daí os espaços dos supermercados e feira, possuem seus diferenciais para atrair as pessoas.

CAPÍTULO II

AÇÕES E CONTRADIÇÕES NAS PRÁTICAS TERRITORIAIS NA FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.

“Morar em Campina Grande representa um meio de vida, uma sobrevivência, [...] um lugar onde eu aprendi a comercializar, vender, comprar[...]a feira representa um tudo, ela cresceu com a cidade, ela desenvolveu a cidade, foi ali onde começou toda a história”. (ALMIR – EGF, 2013)

Para compreender os desafios e potencialidades da Feira Central de Campina Grande, no que tange a análise das práticas territoriais recorreremos ao aporte do método qualitativo a partir do uso da entrevista com grupo focal e análise de discurso enquanto recursos metodológicos através dos quais se percebeu que a. A discursão dos fatos que ocorrem neste espaço tem sido uma das principais preocupações dos gestores públicos na atualidade ao buscarem uma discursão ampla com vários segmentos que fazem a feira central para planejamento e execução do projeto de requalificação.

As observações realizadas proporcionaram condições de se analisar a geografização das representações dos sujeitos sociais que realizam as práticas espaciais na feira central, desse modo foi necessária à utilização da análise do sujeito coletivo tendo como reflexo a realidade dos que vivenciam tal espaço

A opção por este fundamento metodológico pauta-se na compreensão de que o mesmo possibilita ao pesquisador uma análise interpretativa da ação social e das características e limites de cada sujeito social envolvido, bem como sua intencionalidade representada especialmente nos discursos, isso apresenta como objetivo deste trabalho.

O método qualitativo surge como opção de análise dos fenômenos sociais sob o prisma dos sujeitos envolvidos. Sua vertente compreende a observação e análise dos diálogos representados nos discursos, tendo assim uma importante forma de obter a realidade dos acontecimentos que vão além de dados quantitativos.

A análise dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) surge como um importante procedimento técnico-científico na investigação qualitativa da produção do espaço. O uso desta técnica consiste na identificação das ideias centrais retiradas no discurso, baseadas em diferentes suportes além do discurso, tais como linguagem, documentos, dispositivos materiais, mapa mentais, assim são expressões, ideias, explicações, pensamentos que retratem a ação do sujeito social em suas práticas cotidianas, bem como depoimentos dos próprios usuários do espaço , fato este que possibilita evidenciar o posicionamento de um determinado grupo social acerca de um objeto.

Desse modo, para o trabalho que busca analisar os tipos representações a partir das relações dos sujeitos que vivenciam o espaço da Feira Central, o Método Qualitativo, possibilitou o envolvimento direto do sujeito-pesquisado com o tema desenvolvido na pesquisa, a partir da técnica operacional da Entrevista com Grupo Focal (EGF) e técnica da observação participante (MINAYO, 2005).

Além da utilização de literaturas na pesquisa, a metodologia foi pautada em técnicas de entrevistas com grupo focal, observação participante e mapa mental. Haja vista, que para

utilização desta proposta metodológica foram usadas bibliografias a respeito da pesquisa social, de forma que a efetiva assimilação da proposta se concretiza com as experiências da mesma.

Para coletas de dados ou informações conforme o objetivo da pesquisa, foram escolhidas: Entrevista com Grupo Focal (EGF) - é a tradicional entrevista em grupo tendo como foco o tema, um grupo a fim de captar a visão mundo, neste caso sobre as diversas discursões de realidade da Feira Central; a Observação Participante (OP) – tal técnica está fundamentada no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou escrita, assim são registrados pelo observador participante no que se refere aos registros, notas breves de forma discreta: O ambiente interno e externo – relação das pessoas com o espaço; Os comportamentos das pessoas no grupo – postura corporal; as normas de conduta explícitas e implícitas; As linguagens – tom de voz. Por fim, a técnica do mapa mental para interpretação da percepção do espaço vivido.

Para construção desta metodologia foi realizado como procedimento: a escolha dos sujeitos, a elaboração do roteiro de perguntas (tópico-guia), preparo do ambiente e a forma de abordagem dos sujeitos a serem entrevistados (LEFÊBVRE, LEFÊBVRE, 2005).

A escolha dos sujeitos foi realizada conforme as características específicas sendo os sujeitos-pesquisados convidados conforme suas características pessoais e conhecimento da área objeto de investigação, desse modo foram convidadas de forma intencional sujeitos que tivessem conhecimento do universo a ser pesquisado, levando em conta características pessoais dos sujeitos a serem entrevistados, vale salientar, o contraste do perfil de representantes mais antigos e mais recentes que vivenciam o espaço estudado.

Assim, foi convidado (formalmente) para a EGF um representante de cada segmento da Feira Central de Campina Grande: Representante da Prefeitura Municipal (gerente da feira); Representante do Sindicato dos Feirantes e Ambulantes da Paraíba (SINCOV), (presidente do sindicato); Representante da Associação dos Comerciantes (presidente da associação); Representante da Associação dos Comerciantes e Empresários da Paraíba (Assessor); Feirante formal (antigo e recente), sendo este cadastrado; Feirante informal (antigo e recente), sendo este não cadastrado; Vendedor ambulante (antigo e recente) e Consumidor (antigo e recente). Das doze pessoas convidadas compareceram oito pessoas, faltando apenas os representantes mais novos (que vivenciam o período de menos tempo a feira), sendo eles: feirante formal, vendedor ambulante e consumidor. Vale salientar, que o mais antigos tinham cerca de 30 á 50 anos de experiência em relação à feira.

A elaboração do roteiro de perguntas (tópico-guia) foi realizada com base em questionamentos que respondam o que se deseja investigar, tendo o cuidado com respostas que sejam mais espontâneas e menos dirigidas possíveis, de modo que cada indivíduo esteja se referindo de forma precisa ao tema desejado. Desse modo, foram elaboradas perguntas que levaram os entrevistados a produção de um discurso, levando o entrevistado a responder o que acha sem a influência do entrevistador.

Com no tema e objetivo do trabalho sobre as os tipos de representações sociospaciais da Feira Central de Campina Grande – PB foram elaboradas as seguintes perguntas: I - O que é morar em Campina Grande e o que a Feira Central representa para você? - II - Fale sobre a sua relação com a Feira Central de Campina Grande? – III - Qual a imagem que você tem da Feira Central enquanto embate do espaço urbano de Campina Grande? Qual a sensação que você tem ao caminhar na Feira Central? – IV - Fale sobre os principais problemas das feiras de Campina Grande e quem seriam os principais responsáveis por seu surgimento – V - Nós últimos anos a Feira Central tem sofrido mudanças sociais e estruturais no ambiente. Quais os segmentos que tem efetivamente contribuído para isto? – VI - Quais os impactos para os feirantes com o advento do mercado formal (shopping, comércio, etc.)? VII – Fale um pouco sobre suas expectativas em relação ao futuro da Feira Central de Campina Grande, especificamente no que se refere a sua tradição e influência na cidade.

Vale salientar que no momento da apresentação foi oferecido aos entrevistados o Termo de Consentimento Livre e esclarecimento (TCLE) para anuência do entrevistado caso a opção, sendo devidamente preenchido pelo mesmo de forma a cumprir com os preceitos da Resolução 196/96 que rege o Comitê de Ética em Pesquisas (Apêndice A).

O local da entrevista foi previamente escolhido e preparado, sendo este um local de privacidade e confortável para qualidade da pesquisa. Tal foi encontro ocorreu na Associação de Comerciantes e Empresários da Paraíba, localizado no centro de Campina Grande. Foram utilizados os materiais como: gravador, filmadora, caneta, papel para transcrição integral e literal do discurso, tais instrumentos foram preparados previamente.

Outro procedimento para estruturar o discurso foi baseado na leitura do mapa mental obtido a partir da entrevista com grupo focal. A utilização dessa técnica tem por objetivo analisar a percepção subjetiva em relação ao espaço estudado, desse como os sujeitos sociais passam a importar através do desenho a própria representação do vivido, da experiência, dos sentimentos em relação à Feira Central, neste podemos observar e analisar os tipos de representações dos indivíduos na entrevista com grupo focal.

2.1. A identidade do “ser campinense” a partir das práticas socioterritoriais na Feira Central de Campina Grande: uma análise de discurso

A Feira Central de Campina Grande é constituída de uma forte cultura popular e com ela sua importância enquanto identidade urbana. A produção de práticas territoriais são realizadas por sujeitos sociais que vivenciam tal espaço, para identificação real dessas práticas e como estas se reproduzem se fez necessário a junção de discursos de indivíduos que represente a coletividade. Tal metodologia busca a veracidade das dinâmicas socioterritoriais neste espaço.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) “[...] é uma proposta de organização de tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos [...]” (LEFÊBVRE, LEFÊBRE, 2003, P. 15). Tal método busca encontrar a fala social a partir do discurso do sujeito coletivo, ou seja, um sujeito social como representante da coletividade, sendo possível a soma de pensamentos ou discursos de um determinado grupo social.

O Sujeito Coletivo [...] trata-se de um *eu* sintático que, ao mesmo tempo em que sinaliza a presença de um sujeito individual do discurso, expressa uma referência coletiva na medida em que esse *eu* fala ou em nome de uma coletividade. Esse discurso coletivo expressa um sujeito coletivo, que viabiliza um pensamento social [...] a sociedade ou as culturas podem ser lidas como um texto. (LEFÊBVRE, LEFÊBRE, 2003, P. 16).

O indivíduo enquanto sujeito social pode expressar o pensamento de uma coletividade sobre um dado tema que por sua vez é visto como um conjunto de discursões construídas em um determinado grupo social. Neste caso, aqueles que vivenciam a feira central.

Entende que o conjunto de falas individuais tem a finalidade que representar um pensamento coletivo. Dessa forma, “Discurso do Sujeito Coletivo, é, em suma, uma forma ou um expediente destinado a fazer a coletividade falar diretamente” (LEFÊBVRE, LEFÊBRE, 2003, P. 16).

Assim, para estruturar o (DSC) sendo a entrevista com grupo focal são criadas figuras metodológicas, sendo elas: as expressões-chave (ECH), que correspondem a pedaços, trechos ou transcrições literais do discurso, que devem – ser sublinhadas, coloridas pelo pesquisador, e revelam a essência do depoimento. As ECH são evidências do discurso empírico, sendo a verdade reconstruída na ideia central. As ideias centrais – é expressão sintética, fidedigna de cada discursos analisados e Ancoragem (AC) – é a manifestação

linguística explícita de uma dada teoria. Segue o exemplo da estrutura da Análise do Sujeito Coletivo (a materialização completa ver em- APÊNDICE 03).

Quadro 02 – Figura Metodológica do Sujeito do Discurso Coletivo

<i>I – O que é morar em Campina Grande e o que a Feira Central representa para você?</i>	
EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIA CENTRAL (IC)
<p><i>02 – Almir. – Morar em Campina Grande, e em primeiro lugar representa um meio de vida, uma sobrevivência, é uma cidade com um aspecto muito bom principalmente no seu clima. No que diz respeito a feira central é o trabalho um lugar de meio de vida também [...] Ali foi um lugar onde eu aprendi a comercializar, vender, comprar. Mas hoje em dia no que diz respeito a feira central de Campina Grande está passando pelo um trabalho de decomposição, ela saiu esquecida pelos nossos administradores fazendo com os seguimentos comerciais de outros bairros se expandisse ea feira fique em terceiro lugar. O que eu acho [...] que deve existir um governo de mobilização, para que a feira, ela passe por uma reforma e agente comerciante que depende dali, que sobrevive dali, possa ter um aspecto melhor. É nesse motivo que a feira central pode significar, mas do que agente possa esperar, pra gente. Hoje, hoje a feira representa um tudo, ela cresceu com cidade, ela desenvolveu a cidade, foi ali onde começou toda a história. E então é uma deficiência muito grande agente saber que ela está decomposição.</i></p>	<p><input type="checkbox"/> IC - A cidade é um espaço de empregabilidade.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC - A feira é um lugar de sustento.</p> <p><input type="checkbox"/> IC - A feira central não é prioridade dos gestores públicos, o que favorece o crescimento dos comércios nos bairros.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A importância da feira central junto ao crescimento da cidade.</p>

Diante da transcrição literal da entrevista através do tópico-guia, podemos observar várias discursões acerca de temas representados durante a investigação. Vale salientar, que o uso dos nomes verdadeiros dos entrevistados foram permitidos, uma vez que todos assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) autorizando o uso de seus nomes, a gravação e filmagem.

A partir das perguntas realizadas durante a entrevista foi observado vários fenômenos que ocorrem ou ocorreram no objeto de estudo, vale salientar que tais acontecimentos correspondem às reproduções através do discurso de sujeitos sociais que fazem parte desta realidade representada.

A primeira pergunta teve como objetivo identificar a relação de cada representante com a cidade de Campina Grande e o que representa a feira central para os mesmos: *I– O que é morar em Campina Grande e o que a Feira Central representa para você?* A discursão para tal indagação não se resultou de forma simples, mais foram citados também problemáticas de cunho político e outros.

A relação com a cidade de Campina Grande foi destacada inicialmente pela sua empregabilidade, seu espaço de trabalho, receptividade e aspecto físico – clima favorável. Segundo o entrevistado Francisco a cidade de Campina Grande é um polo comercial “[...] quatorze ou quinze cidades do interior, vem a esse comércio com a finalidade de fazer suas compras e trazer os produtos que lá eles produzem” (DSC). Vale salientar que a cidade possui uma importante localização geográfica entre o litoral e sertão do estado o que contribui para tal referência.

Neste primeiro tópico além de serem apresentados pontos positivos da cidade e a feira central foram expressos problemas em relação aos mesmos. Dessa forma, o sujeito Francisco, foi enfático em mencionar que “[...] no assunto de higiene de Campina Grande... Deixa a desejar [...] o que nos remete que a mesma não possui uma preocupação considerável a saúde pública.

A Feira Central foi citada como ensejo no desenvolvimento da cidade, fazendo parte apreciável de sua história, tendo sido representada pela maioria dos entrevistados como um lugar de trabalho, sustento e sobrevivência. Como também, um dos maiores centros comerciais do país e uma referência cultural na cidade. Porém, em relação a esta última informação, será que a Feira Central “foi” ou “ainda” é assim? Há controvérsias. Para Almir a Feira Central não é prioridade dos gestores públicos que vem a decair sua economia (favorecendo) descentralizando para segmentos de outros espaços: “[...] á Feira Central de Campina Grande está passando pelo trabalho de decomposição, ela saiu esquecida pelos nossos administradores fazendo com os segmentos comerciais de outros bairros se expandisse e a Feira fique em terceiro lugar”. Vale salientar que “[...] ela decaiu muito porque surgiram os mercadinhos [...]”, ou seja, com o advento do mercado ela passou a perder seu espaço.

Logo no primeiro tópico foram abordados problemas no espaço da Feira Central. Foi citado pelo representante dos consumidores mais antigos sobre o baixo índice de frequência de consumidores devido à falta de fiscalização em estabelecimentos direcionados ao setor de alimentos (carnes) fornecidos a feira. Segundo “Francisco” ainda existe o comércio de carnes impróprio para o consumo na cidade, tendo acesso pela falta de fiscalização rígida.

Entre tais problemas existem a falta de infraestrutura e higiene presentes na feira que promoveram a presença de favelas trazendo o desconforto aos consumidores. Nessa perspectiva a falta de higiene foi referida a um problema histórico, inclusive as mudanças de localização aconteceram por interesses políticos e burgueses, justificados pelo problema do lixo (Agnaldo).

A segunda pergunta corresponde o seguinte: *II – Fale sobre sua relação sobre a Feira Central de Campina Grande?* Nesta foi mencionado relações a partir de suas funções como: a relação de trabalho a exemplo de representantes do sindicato, feirantes, comerciantes, sendo que a maioria deles tem uma relação de tradição familiar, ou seja, possuem “ponto” porque familiares já o tinham. Haja vista que neste tópico foram abordados assuntos importantes.

Inicialmente foi enfatizado o problema dos gestores públicos na falta de ações no planejamento e negligência a Feira, pois em décadas passadas a cultura e o comércio eram expressivos, conforme observado por Almir.

No que se refere aos problemas mais citados foram mencionados a falta de higienização direcionada inclusive a setores específicos como: setor de peixe e o setor de queijo “[...] os produtos estão sendo ao ar livre, da Feira de peixe as moscas vem pra de queijo [...]” (Francisco). Nisto foi sugerido por ele a necessidade de um selo de qualidade para garantia dos produtos da Feira.

Outro fato interessante sobre as contradições das práticas socioterritoriais no ambiente da Feira Central foi ao processo de territorialização. Este acontecimento deve-se a ocorrência da perda de gestão de pública deste espaço, como também em outras feiras. Isto pode ser evidenciado no relato de Francisco: “[...] Campina Grande está recebendo muitas pessoas de cidades do interior, tem comerciante ai que tem cinco ou seis Box alugados e os “filhos” de Campina Grande quer um pequeno negócio e não encontra [...]”, dessa forma, a gestão municipal vem perdendo território, descentralizando poder público para o domínio privado.

Segundo o entrevistado Cícero, além dos diversos problemas citados neste tópico foi acrescentado que o problema da falta de higiene da Feira está relacionado ao comportamento (educação) dos comerciantes da Feira sendo necessário o funcionamento de um código de postura do município para solucionar tal ocorrência. Isto está relacionado ao problema já citado a respeito fiscalização junto à falta de policiamento que poderia auxiliar neste aspecto. Para ele a falta de policiamento tem prejudicado a feira: “[...] quantos policiais existem lá, não tem mais nenhum tiraram, hoje agente vê mais pontos de drogas, cada vez mais pontos de drogas, cada vez mais aumentando, ai a feira está caindo [...]”.

De acordo com Almir, a presença de grandes mercados também é um forte aspecto que tem prejudicado a Feira, embora esta ainda se mantenha “viva” apesar de dificuldades pelo amor, tradição e cultura de pessoas que a frequenta. E é o caso do representante dos

consumidores Francisco, quando expressa seu sentimento e importância pelo espaço da Feira Central:

“... Eu tenho amor à Feira Central como a própria minha casa (...). E vivo assim o dia a dia (...). Temos que ter amor, mais do que temos ainda, porque é como se diz, estão surgindo novos, grandes mercados ai e não vão derrubar a feira porque eu já disse dezesseis cidades do interior despeja em Campina Grande (...) E não vou pra mercadinho não porque não tenho tempo de ir pra fila não. A feira central não acaba nunca! Pode botar de cem em cem metros um mercadinho que ela não se acaba nunca porque é o polo de comércio da região!” (Fala do entrevistado FS sobre a sua relação afetiva com a Feira obtida durante a Entrevista com Grupo Focal realizada no dia 09 de Outubro de 2013).

Para analisarmos a percepção dos sujeitos entrevistados em analogia a imagem da Feira Central em paralelo ao espaço urbano de Campina Grande, foi estruturada a seguinte pergunta: *III – Qual a imagem que você tem da Feira Central enquanto embate do espaço urbano de Campina Grande? Qual a sensação que você tem ao caminhar na feira central?* Em suma foi enfatizada uma imagem pejorativa da feira, e com ela a sensação de insatisfação. Veja como inicia o entrevistado Silvino: [...] lembro quando ia pra feira com painho, e essa mudança de espaço, espaço físico geral da feira, eu acredito que só está se degradando [...], ou seja, uma imagem de degradação da feira.

Na análise do discurso podemos elencar o tipo de imagem e sensação que os representantes da feira expressaram em relação à Feira: Imagem – degradação, desorganização e sensação de insatisfação, péssima, desprezo, desconforto, abandono e medo. Vale salientar, que apenas um dos entrevistados Rafael citou ainda ter uma sensação de alegria devido à diversidade de produtos, a boa qualidade e o preço. Na medida em que são citados os tipos de imagem e sensação os representantes evidenciam o porquê de tal percepção, assim no decorrer do discurso são relatadas as causas dessa representação e impressão da Feira.

Inicialmente a imagem de degradação junto a insatisfação é causada pela não preocupação dos próprios usuários e poderes públicos, conforme observado no discurso de Silvino. Já para Francisco a imagem de desorganização com a péssima sensação é decorrente da bagunça segundo o feirante mais antigo da Feira ao tempo em que para Almir, a sensação de desprezo e desconforto surge pela falta de higiene dos próprios feirantes. Agnaldo compreende que a sensação de abandono remete ao descompromisso do poder público: “[...] caminhando pela feira colega [...] eu mesmo tenho a sensação de está passando por uma favela desprovida de toda assistência do poder público [...]”. E por fim a sensação de medo

veja o que o representante da prefeitura relata “[...] imagina dentro daquele comércio, não existe um policial se quer! Um pra fazer um “chá” pra andar ali [...]”. Assim pode-se afirmar que não existe nenhuma segurança na Feira Central.

Entre os diversos problemas foram bastante comentado a respeito do Código de Postura de Ética do Município que está atrelado às dificuldades citadas. Para Agnaldo a postura dos comerciantes e a fiscalização não dependem apenas do prefeito ou administração da Feira, mas de vários órgãos vinculados (vigilância sanitária, sonorização, STTP).

O foco sobre a indisciplina por parte dos comerciantes leva a desorganização da Feira, este fato foi citado inicialmente como o principal problema. Segundo Antônio “a degradação da nossa, a maioria bota a culpa em mil coisas, mas a principal é o comerciante, o comerciante simplesmente relaxou”. Para o representante da prefeitura isto acontece porque não existe uma lei de postura para os feirantes, desse modo não obedecem à fiscalização, o fato interessante que quando há fiscalização os funcionários são ameaçados pelos feirantes, assim é necessária a educação das pessoas que trabalham na Feira (Agnaldo)

No que se refere ao comportamento foi mencionado sobre a espacialização dos “pontos” comerciais dos feirantes, onde os mesmos ultrapassam seu espaço de trabalho, o que impede a mobilidade e facilita a ação de vândalos para furtos, conforme observado por Francisco: “[...] se você tem três metros para negociar que fique naqueles três metros (...). Deixam um balaio bem grande um perto do outro e só um metro e meio pra gente passar, ‘lá vem a carroça’; em dois minutos três o ladrão coloca a mão no seu bolso pra roubar porque é apertado [...]”. Agnaldo afirma que não adianta uma organização a respeito da demarcação sem uma fiscalização rígida. .

Observe que problema leva ao outro uma vez que a falta de fiscalização, leis rígidas, a desorganização e sujeira; a desorganização leva a imobilidade; a imobilidade à violência. Segundo o representante dos ambulantes mais antigos Almir a solução para a mobilidade deve-se apenas a atitude dos governantes, sendo a favor da relocação dos feirantes organizando-os em setores, assim haverá acessibilidade.

No que tange a violência já foi mencionado que não existe nenhuma segurança ou policiamento. Surgiu um relato que só existe “segurança” porque os próprios comerciantes pagam, haja vista que para o representante da prefeitura não o considera como segurança. A respeito da violência no momento da entrevista o representante da prefeitura Agnaldo recebem uma mensagem sobre um recente arrombamento de um estabelecimento na feira. Pois a ocorrência de violência nesse espaço e a ineficiência do trabalho policial são evidências, veja o relato presenciado pelo Antônio: [...] Ali no meu ponto de confecções o

cara chegou ali, sentou lá, ai pegou a pistola [...] pistola 380, uma pistola ficou pra lá e pra cá e ameaçando todo mundo, a Feira inteira! Inteira! Todo mundo chamando vocês, vocês foram? Vocês apareceram? Sumiram meu amigo! Pra encurtar a conversa o cara ficou atirando pra cima, atirando [...] ‘tá, tá, tá’ meia hora depois chegou dois camburões. Venha logo duas horas depois, há paciência não é?!

O presidente da associação relacionou a imagem da Feira Central com o desenvolvimento urbano da cidade e foi expressivo afirmando que desde o surgimento da Feira ela continua estagnada, tendo havido apenas um grande investimento (a cobertura do mercado público):

“Comparando com o crescimento da cidade, a modernização, a estrutura do grande investimento que tem vindo pra cidade. Hoje agente está no verdadeiro ‘estacionamento’! porque só mercado público tem uma história de 80 anos não é? [...]”.

Levando em conta os pontos positivos que ainda podem existir embora que inexpressivo Almir afirmou que a Feira Central teoricamente é um ponto turístico, pois é pouco visitada, se houvesse interesse dos gestores públicos poderia se tornar um cartão postal para a cidade.

Diante desses vários problemas, foi evidenciado um ainda maior: apesar da existência de uma associação os comerciantes não reivindicam melhorias em coletividade o que piora a situação (Cícero), sendo o crescimento comprometido devido. Assim enquanto não houver uma coletividade nas exigências torna-se difícil seu crescimento (Almir). Já em relação ao segmento especificamente dos consumidores segundo Agnaldo na atualidade as pessoas são mais críticas, passam a reivindicar seus direitos ao Ministério Público e o mesmo ao poder municipal. Para a imagem da Feira Central se tornar uma referência deve-se ocorrer um compromisso dos comerciantes no cumprimento de leis e na organização.

A discursão da próxima questão corrobora os principais problemas da Feira e quem seriam os principais responsáveis por seu surgimento (IV – Fale sobre os principais problemas da Feira de Campina Grande e quem seriam os principais responsáveis por seu surgimento?).

O primeiro problema mencionado foi à segurança e logo em seguida a indisciplina dos comerciantes e feirantes ligados à falta de higiene dos mesmos. Mas quem são os principais responsáveis pelo seu surgimento? Para o representante da prefeitura (Agnaldo) é o poder público e os comerciantes. Inseridos na responsabilidade do poder público está à falta

de fiscalização rígida dos respectivos órgãos responsáveis e a falta de administração no sentido de que o número de funcionários é insuficiente para o gerenciamento da Feira.

Acontecimento em relação à violência é retomado neste tópico, quando é discutida a responsabilidade de órgãos responsáveis o entrevistado Francisco afirma: “[...] É hora de mostrar ao governador, ao comandante da polícia que a feira está morrendo, nesses seis meses morreram quatro ou cinco pessoas [...]”.

Na sequência foi citado o problema da infraestrutura que contribuem para outros problemas. “[...] como existir segurança, higiene em lugar um que em decomposição? É caso da Feira Central.” (Almir). Para solucionar os problemas é necessária uma reforma que organize os setores da Feira Antônio. Com isso, deve acontecer uma reforma geral na Feira, bem como em sua estrutura.

Os problemas da Feira não fazem parte da atual gestão, pois se constitui em um problema histórico. Para o representante dos ambulantes (Almir) a culpa está direcionada a gestão anterior, porque houve a promessa e não cumpriu. Ele concorda que o problema da falta de higiene e desorganização seja também dos feirantes, mas o principal responsável são os governantes que estão à cima, ou seja, no poder. Como setores mais desorganizados foram citados de frutas, carnes e confecções (Antônio).

O tema que gerou mais embate entre os entrevistados foi à isenção de taxas. Inicialmente também a não demarcação de bancos. Segundo Antônio, isto é considerado um benefício para ele, pois antes em seu setor o mesmo tinha todo o trabalho de desmontar seus bancos: “[...] na época “Ronaldo Cunha Lima” autorizou, suspendeu porque antigamente pagava taxa de chão todos os dias, ai tive que no caso minha mãe, minha família tiveram oportunidade de organizar, foi o político que deu oportunidade, parou o sofrimento, vocês não vão desarmar vão ficar a semana inteira, porque antes colocava, armava o banco da terça feira no final da tarde, não é? Pegava lona pesada, não era “molezinha” não.” Neste sentido, foi considerada uma significativa atitude do gestor público da época. Logo o presidente da associação (Cícero) contestou afirmando que essa atitude contribuiu muito para a desorganização na Feira Central.

Para Antônio a culpa não foi de tal gestão, mas de gestões que facilitaram ao ponto de deixarem os feirantes a vontade:

“[...] a primeira oportunidade foi deixar da terça ao sábado não é? Mas outros vinham e começaram a facilitar também e começaram a construir alvenaria [...] Ai continuou a administração pública não atuando efetivamente, ficando omissa, omissa!”(EGF).

Daí os gestores não impediram tal prática, ou seja, a omissão da administração pública provocou a desorganização.

O mesmo (Cícero) que foi totalmente contra a atitude de isenção de taxas na Feira argumentou que este espaço está no abandono, exatamente pelos gestores não cobrarem impostos. Os representantes Agnaldo, Almir e Francisco concordaram: Como os feirantes podiam exigir limpeza da prefeitura sem pagarem impostos a ela? Para o funcionamento da Feira devem-se pagar impostos. Francisco é enfático nessa questão para ele se não existe o dever de pagar ao poder público, não se tem o direito de cobrar seus direitos: “[...] quando eu botei um banquinho lá eu pagava três reais faz trinta anos, vinha o fiscal e todo mundo pagava e agente cobrava os direitos da gente. No entanto, agora pra reformular o mercado, porque se ninguém pagar ninguém tem direito”.

O representante do sindicato conclui tal tópico argumentando a necessidade de apenas não mencionar problemas no discurso as de sugerir soluções com ele, em síntese o mesmo apresenta que os problemas são: segurança, estrutura física, saneamento básico (higiene), pavimentação e indisciplina dos comerciantes e feirantes, como sugestão após um reforma, fala sobre atividades: culturais e ações sociais na Feira.

Desse modo, pode-se constatar que os principais responsáveis a respeito da dificuldade da feira são dois segmentos: O poder público e os comerciantes, conforme observado por Antônio em relação aos principais problemas: “Então, esse é meu ponto de vista, há uma omissão por parte dos gestores, toda essa falta de investimento na feira, pra ela caminhar o mínimo possível, essa questão de acessibilidade, segurança, porque quando também você não tem acesso, você também não vai ter segurança não é? Quando você não tem uma disciplina rígida, você não ter higiene, o cara chegar e jogar o lixo isso é um absurdo [...]”. Ou seja, como ideia central os problemas estão atrelados: falta de acessibilidade à insegurança; indisciplina à falta de higiene, tendo como responsável a falta de investimento e omissão do poder público e indisciplina dos feirantes.

A quinta pergunta apoia a anterior observe no decorrer da análise de discurso deste tópico: V – Nos últimos anos a Feira Central tem sofrido mudanças sociais e estruturais no ambiente. Quais os segmentos que tem efetivamente contribuído para isto? Assim, o representante da prefeitura (Agnaldo) citou as mudanças sociais e elencou: A presença de pedintes, moradores na Feira (favelas), prostíbulos e pontos de drogas, as mudanças estruturais, foram mencionadas as mudanças geográficas motivadas pelos feirantes em colocar

seus “pontos” em locais indevidos. Quanto o principal segmento responsável é gestão pública em suas esferas (Municipal, Estadual e Federal).

A respeito de mudanças sociais no ambiente da Feira Central foram citados com ênfase a insegurança e a presença de drogas, até mesmo na postura de comerciantes que segundo Francisco existe venda de drogas pelos próprios comerciantes da Feira: “Tem um deles que vende carne de “sol” e vende droga! [...]”.

No que se refere às mudanças estruturais ou espaciais, o representante da associação cita que tal processo deve-se aos feirantes que invadiram as ruas e dificultaram a mobilidade. Ainda enfatizou como o segmento que mais afetou na organização da Feira, exemplificou os setores que mais contribuíram para isto, a invasão dos setores de frutas e verduras: “[...] Foi o feirante que invadiu as ruas infringindo seus limites, as barracas de frutas, verduras, realmente causou um grande impacto, porque se for às ruas das extremidades hoje praticamente elas são mais invadidas por “frutas e verduras” [...] então foi o segmento que mais afetou nos problemas”.

O representante da associação dos comerciantes e empresários (Rosalvo) contextualizou uma abordagem a respeito de um segmento mais específico, sobre as causas de mudanças sociais e estruturais da Feira Central de Campina Grande. As feiras tem sua importância histórica no surgimento das cidades, dessa forma a Feira deve-se ter uma atenção maior para ela. Assim, como os grandes mercados investem em mudanças a “Feira” deve ter essa preocupação. O advento dos supermercados, o tipo de mercadoria eletroeletrônica tem afetado os setores tradicionais da Feira como o artesanato, ou seja, a modernização. Dessa forma, os setores tradicionais estão se acabando por não ter apoio.

Para Francisco o governo tem mais interesse nos grandes mercados porque arrecadam impostos significativos, não tendo preocupação com o mercado central, porque não existe uma arrecadação para eles, eis a polêmica dos impostos.

Enquanto as mudanças espaciais devem existir uma espacialização dos setores: “[...] está faltando uma espacialização da Feira, pra ela se especializar por setor e com isso atender o maior número de pessoas, agora dentro de uma estrutura lógica, não aquela bagunça do “Pau do Meio” que tem ali [...]” (Rosalvo).

O exemplo de falta de investimentos na Feira Central foi citado o problema no setor de carne, pois não existe fiscalização: “[...] aquela degradação que é a Feira de carne a Feira de peixe, porque se o ministério público se quiser fecha a Feira de carne e peixe como o mercado, se ele for ao pé da letra no rigor da lei fecharia tudo [...]” Com isso, a má qualidade

e diminuição na venda nos últimos tempos: “[...] Eu conheci Campina Grande matando 450 bois, hoje estão em 120, 130 bois mais ou menos”.

Apesar do surgimento de grandes mercados, bem como os mercadinhos nos bairros “graças” a questão cultural as pessoas ainda frequentam a Feira, pois também ainda existe a cultura de comprar a carne “fresquinha” vindo da própria região, isto é apenas encontrado na feira (Cícero).

Como foi discutido na pergunta anterior a respeito da modernidade, o advento do mercado e com os impactos na Feira Central, constituiu a seguinte tópico: VI – Quais os impactos para os feirantes com o advento do mercado formal (shopping, comércio, etc.)? Nesta discussão foi realizada uma analogia entre o espaço privado (shopping e mercados) e o espaço público da (Feira Central).

Prevaleceu o argumento unanime nos grandes mercados e shoppings existem segurança, mobilidade e higiene (os funcionários tem postura), ao contrário da falta de acessibilidade ao espaço da Feira e a mobilidade dentro dela. Na feira existem “trabalhadores” como os carroceiros que podem ser ladrões, não existe ronda policial (Agnaldo). Vale salientar, o processo de globalização, a modernidade impactou a Feira com o cartão de crédito: “Um dos outros fatores, o comércio que influenciou demais na degradação da feira central chama-se o cartão de crédito [...] (Antônio)”.

Outro ponto bastante discutido inserido no contexto da globalização foi o uso da mídia, para Cícero isto é um grande potencial dos grandes mercados, estes se fortaleceram com a utilização da mídia, são impactos para Feira. Logo neste, aspecto Almir enfatizou, que deveria existir uma mídia direcionada a Feira Central, apresentando a qualidade do produto regional que é vendido na feira, assim como representou no mapa mental de (Cícero). Esse assunto é visto apenas como promessas do governo municipal: “[...] eles falaram que iam fazer esse trabalho de mídia pra gente [...]”, isto para divulgação da carne, relata o presidente da associação dos comerciantes.

Surgiu um embate entre o entrevistado Francisco e Cícero de que existe comércio de carnes na Feira que são impróprios para consumo chamadas de “xavecos” pelos consumidores, afirmou (Francisco): “[...] eu comprei dez quilos da carne “chan de dentro” joguei no mato, eu não sabia porque a tarimba era de um comerciante conhecido não é, ai quando comprei a carne, mandei pelo menino, a mulher disse a carne não prestou não.” Contestando (Cícero) que não existem “xavecos” na Feira.

Na investigação do discurso coletivo foi perguntado para os entrevistados de que forma os mesmos convenceriam visitantes irem à Feira Central de Campina Grande hoje e

quais a vantagem de ir a uma Feira? Para Antônio a única coisa boa é verdura fresquinha e barata; Agnaldo Preço, pechinha e barganha. Além dessas (CR) relata vantagens que não tem em supermercados: chinelinho rasteiro, “quebra – queixo”, queijo enxuto.

Anteriormente foi mencionado por um dos entrevistados que os governantes investiam apenas supermercados devido à contra partida de expressivos impostos. Porém o faturamento da Feira vem decaindo nas ultimas décadas, e os que dependem dela podem ser diretamente prejudicados. Um fato que deve ser visto é o público da feira, os frequentadores da Feira Central visitam por hábito: “[...] o público médio que frequenta a Feira, faça um levantamento pra você vê, se não é de uma classe que passou de cinquenta anos, sessenta anos, são pessoas que estão indo pra lá porque [...] pela força do hábito”.

Com isso, deve-se existir uma reforma total na Feira para atrair os jovens, caso contrário ela vai regredir, pois os supermercados estão em crescente investimento e Feira não, isto compromete o futuro da Feira: “[...] A feira livre ou ela começa a atrair os jovens e pra isso ela tem que mudar totalmente ou ela vai tentar cada vez mais regredir, porque os supermercados estão faturando [...] a Feira não tem mais jovem, qual o pai que vai levar o jovem pra feira tendo supermercados, hipermercados ele tem mil atrativos lá minha gente! E a Feira não oferece nada, os velhos que estão na faixa de cinquenta anos, sessenta anos, daqui a dez vinte anos não existe mais, e a Feira vai se acabando vai ficar um grupinho pequeno [...]”.

(Rosalvo).

A existência de contrastes entre os espaços do Shopping e Mercado Público são claros: Shopping – higiene, ar-condicionado, estacionamento, segurança, áreas de lazer a Feira Livre – sujeira, insegurança, falta de estacionamento, falta de estrutura, pedintes. O sujeito Almir afirma que os impactos são profundos “Uma coisa que não progride não subsistirá”. Se a feira não progredir deixará de existir.

No entanto, o último tópico as perspectivas dos representantes em relação a Feira: VII – Fale um pouco sobre suas expectativas em relação a Feira Central de Campina Grande, especificamente no que se refere a sua tradição e influência na imagem da cidade. Em suma as expectativas foram as melhores e com urgência a respeito da necessidade da reforma.

Para dignificar o título de patrimônio imaterial a Feira deve existir uma mudança completa: Saneamento, limpeza, infraestrutura e organização no mercado público. A Feira hoje é preocupação de pesquisadores e a prefeitura, deve se aproveitar deste momento para fazer as coisas acontecerem. A relocação do meio da rua é necessária, porque está atrapalhando a mobilidade, acessibilidade e segurança para os sujeitos da feira (Rosalvo).

Acredita-se na atual gestão junto à mobilização dos feirantes a Feira se tornará um polo turístico que beneficiem todas as classes Almir. Para Francisco a Feira atualmente não é um ponto turístico, pode ser quando houver a realização do atual projeto de requalificação da Feira. Ele acredita que a reforma será nesta gestão unicamente por interesse pessoal político: “Eu acredito que dessa vez sai, por conta de duas coisas, tem dois políticos aê, um deles tem um renome [...], está entrando agora e quer se firmar [...] não precisa nem dizer que ele quer se firmar por isso eu acredito que vai sair. Estou acreditando unicamente nisso”.

Espera-se que a requalificação beneficiará a todos sem distinção (Silvino). A expectativa é promissora, tendo em vista, o projeto que se trata de questões sociais e está sendo realizado em conjunto – prefeitura e os feirantes de forma transparente. Não haverá perda cultural na feira, haja vista, a diversidade de produtos regionais que só a Feira tem, pois a Feira possui sua importância existem milhares de famílias que dependem dessa prática (Cícero).

Foi solicitado na entrevista para que o representante da prefeitura apresentasse um pouco sobre o atual projeto de revitalização, ele apenas mencionou que o projeto está acontecendo de forma diferenciada (humanizada), com uma equipe voltada para questões sociais: Psicólogos, assistentes sociais que não havia anteriormente. Mencionou a importância de comerciantes “revoltados” porque estão em busca de melhorias para a Feira e parabenizou a metodologia do grupo focal na pesquisa, por juntar representantes significativos para discussão de melhorias para Feira Central de Campina Grande, a qual superou suas expectativas.

Com base, na análise do Discurso Coletivo permitiu-se elaborar uma síntese do mesmo, dessa forma veja a tabela abaixo:

SÍNTESE DO DISCURSO	
<i>I – O que é morar em Campina Grande e o que a Feira Central representa para você?</i>	
Antônio Cícero Rafael Almir	- A Feira é um importante local de sustento
Cícero Almir Francisco Silvino	- A importância da Feira para cidade apesar, do abandono da gestão pública.

<p>Almir e Cícero foram os únicos a relacionar a importância da Feira para o sustento e para a cidade de Campina Grande embora reconheçam que existe uma ausência da gestão pública no que se refere à promoção de segurança, saúde, condições de trabalho e infraestrutura.</p>	
<p><i>II – Fale sobre a sua relação com a Feira Central de Campina Grande</i></p>	
<p>Almir Cícero Francisco</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação de tradição familiar com a Feira. - As relações permanentes na Feira são de pessoas que mantem seu sentimento e tradição por este espaço. - A presença dos hipermercados, privatizações internas no espaço da Feira e a falta de ações no planejamento de gestores públicos, fazem com que diminuam as práticas de consumo e comércio na Feira. - A falta de higiene em determinados setores afetam as relações de consumidores na Feira.
<p>Almir Antônio Cícero</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação de trabalho. - A falta de segurança e postura de comerciantes na Feira impedem as práticas de consumo e serviços de administração no local.
<p>Almir e Francisco destacaram que o público que mantém o relacionamento permanente na Feira são por sentimento e tradicionalismo, para eles o surgimento dos supermercados e a falta de ações governamentais, contribuem para o baixo índice de frequênciano espaço público da Feira.</p>	
<p><i>III – Qual a imagem que você tem da Feira Central enquanto embate do espaço urbano de Campina Grande? Qual a sensação que você tem ao caminhar na Feira Central?</i></p>	
<p>Antônio Silvino Cícero Agnaldo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A imagem de degradação, desorganização, declínio e abandono, leva a sensação de insatisfação, abandono e medo em relação a Feira.
<p>Antônio Francisco Silvino Almir Cícero Agnaldo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A imagem de desorganização devido à invasão dos feirantes na rua, o que leva a imobilidade, e a falta de ação dos governantes. - Da imobilidade á insegurança.
<p>Almir</p>	<ul style="list-style-type: none"> - A Feira deixou de ser uma referência turística devido à ausência do poder público.
<p>Cícero Almir</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As reivindicações devem ser coletivas para o melhoramento da Feira.
<p>Almir Agnaldo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As mudanças espaciais na Feira aconteceram e acontecem por interesse exclusivamente “políticos”.
<p>Almir, Cícero e Agnaldo enfatizaram a imagem de desorganização ea falta de progresso na Feira, isso devido à indisciplina dos feirantes em invadirem as ruas, o que provoca problemas em relação à mobilidade e por sua vez contribui para as práticas de furtos. Nisto a ausência do poder público, contudo contribui para tais problemas na, tendo em vista a sensação de insatisfação, abandono e medo. Assim a Feira deixa de ser uma referência turística, o que depende também do interesse de todos os segmentos da Feira.</p>	
<p><i>IV – Fale sobre os principais problemas da Feira de Campina Grande e quem seriam os principais responsáveis por seu surgimento?</i></p>	
<p>Antônio Agnaldo Francisco</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os problemas são desorganização, infraestrutura, falta de acessibilidade à insegurança, indisciplina a falta de higiene, tendo como responsável a falta de investimento, omissão do poder público e postura dos feirantes.

Almir Rafael	
Agnaldo Francisco	- Os principais responsáveis pelo problema da Feira são o poder público e postura dos feirantes.
Agnaldo Silvino	- O problema da Feira é histórico (de gestões passadas).
Cícero Agnaldo Almir Francisco	- O problema de não cobrar impostos
Agnaldo e Francisco destacaram que os principais problemas da Feira são: desorganização, infraestrutura, acessibilidade, insegurança, indisciplina dos feirantes, falta de higiene e omissão do poder público (neste incluíse a falta de cobrança de impostos) o que prejudicou as relações de direitos e deveres entre os feirantes e o poder público, tendo em vista que o problema é histórico. Os principais responsáveis são o poder público e feirantes (comerciantes).	
<i>V – Nos últimos anos a Feira Central tem sofrido mudanças sociais e estruturais no ambiente. Quais os segmentos que tem efetivamente contribuído para isto?</i>	
Agnaldo Cícero	- As mudanças sociais com a presença de pedintes, ambientes de prostituição e pontos de drogas. - As mudanças estruturais no que diz respeito à desorganização da Feira é postura dos feirantes (invadirem as ruas), gerando imobilidade.
Agnaldo Antônio Almir	- Os segmentos que tem contribuído para os problemas na Feira é a omissão dos órgãos governamentais.
Rosalvo Francisco Agnaldo	- A Feira tem sua importância histórica no surgimento da cidade. - Os supermercados provocaram mudanças na Feira, no que se refere a mercadorias eletrônicas (tecnologia) diminuindo o comércio de produtos artesanais por falta de investimento do poder público. A ausência do poder público promove a falta de higiene, insegurança.
Francisco	- A falta de arrecadação promoveu a omissão de ações políticas.
Cícero	- Apesar das mudanças sociais e estruturais na Feira ainda existe a cultura de comprar alimentos da própria região.
Para Agnaldo, Francisco e Cícero as principais mudanças sociais foram: a presença de pedintes, prostíbulo, pontos de drogas, quanto às mudanças estruturais e espaciais correspondem à falta de mobilidade provocada pela desorganização nos setores da Feira promovidos pelos próprios feirantes. Os segmentos que contribuem para essas mudanças é a omissão do poder público, como também o advento dos supermercados, apesar de que mesmo de forma inexpressiva ainda exista o hábito de comprar produtos singulares na Feira.	
<i>VI – Quais os impactos para os feirantes com o advento do mercado formal (shopping, comércio, etc.)?</i>	
Agnaldo Rosalvo Almir Cícero	- A procura por ambientes privados, pois os mesmos possuem segurança, mobilidade, acessibilidade, higiene, atrativos (áreas de lazer, praças), profissionais preparados ao contrário da Feira, nessa perspectiva a culpa desses impactos são dos governantes. Tais impactos afastam o público jovem e compromete o futuro da Feira.
Antônio	- O impacto provocado pela modernidade especificamente o uso do cartão de crédito.
Cícero Almir	- O uso da mídia tem intensificado as vendas nos supermercados, ao contrário da ausência desse instrumento na Feira, o qual desfavorece o valor do produto regional comercializado na feira. Isso pelo desinteresse do poder público.

<p>Almir e Cícero destacaram os impactos para os feirantes relacionando as divergências dos espaços privados com o espaço público, ressaltando contrastes entre o Shopping (segurança, mobilidade, acessibilidade, higiene, ar-condicionado, estacionamento, áreas de lazer) e a Feira (Sujeira, insegurança, falta de estacionamento, falta de estrutura, pedintes). Como também a falta de interesse do poder público em propagar o produto regional diferentes da forte divulgação dos produtos mercadológicos.</p>	
<p><i>VII – Se você convidasse alguém para ir a Feira Central, de que forma você convenceria argumentando quais as vantagens de visita-la?</i></p>	
Almir Antônio	- É impossível tendo como principal fator a insegurança.
Antônio Agnaldo Cícero	- A única coisa boa é verdura “fresquinha”, o preço, a barganha, diferente dos supermercados, existem o “chinelinho” rasteiro, o doce “quebra-queixo”, queijo enxuto.
<p>Antônio frisou que existe apenas a vantagem de comprar um produto regional na Feira, sendo impossível convidar alguém para Feira pelo principal fator da insegurança.</p>	
<p><i>VIII – Fale um pouco sobre suas expectativas em relação à Feira Central de Campina Grande, especificamente no que se refere a sua tradição e influência na imagem da cidade.</i></p>	
Rosalvo	- Para feira ser reconhecida como patrimônio imaterial deve-se existir uma mudança completa (aspectos sociais e estruturais). Tendo em vista, a execução da reforma pelo gestor público.
Almir Antônio Francisco Cícero Agnaldo	- A atual gestão realizará a reforma e se tornará um polo turístico na cidade.
Antônio Silvino Almir	- A reforma será um renascimento da Feira e beneficiará a todos, vale salientar que o interesse da requalificação é exclusivamente por interesse partidário.
Agnaldo Cícero	- A requalificação é diferenciada abrangendo o aspecto social (assistentes sociais, psicólogos) e estrutural, não afetando as práticas culturais na Feira.
<p>Para Agnaldo, Almir, Antônio e Cícero a expectativa em relação à promissora, tal fato tornará a feira uma referência turística promovendo o desenvolvimento da cidade, o que beneficiará a todos, essa esperança deve-se ao fato da forma em o projeto foi apresentado. Vale salientar que a requalificação pode ser apenas por interesse partidária.</p>	

Com base na síntese do discurso, observamos especificamente os tipos de representação da Feira Central através da superposição de ideias de cada sujeito coletivo. Assim, proporcionou as seguintes representações através da entrevista: A Feira Central representa um importante papel de sustento para a cidade de Campina Grande, tendo em vista, que a atual realidade da Feira corresponde a ausência da gestão pública no que se refere a promoção de segurança, saúde, condições de trabalho e infraestrutura.

O sentimento e tradicionalismo são os fatores que mantem a dinâmica da Feira, tendo em vista que os motivos que levam o baixo índice de frequência estão relacionados à opção de supermercados, a falta de ações governamentais e privatizações no espaço da feira.

A imagem de desorganização e declínio está presente na Feira, tais problemas devem-se ao fato de indisciplina dos feirantes em invadirem as ruas, o que gera a falta de

mobilidade e por sua vez chega a contribuir para a prática de furtos, outro caso é a falta de ações do governo, esses fatores proporcionam em suma a sensação de insatisfação, abandono, medo em relação ao ambiente da Feira Central. Vale salientar que pode se tornar uma referência turística, com a intensificação de reivindicações de todos os segmentos responsáveis.

Entre os principais problemas que se pode elencar na Feira Central de Campina Grande são: desorganização, infraestrutura, acessibilidade, insegurança, indisciplina dos feirantes, falta de higiene e omissão do poder público (neste incluíse a falta de cobrança de impostos) o que prejudicou as relações de direitos e deveres entre os feirantes e o poder público, tendo em vista que o problema é histórico. Como também, segundo os a maioria dos representantes os principais segmentos responsáveis pelos problemas da são: o poder público e os feirantes (comerciantes).

As mudanças sociais ocorridas na Feira Central nos últimos anos foram citadas: a presença de pedintes, prostitutas e usuários de drogas, quanto às mudanças estruturais e espaciais correspondem à falta de mobilidade provocada pela desorganização nos setores da feira, promovidos pelos próprios feirantes. Os segmentos que contribuem para essas modificações é a omissão do poder público, como também especificamente advento dos supermercados, apesar de que mesmo de forma inexpressiva, ainda exista o hábito de comprar produtos particulares da Feira.

Os impactos para os feirantes foram relacionados às divergências dos espaços privados ao espaço público, ressaltando contrastes entre o Shopping (segurança, mobilidade, acessibilidade, higiene, ar-condicionado, estacionamento, áreas de lazer) e a Feira (Sujeira, insegurança, falta de estacionamento, falta de estrutura, pedintes). Haja vista, a falta de interesse do poder público em propagar os produtos regionais, diferentemente da forte divulgação de produtos mercadológicos.

Os benefícios de visitar a Feira Central atualmente é exclusivamente pela vantagem de comprar produtos regionais, porém a insegurança é um dos principais fatores que desmotivam a procura pela Feira Central.

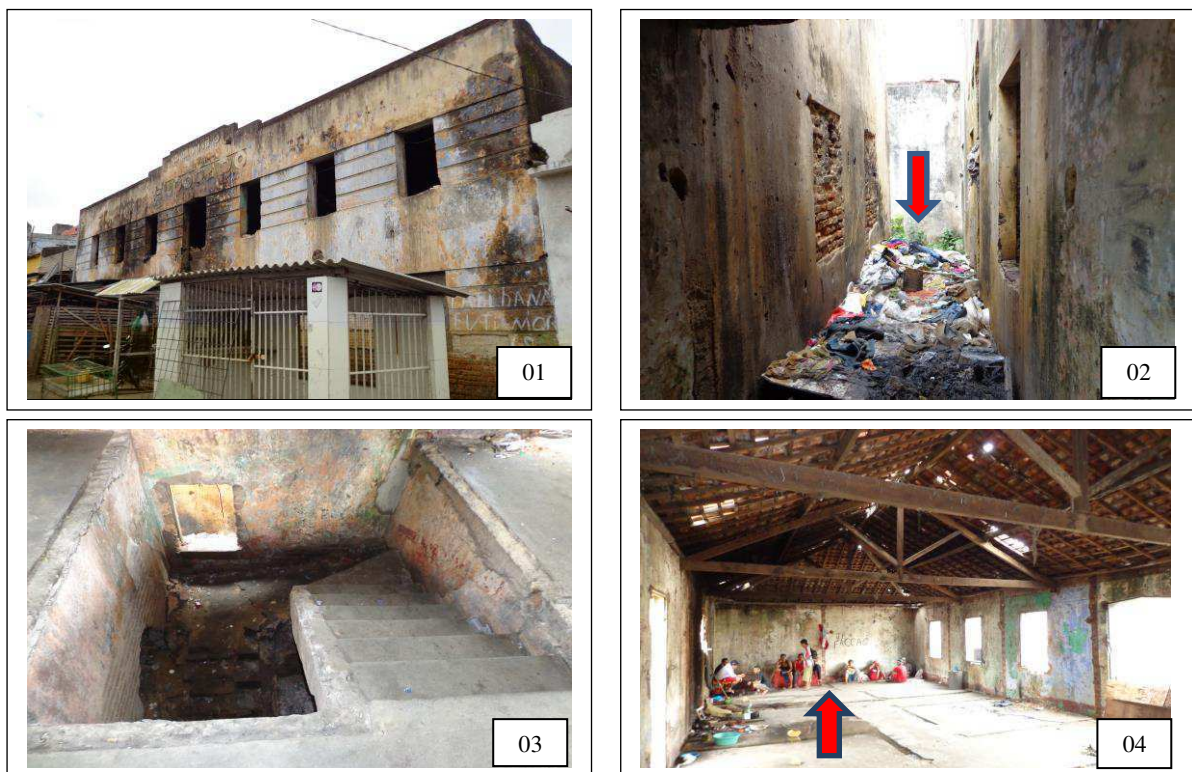
No entanto, a expectativa pela reforma da Feira Central é promissora, esperasse que a Feira Central torne-se uma referência no turismo, promovendo o desenvolvimento da cidade, o que beneficiará a todos os segmentos, essa esperança deve-se ao fato da atual proposta de requalificação, de forma que no projeto é participativo com a presença de vários segmentos: pesquisadores da universidade, poder público, feirantes e consumidores, sendo discutidos aspectos sociais.

Com base na pesquisa realizada em loco, pode-se perceber a realidade de problemas no espaço da Feira, desse modo, se faz necessário a pesquisa através de fotografias o qual é um aporte para evidenciar algumas das dificuldades vivenciadas pelos sujeitos, que vivenciam o ambiente da Feira Central.

Podemos observar (Esquema 01) a situação atual do antigo estabelecimento reconhecido de acordo com a história em “nível” de Nordeste, segundo relatos de antigos frequentadores da Feira Central. Tal ambiente encontra-se em condições precárias, o que nos chama atenção é que o mesmo não está “abandonado”, mas ocupado por usuários de drogas, pedintes, além de ser utilizado como um espaço de prostituição. Veja na indicação (foto 02) lixo e a presença de sujeitos utilizando tal estabelecimento (foto 04). Isto corrobora a ênfase quanto o discurso os coletivo (DSC), tendo em vista, o problema de insegurança e a falta de reconhecimento do poder público em relação à importância deste espaço.

O Eldorado tem sido motivo de discursão dos gestores públicos no contexto da revitalização da Feira. Este pode ser requalificado e reconhecido como patrimônio histórico do Brasil e como consequência uma referência no turismo da cidade.

Esquema 01: Antigo “Cassino Eldorado” na Feira Central

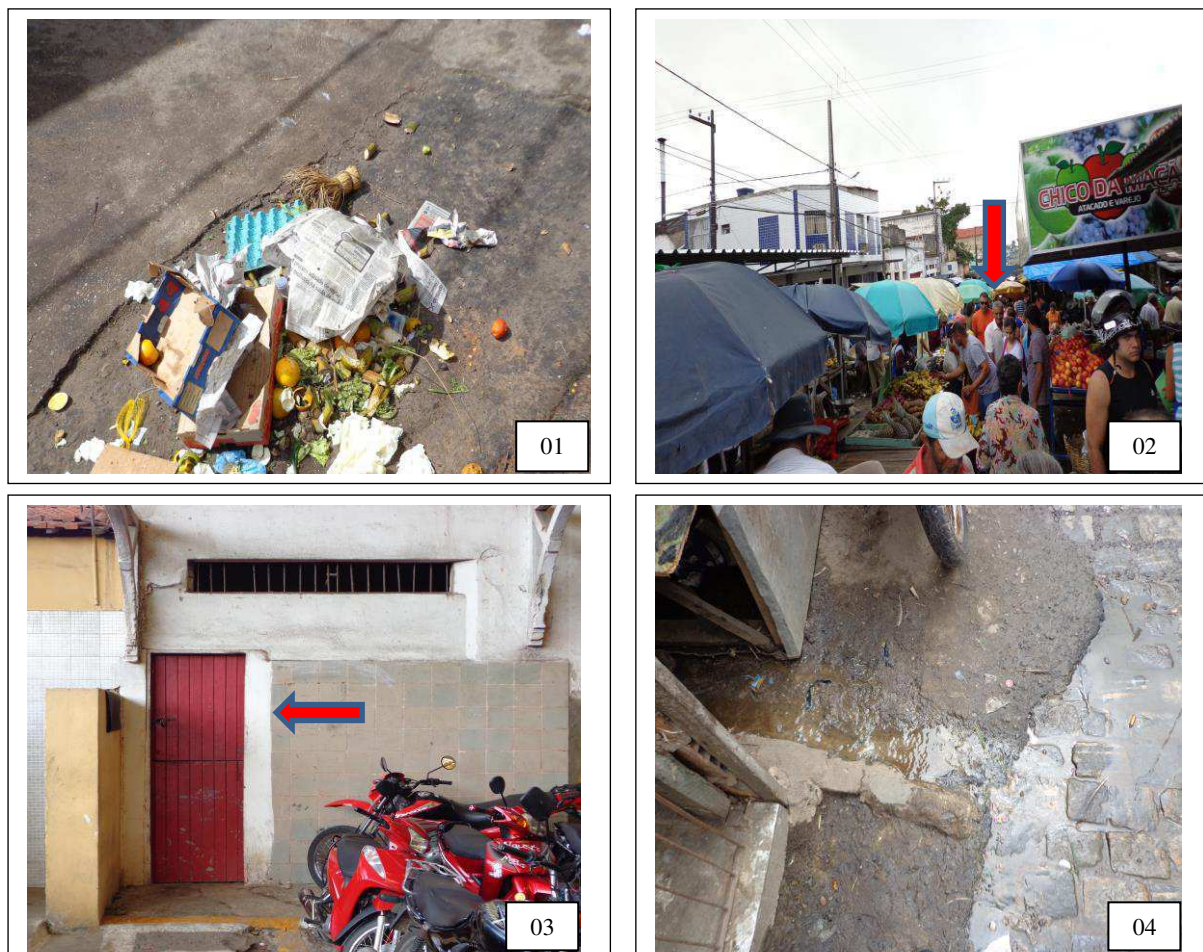


Fonte: FERREIRA, em 06 de Julho de 2013 – Rua. Manuel Pereira Araújo – “Cassino Eldorado”.

Entre outros problemas que vem impactando a Feira Central, desde seu aspecto social ou espacial podemos diagnosticar alguns. Além da referência “patrimonial” do “Eldorado” foram também discutidas e mencionadas representações significativas de outros pontos como o “Pau do Meio” e o “Tropicana” os quais se encontram com a mesma caracterização de ocupação. Dessa forma o (esquema 02) evidencia alguns dos principais problemas da Feira na atualidade: o lixo; problemas de mobilidade (foto 02) no ambiente da Feira Central.

Outro fator de grande preocupação é a falta de policiamento, veja na sequência das figuras o posto policial desativado (foto 03), o que facilita a ação de assaltantes no local. Isso nos faz pensar o conjunto de problemas existentes na Feira Central, no que diz respeito à saúde, segurança e mobilidade. Assim, podemos sintetizar problemas que devem ser revolidos com urgência: ausência de higiene, assalto, tráfico de drogas, mobilidade entre outro que prejudicam o funcionamento deste espaço.

Esquema 02: Alguns dos problemas evidenciados na Feira Central



CAPÍTULO III

RELAÇÃO A PARTIR DO MAPA MENTAL

“Eu fiz aqui um coração representando um mercado que ele está se acabando, o coração dele [...] Eu fiz aqui o coração da feira central, representa a “vida” da feira” (SOUTO, 2013).

A elaboração de mapas mentais elaborados pelos sujeitos sociais envolvidos na pesquisa corresponde a outro procedimento adotado como aporte a metodologia utilizada na pesquisa sendo este elaborado durante a realização da entrevista com Grupo Focal.

Esta técnica mostra-se importante na pesquisa geográfica devido a possibilidade de se obter a leitura espacial da área objeto de estudo a partir da experiência e percepção socioespacial evidenciando realidades que se materializam através das práticas cotidianas de sujeitos na produção e apropriação espacial.

Tal entendimento está fundamentado na compreensão de que a Geografia não é apenas feita de práticas e habilidades espaciais mas de experiências e subjetividades. E essa perspectiva está, portanto, relacionada ao entendimento de que a cidade não é apenas construída de concreto, estruturas arquitetônicas, espaços públicos, sendo fruto da construção social, produto das relações afetivas do ser humano com o meio, ou seja, determinados lugares pode trazer a memória experiências negativas ou não, o espaço se torna lugar quando atribuímos a personalidade.

Assim precisamos entender como os indivíduos apreendem determinados lugares e paisagens, como na totalidade e na particularidades os sujeitos percebem e sentem determinado local. Em busca de contribuir com essa discussão, foi utilizada a técnica do mapa mental.

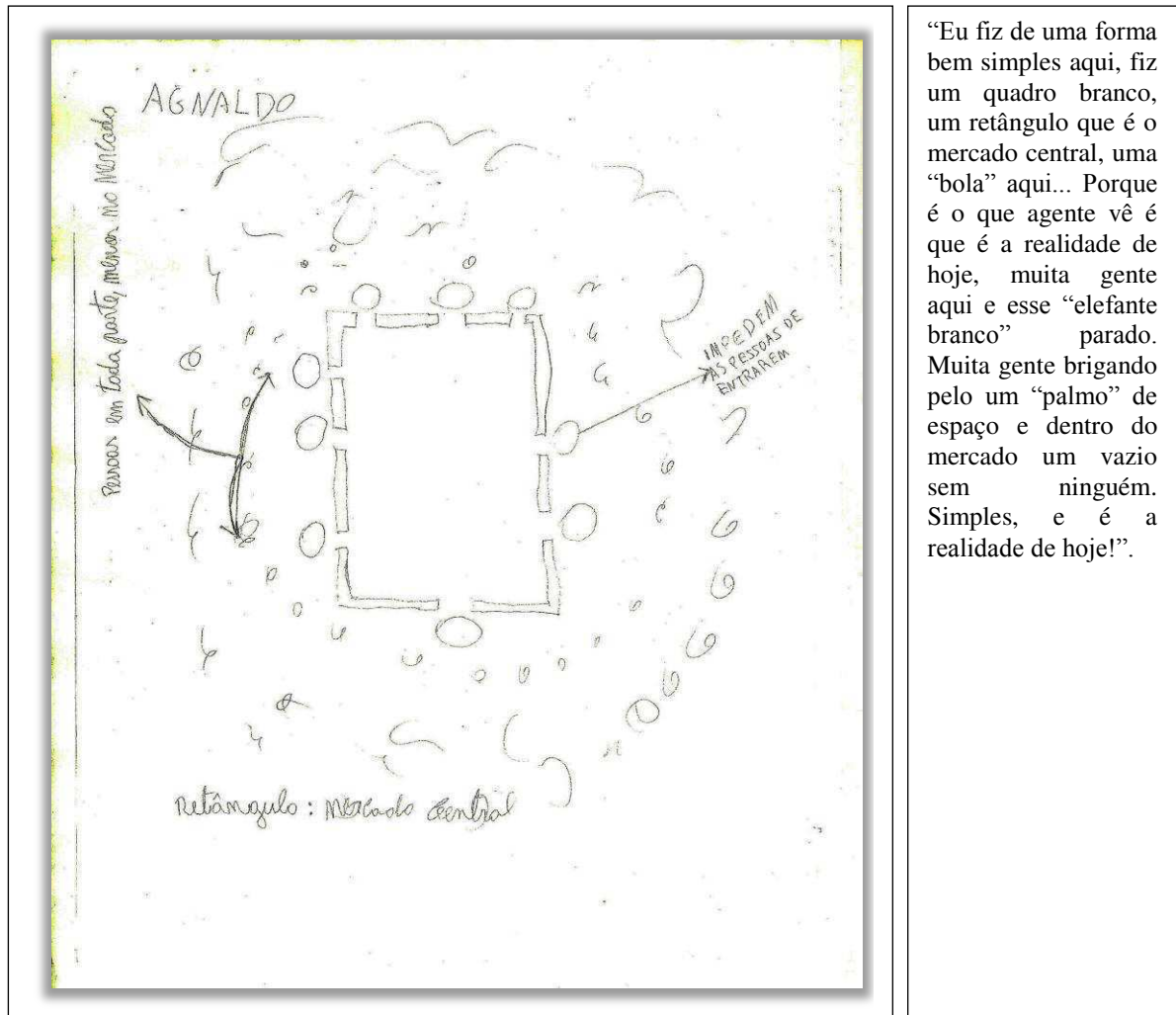
Os mapas mentais são considerados imagens espaciais que os indivíduos constroem nos lugares. Desse modo as representações podem ser do espaço vivido das pessoas, tendo aspectos históricos, econômicos, sociais e culturais (ARCHELA, 2004). O mapa mental é visualizado como a própria representação do espaço vivido, da experiência, dos sentidos e relações que o indivíduos desenvolvem ao interagir com os lugares.

O lugar é o espaço do convívio familiar, cotidiano, é onde o indivíduo faz a prática da experiência, da identidade e afetividade (TUAN, 1983). Desse modo, o mapa mental pode ser uma ferramenta imprescindível nos estudos dos lugares, pois essa técnica fornece aos pesquisadores a captação da realidade que os sujeitos vivenciam, tal representação é considerada como versão da realidade, o que pode favorecer a identificação do que está acontecendo no lugar estudado, seja um fenômeno positivo ou negativo, sendo assim buscar soluções para mesmas.

As representações a seguir foram obtidas a partir da entrevista com grupo focal. Vale salientar, que todos os sujeitos entrevistados autorizaram o uso de seus nomes através do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido. As entrevistas foram de suma importância, pois auxiliaram no entendimento dos aspectos materializados nos mapas mentais de cada sujeito

coletivo. As experiências dos mapas mentais podem ser observados nos esquemas a seguir, acompanhadas das descrições de seus representantes:

FIGURA – 01 - Representação da Feira Central: Perspectiva do representante da prefeitura



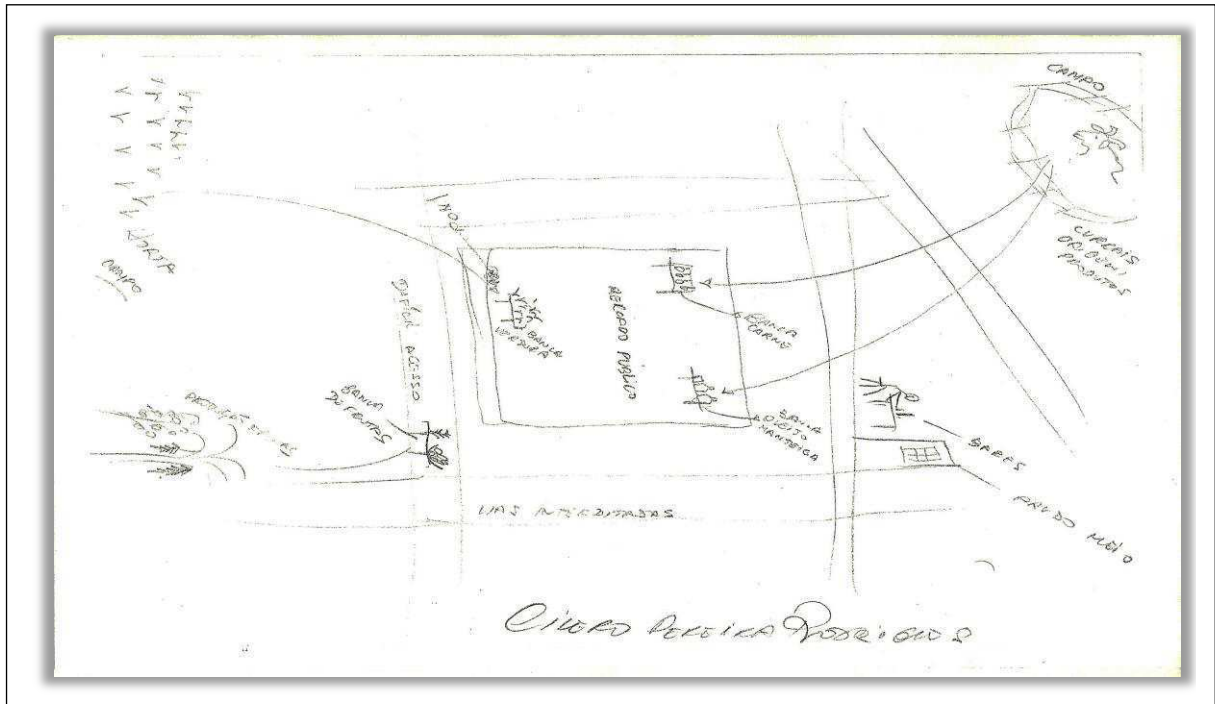
“Eu fiz de uma forma bem simples aqui, fiz um quadro branco, um retângulo que é o mercado central, uma “bola” aqui... Porque é o que agente vê é que é a realidade de hoje, muita gente aqui e esse “elefante branco” parado. Muita gente brigando pelo um “palmo” de espaço e dentro do mercado um vazio sem ninguém. Simples, e é a realidade de hoje!”.

Fonte: Mapa mental elaborado por Aginaldo Batista /Data: 09 de Julho de 2013.

Nesta (Figura 01) a cima podemos observar uma visão ampla do representante da prefeitura (gerente da feira central). O mesmo apresenta o mercado público com o espaço vazio (quadrado branco), sem uso, enquanto que existe uma segregação (pigmentos) de pessoas ao redor deste mercado. Isto nos remete a má distribuição espacial e social na Feira Central, como também o desperdício do espaço do mercado que poderia está ativo atendendo as relações comerciais. O mesmo apresenta a imagem relatando como disputas de território na parte externa do mercado.

Vale salientar, que apesar de observamos a ausência de elementos cartográficos, esta técnica não desprestigia a percepção dos sujeitos em relação ao espaço estudado.

FIGURA 02 – Representação da Feira Central: perspectiva do presidente da associação dos comerciantes.



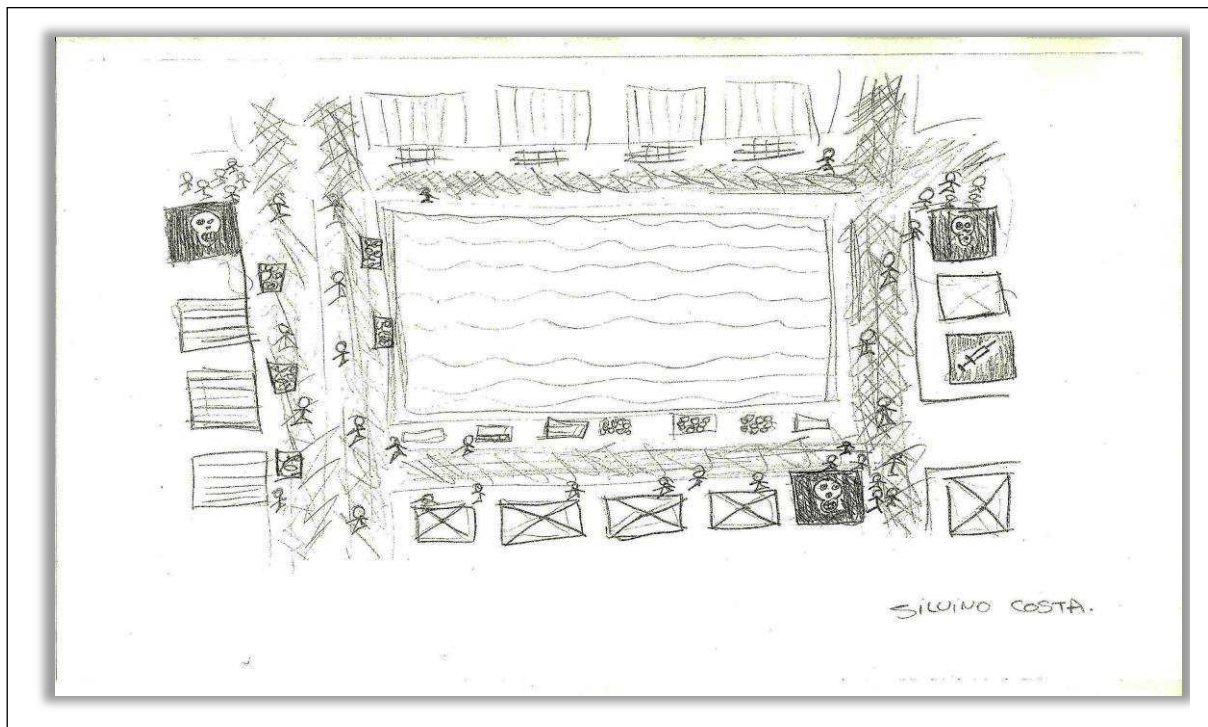
“Aqui eu fiz um rascunho rápido, aqui temos é o interior do mercado e essa “setazinha” que é a origem do animal... uma questão de nossa cultura mesmo eu trabalho com carne e agente tem a prática de comprar a carne no campo né, isso é uma... questão cultural muito forte que temos, porque o boi que vai ser criado nesse campo não vai ser consumido por hipermercado, nem por supermercado a origem sempre vai ser pra feira mesmo. Nesse mesmo campo, nessa mesma produção agente tem a produção de leite, queijo em fim... uma diversidade de produtos. Aqui localizado mais ou menos, localizado no “Pau do Meio”, onde tem uns barzinho assim.... que são meio inconvenientes né; aqui coloquei, ruas interditadas porque as vezes é tão difícil o acesso, que eu coloquei como se tivesse interditadas; abaixo eu fiz um “risquinho” pra caracterizar uma horta no campo. E o mesmo tipo de trajeto, finalidade em fim que é a produção das hortaliças nossas da nossa região que vai ser comercializadas nas feiras, como também algumas produções de frutas, fiz aqui “frutinhas”: banana e tal.

Fonte: Mapa mental elaborado por Cícero Rodrigues /Data: 09 de Julho de 2013.

O mapa mental representado na (Figura 02) representado pelo presidente da da associação dos comerciantes enfatiza a forte cultura das relações diretas inter-regionais entre a Feira e o campo. O mesmo é comerciante de carnes e mostra a importância do tipo (qualidade) do produto que não existe nos supermercados, veja que ele desenha a relação do animal e produtos que são vendidos exclusivamente na Feira, além de outros produtos como o leite, queijo e frutas.

A presença de bares ilícitos próximo a patrimônio histórico. Vale salientar a percepção espacial a respeito da imobilidade, ele desenha bancos de frutas que impedem a acessibilidade, como também ruas interditas, tais bancos são colocados pelos feirantes, no (DSC) foi abordado a respeito da postura de feirantes, o que impedia a mobilidade e acesso na Feira.

FIGURA 03: Representação da Feira Central: perspectiva do presidente do sindicato dos feirantes e ambulantes.

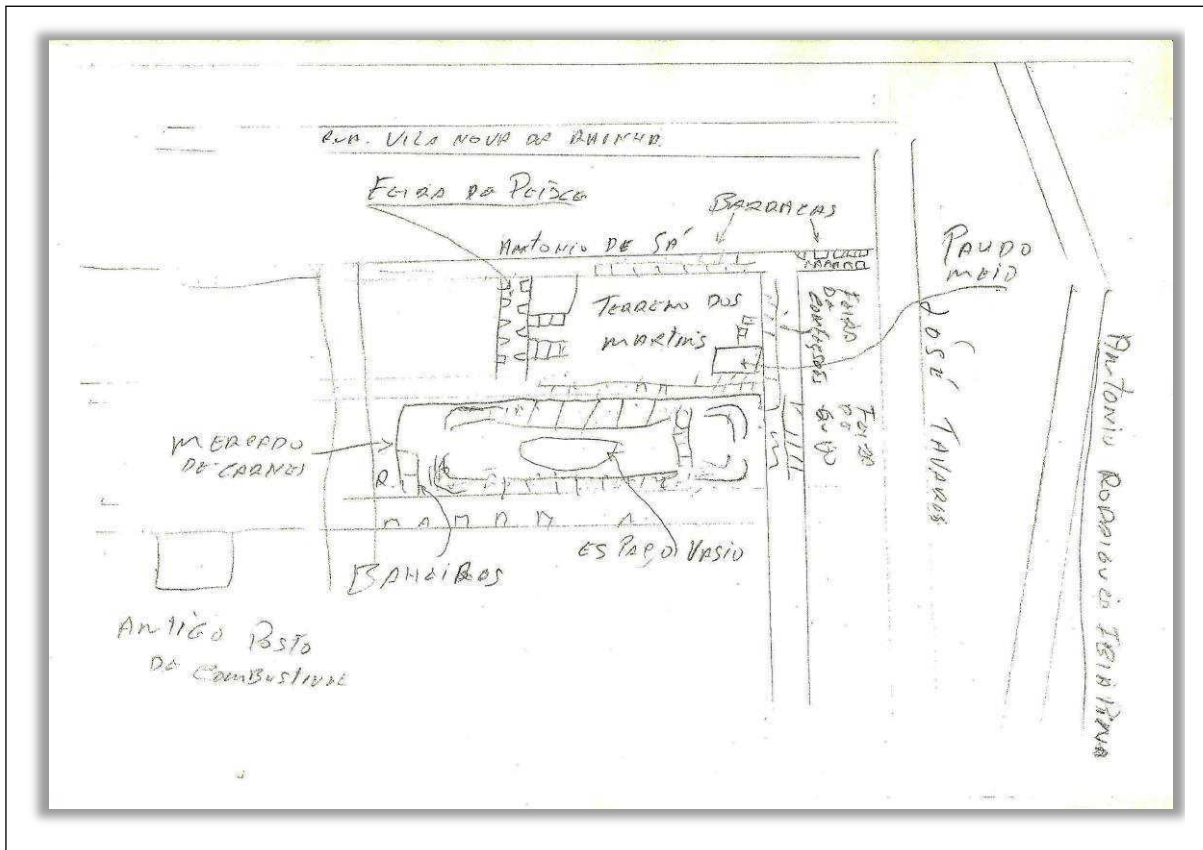


“É da feira atual né, pontos de drogas é... E muito lixo”.

Fonte: Mapa mental elaborado por Silvino Júnior /Data: 09 de Julho de 2013.

O mapa mental da (Figura 03) acima representada foi elaborado pelo presidente do sindicato. Um dos aspectos relevantes está relacionado à preocupação de representar na imagem um dos dois principais problemas discutidos na entrevista (DSC) o uso e tráfico de drogas ao redor do mercado público e o lixo como menciona em sua fala. Veja qual a percepção dele em relação ao espaço da Feira Central? Uma imagem de violência e sujeira.

FIGURA 04: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante formal.

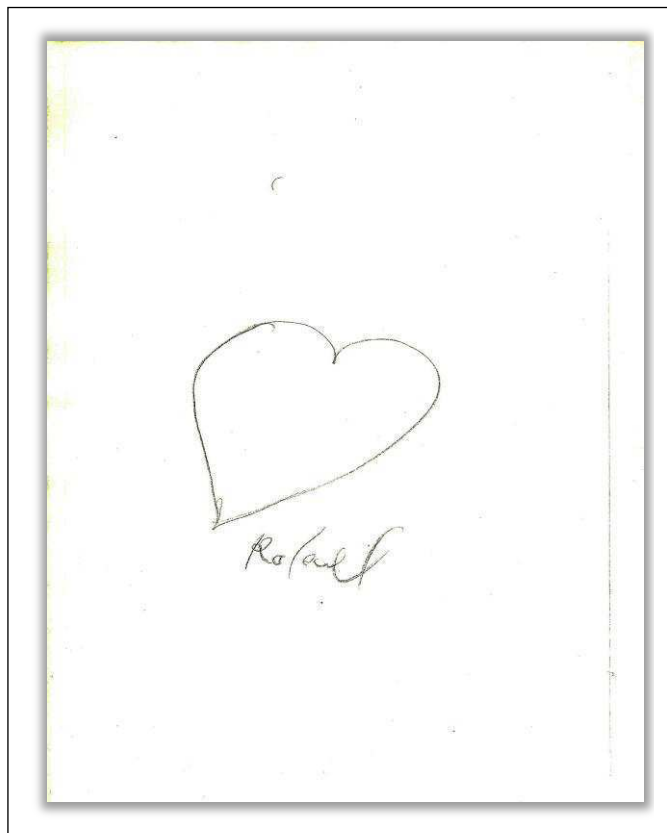


“Você pediu para representar e... eu fiz o que estava na minha mente na hora né. Então eu desenhei a feira como está no momento... não coloquei expressão como gostaria que fosse não, [...] como está no momento, uma bagunça total, aqui como está no desenho, ‘diz sorrindo’”.

Fonte: Mapa mental elaborado por Antônio Ibiapina /Data: 09 de Julho de 2013.

Nesta representação (Figura 04) o feirante apresenta o nome das ruas mostrando sua percepção espacial. Está imagem o feirante (antigo) considera a realidade atual da Feira. Percebemos que autor se preocupou bastante em esboçar elementos estruturais, tais como: banheiros, mercado público, setores (confeções, o qual o mesmo trabalha, citam os setores de peixes, carnes e ao património histórico o “pau do meio”). Observamos neste caso, um domínio em relação à percepção organizacional da Feira, onde cada produto. A sua imagem corrobora a percepção do representante da prefeitura, onde apresenta o espaço vazio do mercado público, porém faz menção a realidade atual da feira que segundo seu relato está em desordem.

FIGURA 05: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante informal.



“Eu fiz aqui um coração representando um mercado que ele está se acabando, o coração dele [...] Eu fiz aqui o coração da feira central, representa a “vida” da feira“.

Fonte: Mapa mental elaborado por Rafael Silva /Data: 09 de Julho de 2013.

Veja que neste mapa mental (Figura 05) o feirante representa uma total ausência de elementos cartográficos, porém diante de sua explicação ele afirma que a imagem representa o “coração” a “vida” da Feira e que o mesmo está se acabando.

Pode-se perceber através de sua participação na entrevista, quando foi perguntado com a sensação ao caminhar no espaço da Feira e ele respondeu de alegria, satisfação, desse modo, tal imagem pode conceber seu sentimento em relação à Feira Central.

Assim, é representado o anseio por um espaço bastante querido, porém está afetado por inúmeros desafios ambientais e sociais. Ou seja, a feira central de Campina Grande apesar de seu importante conhecimento para cidade reflete uma realidade negligenciada.

FIGURA 06: Representação da Feira Central: perspectiva do feirante (ambulante).



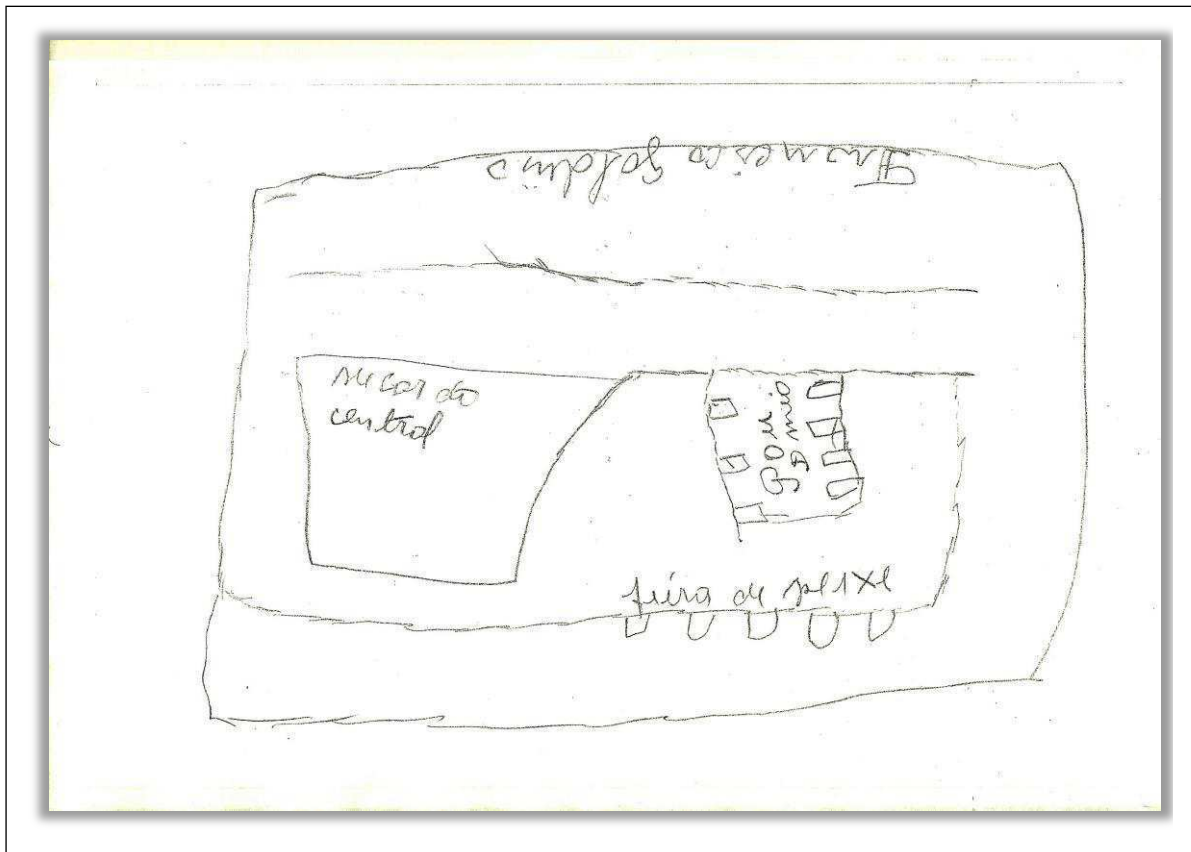
“Eu também não sou arquiteto, o que eu fiz foi uma explanação do “Tropicana” do “Eldorado”, o “Eldorado” sempre foi um ponto turístico da feira central, vamos dizer os “feudais” da época frequentava e... rendia muito dinheiro pra cidade”. [...] Eu fiz um dos pontos turísticos da feira central, eu fiz apenas um rascunho pra vocês saberem o que é aquilo ali, porque pessoas como a idade dele (Representante dos Consumidores mais Antigo), meu pai foi um dos frequentadores de lá, eu tive acesso antes dele fechar, tenho hoje quarenta e seis anos de idade, eu fazia parte da “associação dos caçadores”, eu sempre ia lá e eu via já na decadência, aquilo quando estava começando a ficar pobre né. E o bom é, que voltasse com a reforma, se claro existir na feira, porque é tradição né”.

Fonte: Mapa mental elaborado por Almir Medeiros /Data: 09 de Julho de 2013.

Este representante da referente (Figura 04) faz menção a patrimônios históricos da feira sendo eles dois: “Tropicana” e “Eldorado”, onde o mesmo presenciou sua decadência. De acordo, com sua experiência recorda que eram lugares bastante frequentados, e promovia renda para a cidade, ele expressa que sempre foi um ponto turístico e deve ser esquecido e que voltasse a ser tal referência.

Tal representação tem a sua importância na memória dos sujeitos sociais da Feira, o que em consequência tem seu valor reconhecido, este pode ser reconhecido devendo ter como reconhecimento o turismo na Feira para a cidade.

FIGURA 07: Representação da Feira Central: perspectiva do consumidor

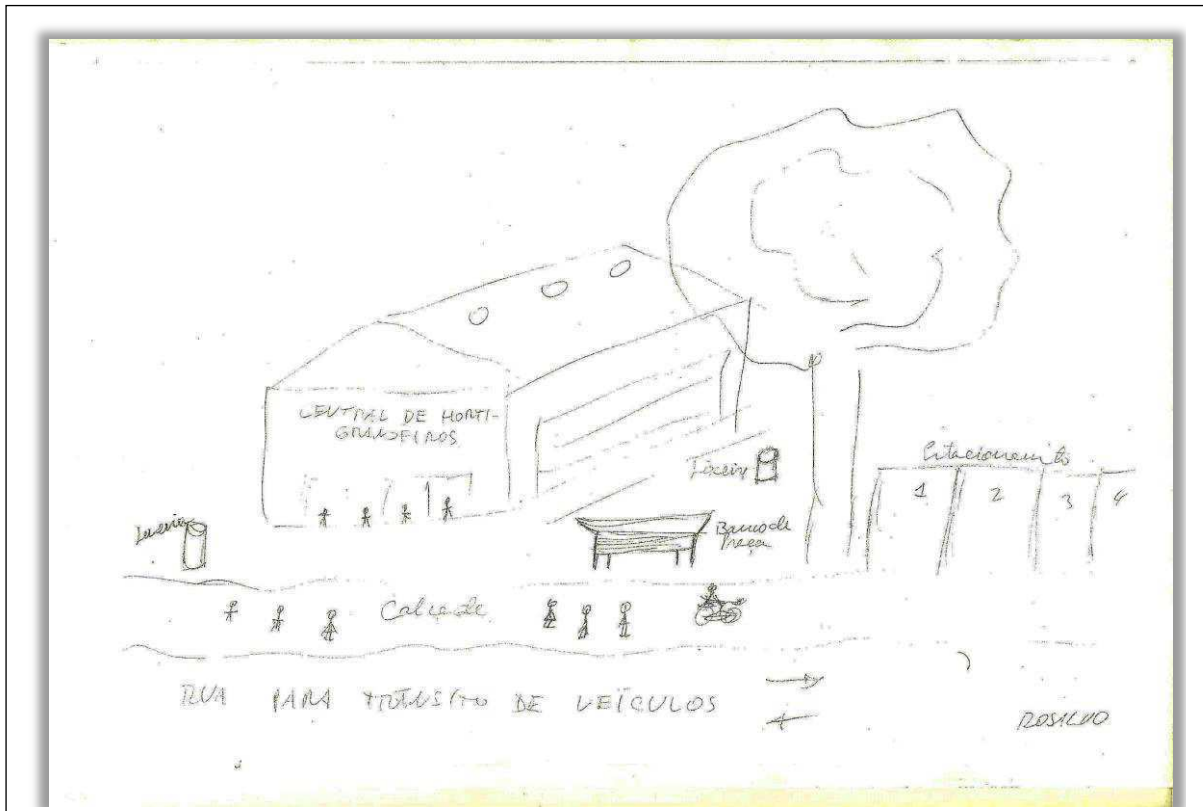


“Eu fiz aqui o quadrado do mercado central: “O pau do meio” e a feira de peixe, de desenho não entendo muito não...”

Fonte: Mapa mental elaborado por Francisco Soares /Data: 09 de Julho de 2013.

Dos diversos pontos que existem na Feira nesta imagem (Figura 07), o autor faz referência ao um ponto principal da Feira que é o mercado central, a Feira de peixe, e ao espaço considerado como patrimônio histórico da Feira Central “O pau do meio”. Podemos considerar que são lugares que ele mais frequentou ou frequenta, bem como faz uso do mercado público e setor de peixe. Na (DSC) o mesmo fez referência a problemas a setores nesses espaços: no mercado público – referente à carne, e como ele representa o setor de peixe.

FIGURA 08: Representação da Feira Central: perspectiva do assessor da associação dos comerciantes e empresários.



“Eu fiz o que seria um mercado ideal né, um local bom para e “protegível” para as pessoas comprarem, porque tem áreas que é protegida, mas tem muitas que é na rua,... Então essa feira ideal ela teria que comportar esses elementos, eu butei até uma árvore aqui mas ... o estacionamento, lixeira, banco de praça, calçada, ruas “livres” e local coberto para as pessoas .puderem comprar. Eu “butei” até aqui “Central de Horti-Grangeiro” também da uma ideia de divisão dos espaços da feira, até porque eu passei como feirante ali num dos locais piores da feira ali junto do banheiro, lá no canto de lá perto do mercado e ... eu era deste tamanho, tinha quinze anos e meu pai comprava lá quando vinha de Galante e hoje continua do mesmo jeito! A maior bagunça, a maior fedentina, aquele banheiro ali ...não evoluiu quase nada eu já tô com 60 anos o banheiro... bom então essa é minha ideia. Até porque eu conheço feiras, mercados bons eu quando vou em uma cidade eu sempre procuro ir no mercado São Paulo é um exemplo, Porto Alegre, Belo Horizonte tem mercados fantásticos até o mercado São Jose em Recife é um mercado bonito mesmo com toda bagunça que têm, mas é um mercado diferente, agora ... Campina por mil razões deteriorou tudo e tá na hora de mudar!”.

Fonte: Mapa mental elaborado por Rosalvo Meneses /Data: 09 de Julho de 2013.

A percepção deste representante está exaltada nas intencionalidades do mesmo quanto ao futuro da feira. Isso nos remete afirmar, que os elementos que estão no seu desenho

não correspondem à realidade atual. Em sua explicação afirma que espera uma Feira com áreas protegidas; um local com lixeiras; bancos de praça; calçadas; estacionamento e pra ruas livres. A representação da “Central de Horti-Grangeiro” explica a necessidade de organização de setores. Desse modo, pode-se perceber que de acordo com sua percepção a Feira que não protegida, não possuem áreas de lazer, nem acessibilidade, mobilidade e organização.

O uso dos mapas mentais como ferramentas para subsidiar pesquisas é de suma importância, principalmente para o geógrafo, quando precisa realizar um estudo de determinada realidade local. Cada mapa corresponde à materialização de uma realidade absorvida pela experiência de sujeitos que vivenciam certo local. É interessante observar que existem diferentes percepções, tipos de representações individuais de sujeitos que vive o mesmo espaço analisado.

As diversas percepções ou tipos de representações foram materializados como: disputas de territórios e desorganização; a importância de produtos regionais enquanto valorização da economia local e qualidade dos alimentos comercializados na Feira Central; Violência e lixo; desordem espacial; o sentimento pelo espaço público da Feira Central; importância de pontos históricos na Feira Central e expectativa referente ao futuro da Feira, quanto à necessidade de transformações de elementos essenciais para seu funcionamento.

Vemos a importância de realizar um estudo a partir da percepção de sujeitos que vivem no espaço da Feira Central, ou seja, tal pesquisa está diretamente relacionada à qualidade de vida através da forma como eles percebe o lugar que vivencia. Tal pesquisa é de fundamental importância para elaboração de propostas para o desenvolvimento local uma vez que, as representações são tidas como versões da realidade.

As disputas de territórios na Feira estão relacionadas à organização do poder público. A distribuição espacial da Feira é de responsabilidade do gestor público, quando se há o afastamento deste segmento as lutas por território são realizadas por se só, havendo descontrole no funcionamento ou práticas socioespaciais. Quanto aos demais problemas foram representados imagem da violência e lixo, ora a Feira como um lugar que predomina a venda de alimento é indispensável à higienização no local. Outro fator preocupante é a insegurança, o que provoca a diminuição da procura por este ambiente, nesse sentido os espaços privados ganham atenção dos consumidores. A busca pelo ambiente da Feira prevalece pelo interesse das práticas culturais ou procurar de produtos singulares: artesanatos, verduras fresquinha, entre outros. O cidadão que percebe a realidade da Feira requer uma transformação da mesma, mudança esta que atraia consumidores e mantenha sua potencialidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras permanecem ao longo dos séculos apesar de mudanças ocorridas ao longo dos tempos, a permeabilidade é interessante devido as suas fortes e importantes raízes culturais.

Apesar do capitalismo exacerbado, com supermercado moderno e higienizado, a Feira Central continua a existir com características diversas, são lugares de múltiplos aspectos: econômicos, políticos e culturais. As dinâmicas tecem a partir das sociabilidades vivenciadas pelos sujeitos sociais participantes deste espaço.

Na Feira Central diante das problemáticas, o presente estudo comprovou que, apesar de apresentar diversos problemas ela ainda subsiste, sendo reconhecida como importante no crescimento histórico-geográfico da cidade. A materialização do discurso e imagens realizadas pelos sujeitos participantes da Feira evidenciou a realidade das práticas socioespaciais.

Na presente pesquisa podemos constatar representações ou percepções de uma Feira que mostrar-se: insegura, sem higiene, sem mobilidade, sem conforto, ausente do trabalho dos gestores públicos com parando-se de forma antônima aos espaços comerciais privados como Shoppings. Embora, aja um forte sentimento por este espaço pela sua trajetória e persistência na cidade.

Vale salientar que os sujeitos sociais que participaram da pesquisa possuem um tempo de vivencia considerável no espaço da Feira Central, o que evidencia a relação socioespacial ou socioterritorial. As representações apresentadas como resultados da pesquisa estão atreladas à realidade externa da feira. Com isso as traduções mentais são frutos de uma realidade exterior percebida. Em suma, a perspectiva da junção entre o resultado da entrevista e os mapas mentais corrobora no “mundo real” da feira central de Campina Grande.

A cidade de Campina Grande tem sofrido segregações e desigualdade socioespacial o que significa que o uso do solo não é socializado, é o caso na Feira Central. Assim, a cidade transforma-se no espetáculo do consumo, as ruas redimensionam, transformando-se em lugares de passagem. As grandes lojas e os shoppings centers substituem o lazer, a popularidade, sociabilidade que ocorre na Feira Central.

A partir das práticas territoriais desenvolvidas por todos que participam do cotidiano da feira, as quais são expressas as relações no espaço, se podem analisar as contradições de novos sujeitos na apropriação de territorialidades neste ambiente. Assim, a feira se constitui

como um espaço de hábitos pessoais e afetivos pelo seu processo de construção cultural e tradicional. Com o advento do mercado este espaço vem submergir a formação de sua identidade, pois diante da representação do capital vem se fortalecendo, as pessoas deixam de frequentar a feira e passam a consumir nos supermercados.

Como pesquisador e consumidor da feira pude perceber várias outras dificuldades encontradas na feira podem destacar a desorganização no ambiente, a questão do estacionamento indisciplinado dos carros, problemas como poluição sonora, riscos de incêndio, circulação indevida de veículos na feira, ausência de higiene, uso de drogas, entre outros. O que chama a atenção de imediato é falta de higiene um dos fatores que deve ser resolvido com urgência, visto que a feira é vista em priori como um ambiente comercial de alimentos.

Apesar do reconhecimento histórico geográfico e identidade urbana tanto na formação e atual desenvolvimento da cidade a Feira Central encontra-se no estado alarmante. As urgentes para resolução dos problemas são claras. A imagem percebida da feira é de abandono, insegurança, sujeira, ausência de higiene, desorganização, problemas de mobilidade, falta de acessibilidade, indisciplinada. Com isso o sentimento de medo e desconforto em relação ao espaço da feira.

No entanto, a pesquisa mostra as representações ou como podemos definir versões da realidade de um espaço público repletos de dificuldades, representando um espaço de negligenciado pelo poder público, o que leva aos demais problemas. O fato é que a não tomada de providências imediatas à procura por espaços comerciais privados granjeiam território. Precisamos reivindicar por uma Feira Central que apresente as necessidades da sociedade campinense, bem como projetos com ações imediatas.

RERERÊNCIAS

- ALECHANDRE, M. **Representação Social: uma genealogia do conceito**. Rio de Janeiro. Comum: 2004.
- ALMEIDA , M. G. ; RATTTS, A. J. P. **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- ALMEIDA, Geraldo José. **As Representações Sociais, O imaginário e a Construção Social da Realidade**. (In) **Diálogos com a Teoria da Representação Social** (Org.) Maria de Fátima de Souza Santos, Leda Maria de Almeida. Ed. Universitária da UFPE, 2005.
- ALMEIDA, M. G. **Em busca do poético do sertão: Um estudo de representação**. In: ALMEIDA, M. G; RATTIS, A. J. (org.). **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Alterativa, 2003, p. 71-88.
- ANDRADE, M. C. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 7º Edição, Atlas: São Paulo. 2005.
- ARAÚJO, G. A. F. **Múltiplos Discursos Sobre a Feira de Campina Grande**. Campina Grande - Agenda , 2006.
- ARAÚJO, J. B. **O Algodão de Campina Grande: uma discursão acerca dos livros didático de história**. Agenda – Campina Grande – 2006.
- ARCHELA, R. S. GRATAO, L. H.B – **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. *Geografia (Londrina)*, Londrina, v. 13, n.1, p. 133-149, 2004. Disponível em <http://www.geo.uel.br/revista>> Acesso em 13 de Agosto 2013.
- ARRUDA, A. **Viver é muito perigoso: A pesquisa em Representações Sociais no meio do rodamoinho**. In: **Representações Sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa, Universitária, UFPB, 2003.
- BELLO, A. A .**Fenomenologia e Ciências Humanas - Psicologia, história e religião**. São Paulo, Bertrand, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. E atual por Helena Bonita C. Pereira, Rena Signer. – São Paulo: FTD: LISA, 1996.
- CASTRO, INA ELIAS. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro - Bertrand, 2005.
- COSTA, A. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. UFPE, 2003.
- COSTA, Albuquerque A. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. 2003. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Geografia CFCH/DCG/UFPE, Recife, 2003.

COSTA, ROGERIO H. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios a multiterritorialidade.** - 5. Edição. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

DANTAS, GeovanyPachellyGadino. **Feiras no Nordeste.** Revista Mercator. Fortaleza. Vol. 7, Nº 13 (2008), Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/article/view1>> Acesso em 13 Out. 2013.

DUPAS, G.. **Tensões contemporâneas entre o público e o privado.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERREIRA, Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa.** 4º Ed. Revista Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUARECHI, P. A; JOVCHELOVITCH. **Textos em representações sociais.** Petrópolis. RJ: Vozes, 1995.

GURJÃO, E. Q. **Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande. Campina Grande - Agenda – 2003.**

HAESBAERT, R. **O território em tempos de globalização. RECSA - São Paulo, 2007.**

LE GOFF, J. **O imaginário Medieval.** Estampa: Lisboa, 1994 p. 11.

LEFÈVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana M. C. **O discurso do sujeito coletivo.** Um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul (RS): Educs, 2003. 256p.

MASSEY, D. **O Sentido Global do Lugar.** In: O espaço da diferença /Antônio Arantes (org.) Campinas, SP: Papirus, 2000.

MESQUITA Z. **Do território à consciência territorial.** In: Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências /org. por Zilá Mesquita e Carlos Rodrigues Brandão. Porto Alegre – RS. Ed. Universidade /UFRGS, 1995.

MINAYO, Maria C. de Souza, ASSIS, Simone Gonçalves, SOUZA, Edinilsa Ramos (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social;** editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 9º Ed. – Petrópoles, RJ: Vozes, 2012.

PEREIRA, J. F. **Feira de Campina Grande um museu vivo na cultura popular do folclore Nordestino.** Editora Universitária de João Pessoa, 1977.

REIGOTA, MARCOS. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo – Cortez, 2010.

SANTO, M. **O Espaço do Cidadão.** 5º Ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

SILVA JUNIOR, F. G. **Campina Grande: Desenvolvimento Histórico no século XX** In: Campina Grande em debate: a condição urbana na periferia pela lente do trabalho e das

políticas pública/ organizador: Roberto Veras de Oliveira. Campina Grande: EDUEPB; EDUFCEG, 2009. 214 págs.

SILVA, Benedito; NETO, Antônio Garcia de Miranda; **Dicionário de Ciências Sociais**, Instituto de Documentação; Benedito Silva, coordenação geral, Antônio Garcia de Miranda Neto. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas – 1986. Pág. 1064, 1065.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia – Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo - UNESP, 2004.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva de experiências**: São Paulo: DIFEL, 1983.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 : TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade acadêmica de geografia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Modelo padrão

**REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO EXPRESSÃO DE TERRITORIALIDADE: O CASO DA FEIRA
CENTRAL DE CAMPINA GRANDE – PB.**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa de Conclusão de Curso que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão _____, residente e domiciliado na _____, portador da cédula de identidade (RG) _____, e inscrito no CPF/MF _____, nascido(a) em ____/____/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**REPRESENTAÇÃO SOCIOESPACIAL COMO EXPRESSÃO DE TERRITORIALIDADE: o caso da Feira Central de Campina Grande – PB**”.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas, estando ciente que:

- I) Identificar as representações sociais dos sujeitos que realizam as práticas espaciais na feira livre central de Campina Grande.
- II) A participação neste projeto não tem objetivo de denegrir minha imagem sendo o destino das informações por mim fornecidas utilizados para fins acadêmicos como publicações e apresentações em eventos científicos;
- III) Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto a finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- VI) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados, exceto quando for por mim devidamente autorizado;
- VII) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa através de arquivo digital fornecido pelo pesquisador.
() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- VIII) Autorizo o uso de gravador na condição do áudio ou a transcrição do conteúdo não seja utilizado para finalidades que não sejam acadêmicas, exceto quando o pesquisador solicitar a minha aprovação pessoal;
- IX) Com relação a captura de imagem através de filmadora ou outro instrumento similar:
() Não autorizo
() Autorizo na condição de que o material não seja de domínio público;
() Autorizo sem restrições
- X) Com relação a captura de imagem através de máquina fotográfica ou outro instrumento similar:
() Não autorizo
() Autorizo na condição de que o material utilizado seja normatizado segundo as orientações da ABNT e que não exista indicação do meu nome, excerto quando for por mim devidamente permitido;
() Autorizo sem restrições.
- XI) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e a Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande, de de 2013

() Sujeito pesquisado:.....

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

Responsável pelo Projeto: _____

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, Matrícula SIAPE 1770425

Universidade Federal de Campina Grande
 Unidade Acadêmica de Geografia
 Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
 Campina Grande-PB, 58429-140

Telefone para contato: 83. 99407075/ xtojunio@yahoo.com.br

APÊNDICE2: TÓPICO-GUIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Unidade Acadêmica de Geografia

Curso de Geografia

Pesquisador: Dennis Cláudio Ferreira

Título da pesquisa: Representação socioespacial como expressão de territorialidade: o caso da feira central de Campina Grande – PB.

Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior.

Declaro a quem interessar que as informações contidas nessa entrevista serão de uso acadêmico

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nota Técnica

O Presente roteiro de entrevista segue as orientações do Comitê de ética em Pesquisas com seres humanos (CEP/UFCG), ao qual foi devidamente submetido e segue as orientações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as normas do Programa de Iniciação Científica da UFCG (PIVIC/UFCG), o mesmo aprovado pelo Comitê de Ética – protocolo: 13297013.7.0000.5182. As informações decorrentes da realização dessa entrevista serão utilizadas única e exclusivamente para fins acadêmicos

TÓPICO-GUIA

I – O que é morar em Campina Grande e o que a feira central representa para você?

II – Fale sobre a sua relação com a feira central de Campina Grande?

III – Qual a imagem que você tem da feira central enquanto embate do espaço urbano de Campina Grande? Qual a sensação que você tem ao caminhar na feira central?

IV – Fale sobre os principais problemas das feiras de Campina Grande e quem seriam os responsáveis por seu surgimento?

V – Nós últimos anos a feira central tem sofrido mudanças sociais e estruturais no ambiente. Quais os segmentos que tem efetivamente contribuído para isto?

VI – Quais os impactos para os feirantes com advento do mercado formal (Shopping, comércio, etc.)?

VII – Fale um pouco sobre suas expectativas em relação ao futuro da feira central de Campina Grande, especificamente no que se refere a sua tradição e influência na imagem da cidade.

APÊNDICE 3: TRANSCRIÇÃO LITERAL DA ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL

Foi realizada a entrevista com grupo focal com um representante de cada segmento da Feira Central de Campina Grande – PB. As questões que correspondem ao tópico-guia foram as seguintes:

<i>I – O que é morar em Campina Grande e o que a Feira Central representa para você?</i>	
EXPRESSÕES-CHAVE	IDEIA CENTRAL (IC)
<p>01 – Antônio – Morar em Campina Grande é um prazer [...] Nasci aqui, fui criado aqui, sou daqui uma cidade maravilhosa e o que a feira central representa pra mim é somente minha vida inteira, porque eu praticamente eu nasci no meio, dentro da feira, eu comecei a trabalhar desde os sete anos de idade com minha mãe, daí ainda continuo e é de lá que eu sobrevivo. Ela representa a minha subsistência, o meu trabalho.</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> IC - A feira é um lugar de sustento.</p>
<p>02 – Almir – Morar em Campina Grande, e em primeiro lugar representa um meio de vida, uma sobrevivência, é uma cidade com um aspecto muito bom principalmente no seu clima. No que diz respeito a feira central é o trabalho um lugar de meio de vida também [...] Ali foi um lugar onde eu aprendi a comercializar, vender, comprar. Mas hoje em dia no que diz respeito à feira central de Campina Grande está passando pelo um trabalho de decomposição, ela saiu esquecida pelos nossos administradores fazendo com os seguimentos comerciais de outros bairros se expandisse e a feira fique em terceiro lugar. O que eu acho [...] que deve existir um governo de mobilização, para que a feira, ela passe por uma reforma e agente comerciante que depende dali, que sobrevive dali, possa ter um aspecto melhor. É nesse motivo que a feira central pode significar, mas do que agente possa esperar, pra gente. Hoje, hoje a feira representa um tudo, ela cresceu com cidade, ela desenvolveu a cidade, foi ali onde começou toda a história. E então é uma deficiência muito grande agente saber que ela está decomposição.</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> IC - A cidade é um espaço de empregabilidade.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC - A feira é um lugar de sustento.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC - A feira central não é prioridade dos gestores públicos, o que favorece o crescimento dos comércios nos bairros.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A importância da feira central junto ao crescimento da cidade.</p>
<p>03 – Francisco – Campina Grande era um dos centros comerciais de grande porte, pra mim é uma honra ser filho de Galante que pertence a Campina Grande, sobre a feira desde que foi fechado o matadouro público, não sei se vocês conheciam que ficava aqui em Bodocongó [...] Ela decaiu muito porque [...] Surgiram os mercadinhos e nenhum poder público, agente, eu mesmo faço parte do conselho municipal há vinte anos sempre cobrando das autoridades para esse matadouro público voltasse a funcionar. E no assunto de higiene de Campina Grande é... Deixa muito a desejar porque, passamos um bocadinho de tempo, com matadouros clandestinos, o pessoal deixou de comprar carne feira porque tinha quase oitocentos matadouros clandestinos, eu era funcionário público desde o tempo da época de Cássio Cunha Lima, visitava matadores públicos e os meus colegas os representares,</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> IC – A cidade de Campina Grande foi um centro comercial de grande porte.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC – Com o advento do mercado a feira central passou a perder seu espaço.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC – A cidade de Campina Grande não possui uma preocupação considerável na saúde pública.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC – A feira central perdeu a frequência de consumidores devido à falta de fiscalização e ilegalidade nos estabelecimentos de produção alimentícia vinculados a ela.</p> <p><input type="checkbox"/> IC - A cidade de Campina Grande é um polo comercial.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A falta de infraestrutura e higiene na feira central</p>

<p>eles “comiam” propina e não dava resultado positivo ao prefeito. E continuava a feira caindo a cada dia mais por irresponsabilidade dos seus representantes. E foi surgindo mercadinhos. E Campina Grande só funciona setenta por cento, por causa das cidades do interior, Campina Grande ela recebe quatorze ou quinze cidades do interior, vem a esse comércio com finalidade de fazer suas compras e trazer os produtos que lá eles produzem não é?. Então nós que somos de Campina Grande é [...] Temos que fazer uma frente positiva aos governantes por que Campina Grande... Sem o mercado central ela [...] Ela não é Campina Grande. Campina Grande em número racional é um dos maiores mercados do nordeste. E visitando o mercado outro dia fiquei muito triste, porque vê aquele tal do “pau do meio”, virar uma favela, uma “imundissa” muito grande. A feira de peixe em Campina Grande tem que se fazer um trabalho muito... Muito sério muita higiene ali porque, ela fica quase no centro da feira e traz um desconforto muito grande, as tubulações que desce na frente do mercado. Eu já trabalhei como fiscal na feira central na associação debatia muito com Sr. Antônio e Sueli, Elias exigia de Campina Grande uma bateria de banheiros lá em cima e isso nunca aconteceu, hoje tem comerciante de bar ali que tem banheiro, tem higiene e agente que somos da zona rural, agente e debate as vezes, está laxando e sente aquele mau cheiro é uma coisa irritante em Campina Grande. Eu outro dia conheci alguns dos secretários que estava.</p>	<p>promove a segregação e trás desconforto ao consumidor.</p>
<p>04 – Rafael – Morar aqui é muito importante porque agente trabalha em Campina Grande na feira central e representa muita alegria, por que é uma cidade que tem o maior “São João do Mundo”, tem muito movimento e agente gosta do clima e é uma cidade tranquila, calma da gente morar, tem muita coisa boa pra gente. Eu trabalho no mercado central há muito tempo, a feira central representa [...] eu vivo da feira central, é meu “ganha pão” todo dia lá e Campina Grande porque é cidade linda e maravilhosa.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – A cidade é um espaço de trabalho. <input checked="" type="checkbox"/> IC – A cidade apresenta grande expressão de festas juninas, de clima bom e pacífica. <input type="checkbox"/> IC – A feira é um lugar de sobrevivência
<p>05 – Cícero – Primeiramente é motivo de orgulho não é? [...] Agente conciliar o útil ao agradável uma cidade que acolheu toda minha família, nós tivemos a origem no sertão de Piancó e [...] meu primeiro ano de vida eu completei aqui em Campina Grande e meu pai já era “machante” já desde o Sertão, então teve toda essa identificação com a feira central, onde tinha aquele forte mesmo era carne, apesar de que hoje ainda é não é? [...] A feira apesar de ainda meio deste oradas não é? Então tem toda aquela coisa onde tivemos todo aquele concelhamente, onde tivemos toda oportunidade de moradia, de estudo e trabalho em fim todo [...] e gente está diante de um maior polo comercial do Estado, Campina Grande tem toda essa importância. A relação é extremamente de subsistência não é [...] Na feira obtenho sustento de toda família, e saúde, educação em fim [...] A feira é um meio de subsistência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Uma cidade hospitaleira. <input checked="" type="checkbox"/> IC – A feira é um lugar de sobrevivência.

<p>06 – Agnaldo – Morar em Campina Grande pra mim todos já responderam, eu vou só repetir, não tem coisa melhor do morar em Campina é pra mim é um pedaço maravilhoso, não tenho palavras pra expressar esse amor por Campina tudo é aqui em Campina Grande. E o que representa a feira central é um dos maiores centros mercadológicos do país, é que queira que não mesmo ela estando nessa situação, ao passar dos anos, ao passar do tempo, com todo problema ela continua sendo uma atração que queira que não, pra uns ou não em todos os sentidos, seja na cultura porque ainda existe cultura, se agente for olhar por esse lado etnocêntrico assim [...] A feira de um modo geral é uma universidade da vida, sendo que ali tem pessoas que [...] Perdoe-me a expressão só sabe que é um “ô” porque toma café no copo, mas super. Inteligente e professor em conta, isso ai não tem onde correr. Então esse olhar que temos dentro da feira, principalmente tratando no dia de hoje, alguém pode até perguntar, mas a feira se esta nessa situação não de hoje não, desde que a feira é feira, ela já tem esses problemas, porque desde aqui da Maciel Pinheiro até chegar naquele espaço ali, o problema ali todinho! Ela só foi mudando em virtude do lixo e sua decadência, a história já nós conta. E creio que em outra rodada agente pode até [...] Agente pode até comentar porque chegou essa decadência, mas a feira central pra mim continua sendo um dos maiores centros mercadológicos e uma atração... Que queira não ainda é uma atração cultural, mesmo que alguém duvide disso.</p>	<p>■ IC – A feira central é um dos maiores centros comerciais do país.</p> <p>■ IC – A cultura ainda subsiste na feira central.</p> <p>■ IC – O problema da feira é histórico, o lixo foi o principal motivo de seus deslocamentos na cidade.</p>
<p>07 – Silvino – É [...] Reforçando é um polo de cultura muito grande eu acho, também econômico da cidade muita coisa gira ali, na verdade a categoria informal em si, ela gera muito mais rendimento do que na verdade todas as indústrias tem um poderio, vamos dizer assim mais que todas as indústrias e a feira é um... Centro econômico muito forte aqui em Campina. E morar em Campina Grande é a cidade ideal, o clima, o acolhimento das pessoas, tem amigos aqui que não vou encontrar em canto nenhum.</p>	<p>■ IC – A feira central é uma referência cultural e econômica na cidade.</p> <p>■ IC – O comércio informal sobrepõe o setor secundário da economia.</p>
<p>II - Fale sobre sua relação com a Feira Central de Campina Grande?</p>	
<p>01 – Silvino – No meu caso é... Eu estou há dois anos assumi o Sindicato varejista, comerciante e ambulante que era meu pai presidente Silvino, eu já trabalhava com ele, verdade já me criei vendo a luta dele no sindicato dos comerciantes no meio da rua, ai a dois anos que ele faleceu ai eu assume os trabalhos é [...] com relação a feira, eu lembro justamente de todos os associados que agente tem lá uma boa parte é da feira central. Antigamente sei lá a dez anos atrás que eu lembro ainda, ele fazia um trabalho muito forte na feira, justamente com Jocélio (não sei se vocês conheceram Jocélio?), Caetano que sempre estava lá, Paulo Felizardo e fazia um trabalho muito forte na feira. Mas ai pronto eu assume tá voltando [...] O trabalho justamente com a prefeitura depois da nova gestão agente está se aproximando justamente pra saber, e essa é justamente uma oportunidade muito boa pra saber... pra gente se juntar nessa luta, pra gente fazer mais forte o movimento na feira não é? Na associação atualmente são quatorze mil associados com cidades circunvizinhas.</p>	<p>■ IC – relação nos movimentos trabalhistas.</p>

<p>02 – Antônio – Eu praticamente nasci lá desde o sete anos de idade que ajudava minha mãe lá, minha mãe criou, teve dezenove filhos todos na feira de Campina Grande! Eu tenho orgulho de dizer, ela criou todos, e bem criado, casou todo mundo, minha relação com Campina não pode ser maior do que essa, nem melhor porque foi de onde minha geração todinha [...] Atualmente trabalho com confecções, sempre.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ IC – relação familiar e trabalho.
<p>03 – Almir - A minha relação com a feira é uma vida, já desde pequeno [...] quando a feira veja bem [...] estou falando da feira e não da administração, mas da feira, convivo lá com todos é bom. E eu já quando criança na idade de seis a sete anos (acho que conheceram um grande padrinho, hoje falecido, Manuel Gomes da Silva conhecido como “Edinho”) foi um dos fundadores no setor da carne [...] e ali quando criança, eu passava por ali, via aquele desenvolvimento [...] aquela cultura grande (não passava nenhuma tarimba ali pra você vê uma pessoa com trezentas quatrocentas quilos de carne. E hoje em dia, a feira se encontra esquecida, não pela administração, mas pelos governantes, estão entendendo! [...] A deficiência que hoje está tendo, como foi frisado ali, o lado cultural dela ainda é grande principalmente no período de festa, existem muitos comerciantes existem, principalmente na feira de fruta, você se perfumava, com a quantidade com todos tipos de legumes, de frutas. Hoje em dia diante do esquecimento, as relações de muitos foram cortadas, tem marchante ali que sobrevive ali você conta com os dedos, foram pra outros bairros, para outros cantos porque ali não davam para sobreviver. Hoje em dia pessoas vivem ali, como você mesmo sabe e pode falar isso por mim, pelo amor que tinha a feira, porque amava a feira, a feira tem uma vida, a feira tem uma tradição, a feira verdadeiramente é uma cultura e eu sinto falta daquela minha relação com a feira, hoje em dia eu trabalho na “Quebra quilos” tenho vinte um anos dentro da feira no que diz respeito ao comércio minha área é vendas, mas sinto falta [...] Aquele setor da carne ali, ele como gerente ele sabe o setor é limpo e organizado, mas nas ruas adjecentes dentro daquela “bola”? Você não tem, mas prazer de chegar e dizer: Eita! Eu passo por ali pelos grandes administradores, pelos nossos próprios políticos é imenso, você ver que em gestões anteriores foram oito anos de promessas que ali ia ser um paraíso, eles como feirantes esperam até hoje, ainda está no papel, quando é que vai ter uma nova relação ali na feira com todos os campinenses? Quando eles ver que ali que se houve uma mudança [...] ai vai se voltar a ser a feira central, e continua sendo feira central. Essa é minha relação com ela. Eu vendo trigo, produto de panificação, de pães. Quando a feira central era feira central, pra entender que houve a decadência dela, a empresa que eu trabalhava agente vendia por mês: quinze “contens” de trigo, hoje em dia diante essa expansão [...] que a pergunta está [...] no quinto e no sexto (porque foi que existiu essa decadência?). Começou a ter aqueles grandes mercados – Hiperbompreço, Atacadão, então a concorrência ficou grande, a gente vendia quinze “contens” de trigo hoje em dia vende sete [...] Então por isso, que houve a decadência no mercado central. Agora eu creio que existem projetos pessoas que podem fazer com que ela volte a crescer; desenvolvimento tem, ideias têm, dinheiro tem só está faltando o quê? Atitude! Por parte de nossos governantes na minha área eu posso voltar a ser um grande comerciante, outras áreas ali na feira, como o ramo de carne. Porque minha gente não é brincadeira não, tinha tempo que agente chegava ali e agente via as diversidades de carnes, agente</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ IC – Em décadas passadas a cultura e o comércio na feira eram expressivos, na atualidade encontra-se esquecida pelos governantes. ■ IC – As pessoas ainda frequentam a feira por amor, por tradição e cultura. ■ IC – Falta de ações no planejamento de gestores públicos. <ul style="list-style-type: none"> ■ IC - Com a presença dos grandes mercados a feira passou a decair. ■ IC – A falta de ações no planejamento de gestores públicos. ■ IC – A territorialização nos espaços públicos.

<p>tinha o prazer de chegar comprar! Como era o bombreço na época [...] E o bombreço não caiu como a feira não, mas devido a essa expansão no bairro, uma feira ali, outra feira ali, não tem como. Nós temos uma feira ali no Catolé, mas só existem três donos lá, você não tem autoridade pra chegar lá e dizer: eu vou colocar um box aqui na frente, ou botar um “negocinho” aqui na frente porque ninguém deixa rapaz! E quantos box tem ali na feira todos parados e uma pessoa querendo uma oportunidade [...] ai um motivo da não relação com a feira central. E ainda, com certeza vamos ter boas relações com a feira central, esse é meu ponto de vista.</p>	
<p>04 – Francisco – Eu tenho setenta anos desde de quatorze anos eu frequento a feira central e [...] quarenta anos atrás assumi um cargo de [...] comunitário não é? Eu faço parte do conselho municipal a vinte anos e eu sempre debato, todas as reuniões do conselho falo sobre a feira central, meu ponto recentemente foi sobre a feira de queijo veio muitos turistas da região de Galante, Fagundes [...] e eu reclamava com o pessoal do conselho que [...] auxiliasse a feira de queijo que os produtos. estão sendo ao ar livre, da feira de peixe a mosca vem pra de queijo e [...] que abrisse um selo de qualidade pra Campina Grande, porque as cidades acima de cem mil habitantes tem o selo de qualidade, só em Campina Grande [...] fazem oito anos que agente debate isso, ai na feira eu falei isso quase que um cara dava em mim. Eu digo gente, essa qualidade que estou falando que o selo, isso mostra a vocês, da mais confiança a vocês, porque o mercadinho está tomando conta de tudo, o mercadinho é de segunda qualidade mas tendo higiene, tem a garantia do produto [...] até na feira tem queijo melhor que no mercadinho, o consumidor vai pra lá porque? Por causa da higiene. E me preocupo muito, sou matuto da zona rural, mas convivo em Campina Grande, venho quatro dias pra Campina Grande e faço parte do conselho municipal venho a Campina Grande todos os dias resolver problemas com autoridades da prefeitura e outros segmentos. E talvez seja um grande prazer meu vir a Campina Grande, eu como matuto, eu me orgulho, eu amanhã o dia troco de roupa venho a Campina Grande, vê o quê? [...] Eu sou muito conhecido na zona rural de Campina Grande, nos movimentos comunitários, são quase sessenta associação, é um prazer as pessoas vem apertar minha mão e agradecer pelos conselhos que eu dou na feira, o que eu falo às vezes reclamo, uma coisa e outra. Um dia eu disse a Romero eu estou perto de me aposentar [...] mas quero ser fiscal da feira central para ajudar, eu não me porto nem com salário, por quê? Eu tenho amor a feira central como a própria minha casa. Romero disse quando eu tiver perto de se aposentar eu vou lhe dar um cargo. Eu vivo assim o dia a dia com amor feira de Campina Grande. Às vezes eu digo, peço desculpas a vocês, eu vou além da entrevista, mas eu falo o que sinto às vezes alguns representantes: [...] “Pare ai seu chico!” Eu gosto de dizer a verdade. Agente está em uma reunião dessas, pra contar os pontos positivos e negativos de Campina Grande, se agente “esconder as mãos”, não tomar amor a causa dias piores virão. Campina Grande está recebendo muitas pessoas de cidades do interior, tem comerciante ai que tem cinco ou seis Box alugados e os “filhos” de Campina Grande quer um pequeno negócio e não encontra (se eu tenho dinheiro, comprei, paguei posso alugar a quem quero). Um dia conversei com um pessoal de Alagoa Grande estava com cinco Box, por “cinco contos”, eu disse “hoxente” não é muito não? Eu vendo por cinco mil reais, eu disse eu não</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ IC – Problemas de higiene no setor de peixe e queijo. ■ IC – Sugestão de um selo de qualidade para garantir segurança ao consumidor. ■ IC – O sentimento em relação à feira central (lugar). ■ IC – Processo de territorialização na feira. ■ IC – Vantagem em frequentar a feira e sua importância.

<p>dô quinhentos não! Mas pelo o menos fornece segurança o negócio não é? Então se nós dermos a mão [...] Temos que ter amor, mais do que temos ainda, porque é como se diz, está surgindo novos, grandes mercados ai e não vão derrubar a feira porque eu já disse dezesseis cidades do interior despeja em Campina Grande. E não vou pra mercadinho não porque não tenho tempo de ir pra fila não. A feira central não acaba nunca! Pode botar de cem em cem metros um mercadinho que ela não se acaba nunca porque é o polo de comércio da região.</p>	
<p>05 – Rafael – Já fazem mais de vinte anos que eu trabalho na feira central e continua no mesmo estado, que eu comecei, não mudou nada e continua do mesmo jeito. Trabalho com temperos fica depois da feira de queijo.</p>	
<p>06 - Cícero – Minha relação com feira tradicionalmente de família a quarenta e cinco anos, praticamente desde meus dez anos de idade estou na feira já, como presidente da associação estou a frente de cinco a seis anos. Comerciantes, eles fazem questão de por traz do banco dele fazer “chichi”, ele faz questão fazer “chichi” em uma garrafa pet, faz questão de fazer “chichi” em um saco plástico, faz o balãozinho e joga, ai o que está precisando hoje? Código de postura do município, está precisando trabalhar em cima dessa reeducação porque antes, hoje quem for falar, por exemplo, vai pra “bala”, vai pro vai pro “cassete”, apanha! Quando existe uma fiscalização, mas com aparato policial [...], quantos policiais existem lá, não tem mais nenhum tiraram, hoje agente vê cada vez mais pontos de drogas, cada vez mais aumentando, ai a feira está caindo. Você vai falar com o camarada hoje, pra dizer rapaz: não coloca esse lixo aqui coloca em um saco e amarra o que ele faz hoje? Paga aquele lixo joga na rua, pra economizar uma sacola, vai reclamar?! [...] Essa relação hoje infelizmente pra mim hoje [...] eu tenho que acreditar sempre na feira, está vivendo até esse processo de conversão, agente tem renunciar aquilo que o indivíduo não agrada e também a população de um modo geral. Então essa é relação, essa visão que eu tenho em relação à feira.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Relação de tradição familiar na feira. <input checked="" type="checkbox"/> IC – Reeducação dos comerciantes na feira e a necessidade do funcionamento no código de postura municipal. <input type="checkbox"/> IC – A falta de policiamento tem prejudicado a feira
<p>III – Qual a imagem que você tem da Feira Central enquanto embate do espaço urbano de Campina Grande? Qual a sensação que você tem ao caminhar na feira central?</p>	
<p>01 – Silvino – Assim [...] por pouca da experiência que eu tenho de feira não é? Mas lembro de quando ia pra feira com painho, e essa mudança de espaço, espaço físico geral da feira, eu acredito que só está se degradando, justamente por não ter nem preocupação de quem realmente deveria que são os próprios usuários da feira e nem dos poderes [...] que é interessante fazer isso para melhoria da feira, da cidade na verdade. E a sensação na verdade [...] é a mesma, geralmente vou à feira, faço questão de ir à feira pra ver como é que está, sempre [...] e a sensação assim não é de satisfação de alegria, justamente por vê como está hoje não é? Então agente tem condição de mudar tem! Todo mundo, tem condição de mudar, mas todo mundo junto na mesma causa. Como (AB) falou ai [...] tem que ter um código de postura de ética mesmo na verdade, e todos envolvidos, não só de consumidores, do poder público, mas de todo mundo. Dentro daquele contexto ali se sobressai uma economia muito grande, justamente de família, de alimento, comércio em si, de vivência na verdade. E a sensação não é um das melhores não, mas vai melhorar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Imagem de degradação. <input checked="" type="checkbox"/> IC – Sensação de insatisfação. <input type="checkbox"/> IC – A necessidade do código de ética municipal para os comerciantes, consumidores e os funcionários do poder público.

<p>02 – Antônio – quanto ao espaço urbano eu acho o seguinte [...] o espaço urbano da feira central, eu acho primordial, é um coisa muita boa só que [...] atualmente o espaço físico da feira central hoje em dia está [...] bagunçado demais, então quando agente anda na feira central a sensação é péssima [...] a minha sensação é péssima, trabalho lá e minha sensação é péssima em todos os sentidos e eu vou ficar por aqui se não...</p>	<p>■ IC – Desorganização no espaço físico da feira no que diz respeito a infraestrutura.</p> <p>■ IC – Devido a bagunça a sensação é péssima.</p>
<p>03 – Almir – Sabemos que toda a feira central é um ponto turístico, é vista por qualquer pessoa que vem na cidade, porque passam por lá pra vê o que tem de bom. Se tivesse interesse por parte dos nossos políticos, a nossa feira, esse espaço urbano seria melhor, podia até está em cartão postal, mas como não há interesse deles [...] A sensação que temos ao passar lá é desprezo, é de desconforto, toda grande feira [...] Concordo quando ele (gerente da feira) disse que existem verdadeiramente feirantes grudentos a palavra correta é essa. Mas existe um grupo da prefeitura, da prefeitura séria (como eu vejo ali) que limpa a feira três vezes por semana, aquele “setozinho” ali da carne, aquele “setozinho” ali é mil maravilha, você pode andar ali tranquilo porque tem administração ele manda fazer a limpeza. Mas quando o prefeito quer as ruas adjacentes são todas limpas, no meu ponto de vista.</p>	<p>■ IC – Se houvesse interesse do poder público, a feira central poderia ser um ponto turístico.</p> <p>■ IC – Sensação de desprezo e desconforto.</p> <p>■ IC – A limpeza da feira é direcionada apenas ao setor de carnes.</p>
<p>04 – Francisco – No passado como fiscal agente debateu muito sobre a metragem de cada feirante, se você tem dois metros, três metros pra negociar sua fruta, não tem necessidade de você colocar um baio bem grande na frente. Eu como sr. (AI) agente brigou tanto, eu com experiência, eu já trabalhei no Parque de exposição de animais, eu era vigiada. Eu mesmo já levei panca na panela que ficou até [...] se você tem três metros para negociar que fique naqueles três metros. E esse pessoal que vem de Matinhas que trás banana deixa tudo no meio da rua, porque eles não levam o lixo de volta. Aquelas frutas do chão me perdoe [...] aquelas frutas ficam no chão ali. Deixam um balaio bem grande um perto do outro e só um metro e meio pra gente passar, lá vem à carroça; em dois minutos três o ladrão coloca a mão no seu bolso pra roubar porque é apertado. É preciso que tenha muitos fiscais, no centro ali tem gente sem fazer nada, porque não vão para feira central, na feira central as carroças atrapalham muitas vezes (cinco minutos), ai eles não se conformam com aquele ponto e aumentam não é? É bom fazer uma reunião com eles se têm três é só três metros. Dá muito trabalho organizar. Como eu sou matuto da zona rural até que não tenho muito que reclamar, mas eu vejo a reclamação do pessoal não é? Eu me sinto a vontade, mas tem pessoas idosas que não podem nem passar não é?</p>	<p>■ IC – Os feirantes ultrapassam seu espaço de trabalho, o que atrapalha a mobilidade e contribui para furtos</p>
<p>05 – Almir – E outra coisa, na feira central tem que acontecer o que aconteceu no centro. O prefeito da época (Cássio Cunha Lima) fez tirar as pessoas e botar no lugar certo, não tem projeto para a feira central? Pra deixar as coisas tudo nos devidos lugares? Ai o acesso vai ser normal, todo mundo vai andar numa boa, agora para vai andar numa boa. Agora para isso em que existir o quê? Governantes!</p>	<p>■ IC – Para haver mobilidade deve-se ter atitude dos governantes para relocação dos feirantes organizando-os em setores.</p>
<p>06 – Agnaldo. – Tudo que o senhor falou é verdade, eu não tiro uma vírgula, agora [...] vamos colocar, por exemplo, aquela rua: Deputado José Tavares, hoje infelizmente</p>	<p>■ IC - Não adianta uma organização na feira sem uma fiscalização rígida.</p>

<p>existe o comerciante que é chantagista... porque muita gente diz hã: se o político for fazer isso, perde a campanha, eu não acredito nisso não, eu não acredito nisso de jeito nenhum! Porque pelos cadastros que nós temos ali, eu não vou dizer mas cinquenta por cento não é de Campina Grande, então se tiver de ter voto, vai ter na cidadezinha dele lá. O que é que está faltando hoje? De todo jeito, pra gente vê essa questão de demarcação, por mais que tenha demarcação, se não existir uma fiscalização rigorosa. Graças a Deus que povo está deixando de ser besta hoje, hoje existe código sanitário, que é justamente pra isso, mas uma vez toco no assunto do código de postura do município, se não houver uma fiscalização, eu digo de todos os órgãos, que seja da vigilância sanitária com relação as carnes, que seja com relação a sonorização, porque não o prefeito nem o administrador que vai modificar não, primeiro ele não pode fazer isso, só quem pode fazer isso é o fiscal de postura, só quem pode coibir a questão do transito é a STTP e SEPTRAN, só quem pode essa questão de sonorização é o meio ambiente, só quem pode essa questão do lixo é a secretaria de sérvios urbanos, então quer dizer são vários órgãos que estão atrelados dentro do município que pode resolver alguma coisa realmente. Qual é a ponte que agente pode fazer isso, hoje! Acredito que Cícero sabe disso porque agente está aqui junto, tem moído... não interfere no nosso relacionamento pessoal, mas ele cobra quanto associação e evidentemente eu cobro com relação a hierarquia, mas eu ainda digo se eu tiver um bom relacionamento com o comerciante e associação, eu não tenho dúvida nenhuma é possível agente fazer a diferença, porque nós já fizemos hoje?!</p>	<p>■ IC – A fiscalização (código de postura do município) não depende apenas do prefeito ou administração da feira, mas de órgãos respectivamente responsáveis (vigilância sanitária, sonorização, STTP).</p>
<p>07 – Almir – (AB) você me permite uma [...] Uma pequena [...] o que (AB) acabou de dizer, um exemplo... Indiscutível o mercado central de São Paulo, é o cartão postal de São Paulo, por quê? Porque hoje acontece exatamente isso organização e os comerciantes de lá cumprem o que é determinado. O que é que ocorre? Os comerciantes se preocupam em manter o cartão postal. Então de mãos dadas com a administração é por isso que é o cartão postal de São Paulo e não é pouca coisa não, é uma das grandes metrópoles do mundo. Não como o turista ir em São Paulo e não querer conhecer o mercado central, pra comer um queijo [...] Então um dos... Porque botar a culpa nós outro é a coisa mais fácil do mundo [...] A degradação da nossa feira, a maioria bota a culpa em mil coisas, mas a principal é o comerciante, o comerciante simplesmente relaxou, ele só pensa em explorar o cliente, ganhar dinheiro e hã...</p>	<p>■ IC – Para tornar a imagem da feira central se tornar uma referência deve-se ocorrer um compromisso dos comerciantes no cumprimento de leis e na organização.</p> <p>■ IC – O comportamento dos comerciantes é o principal problema da feira central.</p>
<p>08 – Rafael – Caminhar na feira central é uma alegria porque agente ver muitos produtos, é um canto que agente chega e compra um produto fresquinho, mais barato que em todo canto e só de alegria.</p>	<p>■ IC – A diversidade de produtos, a boa qualidade e o preço leva a sensação de alegria.</p>
<p>09 – Cícero - Comparando com o crescimento da cidade, a modernização, a estrutura do grande investimento que tem vindo pra cidade. Hoje agente está no verdadeiro “estacionamento”! porque só mercado público tem uma história de 80 anos não é? Só o Mercado Público não é? O único investimento foi àquela cobertura metálica que nós temos, eu me acho um lixo em baixo de um “tapete persa” porque é uma cobertura caríssima não é? Então [...] hoje eu tenho essa colocação. E caminhando pela feira colega [...] eu mesmo tenho a sensação de está passando por uma favela desprovida de toda assistência do poder público, simplesmente para nós feirantes, agente está fazendo a</p>	<p>■ IC – Apesar do desenvolvimento urbano da cidade, desde do seu surgimento a feira central continua estagnada.</p> <p>■ IC – Desde o surgimento da feira houve apenas um único “investimento” (cobertura do mercado público).</p> <p>■ IC – Sensação de abandono.</p>

discursão, pra quem anda na feira, isso aê não pode se omitir.	
10 – Almir– Do ponto de vista dele, me deixa frisar só uma coisinha, tudo bem que é o ponto de vista dele - “se sente em baixo de um “tapete persa””. Eu creio [...] É [...] toda a nossa família foi criada ali, a feira não acabou mais ligeiro ainda graças aquele “tapete persa”, porque agente andava na chuva!	■ IC – O único investimento foi muito importante.
11 – Cícero – Mas eu acho errado, eu acho que o poder público tem que fazer o seguinte, não adianta chegar reformar um telhado e não se preocupar com o restante das coisas não. Hoje se você for [...] É [...] Observar em baixo daquele “tapete persa” ali tem trinta a quarenta por cento do comércio funcionando não mais do que isso.	■ IC - Torna-se desnecessário o investimento apenas em parte da feira.
12 – Almir. – Eu comparo aquela cobertura como exemplo: você tem uma audiência, mas você nem um carro e nem tem o dinheiro do táxi, mas você tem de ir de todo jeito, se você não tem uma “sobrinha”, você vai chegar molhado não é? Aquela cobertura servia pra agente, agente dependia daquela cobertura.	
13 – Cícero – Me deixa fazer uma colocação aqui pra ele não pensar que eu estou criticando a feira [...] até mesmo por essa questão política, até mesmo porque eu presidente da associação, até na reunião lá eu fui enfático que não tive nenhum vínculo empregatício, nenhum órgão público até porque nunca tive sou comerciante, foi quando me disponibilizei para enfrentar a associação, e associação foi fundada desde oitenta e cinco não é? Que o estatuto antigo dela, mas nunca tinha sido associado, nem tão pouco quis o convite, ou seja, não existe um centro associativo, não existe aquela a coletividade não é? De o pessoal reivindicar aquela melhoria em fim? Quer dizer a situação vai ficando degradante. E uma “andorinha só não faz verão” é tanto que eu venho aqui, “tirando leite de pedra” para tirar aquela imagem que não há associação [...] há isso é coisa pra quem tem vínculo político, não acho que isso é coisa, você precisa de político, mas [...] Todo mundo precisa de político.	■ IC – Existe uma “associação” porém os comerciantes não reivindicam melhorias em coletividade, o que piora a situação da feira.
14 – Almir – A sua “parte” está dentro do irmão (gerente da feira) enquanto não houver coletividade entre os grupos que estão representando a feira ai meu amigo, vai ficar complicado.	■ IC – Enquanto não houver uma coletividade nas exigências dos representantes da feira será difícil seu crescimento.
15 – Agnaldo – Essa imagem eu creio que ela não vai deixar nunca porque eu creio que enquanto não existir política [...] por que se você for pegar a história desde início, desde 1943 (setenta anos atrás) que agente vem estudando, esse enlace daqui da história de Campina Grande, principalmente sobre a feira quando ela saiu daqui para Vila Nova da Rainha foi por conta do lado político, existia dois partidos: partido “A” e partido “B”, saiu daqui foi pra lá por conta dessa história do lixo! Isso nunca deixou de existir, inclusive tem algumas literaturas que até o “chichi” do cavalo incomodava mansões e casas por aqui. Quando chegou na Vila nova da Rainha, começaram a se identificar com espaço que tem até hoje. Mas ela nunca deixou de existir, observe principalmente essa nova que está vindo agora também que toda vida teve está história [...] só que hoje as coisas estão mudando, existe hoje uma lei, uma constituição ministério, público existe ministério público para isso, junta três, quatro	<p>■ IC – As mudanças de localização da feira central aconteceram por interesses políticos e burgueses, justificados pelo problema de da falta de higiene.</p> <p>■ IC – Na atualidade as pessoas são mais críticas, passam a reivindicar seus direitos ao Ministério Público e o mesmo ao poder municipal.</p> <p>■ IC – A aceitação da modernidade é necessária.</p> <p>■ IC - A infraestrutura da feira depende dos gestores públicos e comerciantes.</p> <p>■ IC – Sensação de medo.</p> <p>■ IC – Não existe nenhuma segurança na feira central.</p> <p>■ IC – Como não existe uma lei de postura na feira as</p>

<p>comerciantes chegam ali no ministério público, paga lá assina o papel protocolado, o ministério passa cobrar do poder público, quando passa a cobrar do poder público ai começa a vir às exigências. Há quanto tempo que não tínhamos um código de postura do município, sanitário, ambiental, então não tinha, então na medida em que vai evoluindo. Por exemplo, quem é doido de chegar e dizer que na feira central no dia que vier carne gelada ninguém compra, hoje, o que é que tá entrando lá? Carne gelada, serviço de expansão federal, muita carne está chegando, pra isso, já existe hoje em Campina Grande uma carne excepcionada apesar de que com muita dificuldade, fica na competência principalmente com o pessoal que trabalha com carne. Então essa parte espacial, geográfica, isso depende muito do poder público, juntamente com o comerciante cobrando isso. E qual é a sensação? É uma sensação de medo! Você caminhar hoje na feira central. Primeiro: enquanto agente não tiver, porque é dever do Estado não estou falando aqui de governador, na nossa vida hoje a segurança pública é dever do Estado, e está acontecendo isso?! Não por que estamos presos dentro de nossa casa, imagina dentro do comércio daquele, não existe um policial se quer! Um pra fazer um “chá” pra andar ali dentro não existe hora, uma terra sem lei onde o pessoal vai obedecer, vai obedecer? Qual é o fiscal que vai hoje, que vai fazer um trabalho dentro da feira hoje, que não é ameaçado! Qual é?! Porque veja bem, pra você ter uma ideia se não fosse hoje o comerciante que tivesse tirando dinheiro do seu bolso pra colocar alguns seguranças, porque não é segurança! Por que vá pagar cinco reais a um segurança pra vê, não paga! Mas... Pegue seu estabelecimento comercial e pague “cinco contos” por semana?! Só pra ficar tomando conta dos seus troços. Se não tivesse um pouquinho de “A”, um pouquinho de “B” e “C”, não existia...Essa questão de segurança não existe certo! É o medo. Segundo ponto: A sensação que eu tenho nojo, quando você vai com alguém principalmente quem está no serviço público você vai levar nome de babão, não tem o respeito pelo funcionário público, pela aquela pessoa que está exercendo aquela função, terceiro: vou só repetir a questão da reeducação. Eu conheço pessoas que estão trinta anos repetindo uma coisa só, mas eu conheço pessoas que estão a três na feira central e estão ricos, porque teve uma evolução porque ele transformou aquele espaço, ele transformou o lixo em luxo, ele ganha seu dinheirinho ali, tem aqueles que só botam sua banquinha e depois vai embora, tem aqueles não, que está fazendo seu investimento, então a minha sensação hoje é medo! Só isso falta de segurança. Com licença... Só pra ter uma ideia, pra ter uma ideia, recebi uma mensagem agora, vou até ler aqui pra vocês, olha só que situação difícil: ‘a filha de Sr. Manuel disse que o senhor fosse até a delegacia para falar com delegado Oscar, onde era a delegacia da mulher, tratasse do arrombamento que houve no seu estabelecimento’ ai quem vai sou eu?! Ai eu mandei uma mensagem vá à delegacia, preciso do boletim de ocorrência, eu preciso do boletim de ocorrência [...] foi agora não faz muito tempo não foi agora, então aqui já está dizendo tudo, ai quando eu chegar lá o delegado vai fazer o que agora? Ai eu vou cobrar da policia ai eles porque não foi falar para o comandante, e até hoje tentar esperar um e não apareceu ainda.</p>	<p>pessoas não obedecem a fiscalização.</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ IC – Só existe “segurança” na feira central porque os comerciantes pagam a seguranças particulares. ■ IC – É necessário educação das pessoas que trabalham na feira.
<p>16 – Almir – É por esse motivo que a feira está em decadência!</p>	

17 – <i>Cícero</i> – Eles disseram que enquanto não houver um lugar apropriado pra instalar um posto policial.	
18 – <i>Almir</i> – Ali tem. Onde eles fazem o abate.	
19 – <i>Agnaldo</i> – Mas não têm mais não, policiais não mais não.	
20 – <i>Francisco</i> – E não tem aquelas caras que andam dois e três policiais lá [...].	
21 – <i>Almir</i> - Não, não, não meu colega, me permita! Hô colega. Ali o problema é o seguinte: [...] mas até um dia desses tinha um posto policial ali, até o ano passado? O que ocorreu lá? Ali no meu ponto de confecções [...] O cara chegou ali, sentou lá, ai pegou a pistola [...] pistola 380, uma pistola ficou pra lá e pra cá e ameaçando todo mundo, a feira inteira! Inteira! Todo mundo chamando vocês, vocês foram? Vocês apareceram? Sumiram meu amigo! Pra encurtar a conversa o cara ficou atirando pra cima, atirando [...] “tá, tá, tá” meia hora depois chegou dois camburões. Venha logo duas horas depois, há paciência não é?!	■ IC – A ocorrência de violência na feira e ineficiência do trabalho policial.
<i>IV – Fale sobre os principais problemas da Feira de Campina Grande e quem seriam os principais responsáveis por seu surgimento?</i>	
01 – <i>Agnaldo</i> – Eu ainda vou tocar nesse primeiro, que eu venho sempre debatendo isso. O primeiro problema pra mim é segurança, você sem segurança não é nada. Sem segurança você não trabalha disciplina, sem segurança você não tem como fazer os próprios comerciantes obedecer ao próprio código de postura do município, porque eles se sentem dono, eles ameaçam, não respeitam o artigo trezentos e trinta e um com relação o funcionário público. E o segundo ponto, eu ainda “tocando” nessa questão de higiene, um dos maiores problemas é esse, mas não só através do poder público, mas também quero deixar bem claro, cliente nenhum sai de casa para deixar lixo na feira não, se cada um comerciante, cada um, levasse pelo o menos uma sacolinha e colocasse seu lixo na sacola e amarrasse já evitava meu irmão noventa por cento daquela quantidade feia que está ali dentro, porque você imagine o camarada está descascando alho, descascando uma coisa “pufo” joga fora, meu irmão é imoral. Então eu creio que agente também, primeiro ponto segurança, segundo ponto essa questão da higiene, isso daí é fundamental, principalmente pra uma feira livre. Principais responsáveis podem colocar o poder público e comerciante.	■ IC – Não é possível trabalhar disciplina na feira sem segurança. ■ IC – Falta de higiene dos comerciantes. ■ IC - Principais responsáveis pelos problemas: o poder público e os comerciantes.
02 – <i>Cícero</i> – bote logo que os feirantes bote!	
03 – <i>Agnaldo</i> - Porque hoje mesmo eu senti isso, lá na feira de flores, por exemplo, o rapaz a primeira coisa que faz é pegar o lixo, o que foi que uma mulher cotar aquilo ali e joga fora, quando agente vai reclamar. O menino foi e disse (AB) vou lá mais não, eu disse por quê? Porque ela disse: - você está aqui pra isso mesmo -, cadê o fiscal? Ai eu concordo plenamente com o irmão (representante dos ambulantes) aonde é que uma pessoa só vai revolver essa situação? Se não existir os órgãos, porque se eu só eu não resolvo, o camarada tem que ir lá com o papelzinho e da uma “canetada” no cara, sem caneta meu irmão não adianta não.	■ IC – O problema da falta de fiscalização rígida de vários órgãos responsáveis.

<p>04 – Francisco – Vou contar um exemplo: Quando era, fazia parte do parque de exposições, ai eu exigi vinte e quatro guardas municipais, ai o prefeito disse assim, esse numero todinho, então disse se o senhor quiser que eu coloque o gado no curral e não fique no lado de fora, eu preciso de vinte homens [...] mas os guardas eram tão mole que não resolviam nada, ai eu paguei uns policiais particulares, e dei conta do recado. Tinha vinte guardas nenhum revolviam, os comerciantes “davam” bravos, ai os outros corriam tudinho, ai eu paguei particular, eu arrecadava da feira, prestava conta, saí da feira, bagunçou novamente, mas vinte guardas não dava jeito, é “fogo”! E você vê toda essa questão de globalização, você vê os grandes mercados insistindo, fazendo seus melhoramentos e a feira [...] de qualquer forma você fica descriminado, porque você não tem [...] não consegue acompanhar esses investimentos não se comparando ao Extra, a um Atacadão em fim, mas que eu também vejo uma omissão por parte dos gestores, por essa questão da organização, porque ali é um mercado público vem pessoas de todas cidades circo vizinhas de campina, joga todos os seus dejetos, quer dizer se eu sou da cidade eu não vou criar aquele embate, eu (CR) feirante não vou, agente não consegue ter esse impacto com outros feirantes de outros municípios, então precisa ter uma administração bastante ativa, que saiba aplicar com rigidez, eles podem até está sendo omisso, onde vem a questão política, de que até em outros colegas que estavam em reunião dizer há você pode ser prejudicado é até uma forma de intimidar, de chantagear o prefeito pra não querer mexer, mexer o quê, mexer não vai ser organizado? Então esse é meu ponto de vista, há uma omissão por parte dos gestores, toda essa falta de investimento na feira, pra ela caminhar o mínimo possível, essa questão de acessibilidade, segurança, porque quando também você não tem acesso, você também não vai ter segurança não é? Quando você não tem uma disciplina rígida, você não ter higiene, o cara chegar e jogar o lixo isso é um absurdo, o cumulo do absurdo cara, só em você imaginar, vem com um caminhão de banana e espalha toda a palha na frente, e deixa lá cara! Pode colocar Matinhas, Massaranduba, Lagoa de Roça.</p>	<p>■ IC – No processo de globalização os investimentos são direcionados aos mercadinhos e não a feira livre.</p> <p>■ IC – Os problemas são atrelados: falta de acessibilidade à insegurança, indisciplina a falta de higiene, tendo como responsável a falta de investimento e omissão do poder público e indisciplina dos feirantes.</p>
<p>05 – Almir – Concordo plenamente [...] que o problema é dos feirantes e a culpa é daqueles que negociam dentro da própria cidade, que dependem da própria feira, para puder levar o seu sustento, agora é como ele falou [...] Enquanto não existir uma reforma imensa ali na feira, como existiu dentro do centro, porque o centro de Campina Grande não diferente da feira central não, agente não tinha condições de andar na calçada não, as pessoas tinha de dividir as ruas com os carros, muitas pessoas na época foram acidentadas ali, ninguém se lembra disso, mas todo mundo sabe que era, o que foi que aconteceu, removeu todo aquele pessoal, botaram em seus devidos lugares, deveria ser feito aquilo na feira, porque o governo tem verba pra isso, a nossa feira pode voltar a ter uma base da policia, pode ser invejada por qualquer outro Estado, agora para isso tem que existir o quê o apoio do governo, ou o governo não se esqueceu dali, não se esqueceu você comerciante, você que faz parte da administração, mas quem está por “cima” de todos nós, quem são os nossos governantes, você nenhum político entrar ali não meu amigo. Na época de campanha você vê, mas eu quero vê durante os quatro anos chegar um político ali dentro, dizer: - esse projeto vai ser assim, isso vai</p>	<p>■ IC – O problema da feira é causado pelos feirantes.</p> <p>■ IC – O principal responsável para o desenvolvimento da feira é dos governantes.</p> <p>■ IC – Falta determinação do poder público.</p> <p>■ IC – Não podem existir segurança e higiene em um local sem infraestrutura.</p>

<p>assim! - não tem meu irmão, então tem como existir segurança, higiene em um lugar que está em [...] como já disse pra você em decomposição, é o caso da feira central. Mas tem meios cabíveis da feira voltar a ser um cartão postal, fazendo feira central como e fizeram no centro, só o que falta na feira é isso.</p>	
<p>06 – Rafael. – Tudo o que eles falaram ai, porque não tem segurança, não tem administração ai pronto, vai só acabando.</p>	<p>■ IC - Não existe segurança e administração.</p>
<p>07 – Almir – Administração tem, falta apoio como ele vai fazer as coisas sozinhas.</p>	
<p>08 – Francisco – Como um administrador sozinho vai fazer o quê, sozinho? Está faltando é apoio (apoio moral do governante) porque a feira é grande, tem que ser dez a quinze homens ali. Pra nos dois dias de feira pra melhorar, mas sozinho. É hora de mostrar ao governador, ao comandante da policia que a feira está morrendo, nesses seis meses morreram quatro ou foi cinco pessoas, temos que fazer um movimento uma “baixa assinado” de vez em quando morre um ali, faz quinze dias que eu vi um esfaqueado. Teve um tempo que tinha muito policial ali, conseguimos através de um “abaixo assinado”, o que está acontecendo é que ninguém está cobrando, temos que abraçar a causa, e da contribuição. Os responsáveis são a população em geral, os comerciantes que estão ali dentro e não tomam providencia, somos todos nós temos que tão somente cobrar os órgãos juntar as mãos e lutar por isso.</p>	<p>■ IC – O número de funcionários é insuficiente e deve existir uma atenção maior do gestor público.</p> <p>■ IC – A feira está “morrendo” com violência na feira central.</p> <p>■ IC – Deve-se haver cobrança da população e comerciantes da feira para melhor a segurança.</p>
<p>09 – Almir – Sr. Francisco resumindo “uma andorinha só não faz verão”, agora é aquela coisa pra voltar a ser o que era tem que existir uma reforma, se não existir uma reforma vai continuar no mesmo.</p>	<p>■ IC – Para solucionar os problemas da feira é necessário uma reforma.</p>
<p>10 – Antônio – Os principais responsáveis, apontar um principal responsável é quase impossível, principais problemas é organização, é sujeira, é falta de segurança, segurança pública, o próprio comerciante que a maioria deles são gananciosos demais, colocam três balaio grandes e por ai vai. Na “Dep. José Tavares” [...] sabe por que sou eleitor, porque sou obrigado, votar eu não voto. Voltando a “José Tavares”, o quê é que ocorre? Não tem aquela fila de barraca? Que o pessoal no banheiro, ai não tem aquela fila de banco no meio? Aquele pessoal da fila de banco do meio é os donos da barraca, eles têm aquelas barracas e invadem o meio da rua, precisa dizer mais alguma coisa, então colocar só a culpa no político diretamente?! Nem eu que não vou dizer, porque a coisa mais fácil do mundo é colocar a “cangaia nas costas dos outros”, colocar a culpa em alguém, mas ali é o próprio comerciante que está deteorando a feira. Existe essa amiga que você disse que está tomando conta de quase tudo? Se tivessem já feito um projeto pra colocar todo mundo no seu devido lugar, ninguém ia tomar lugar de ninguém não, porque só vai trabalhar nesse espaço naquela medida, mas tem muitos bancos lá que está sem ninguém: “Eita! Vamos entrar aqui”.</p>	<p>■ IC – Principais problemas: dosorganização, sujeira, insegurança, postura do comerciante.</p> <p>■ IC – O problema não é apenas do gestor público mas da postura dos comerciantes.</p> <p>■ IC – É necessário o projeto para organização espacial dos setores da feira.</p>
<p>11 – Aginaldo - Porque vamos passar agora por esse processo de revitalização? Porque se não fosse IFAEPE, IPHAN e se não fosse essa questão do prédio histórico o “carvão” não vinha não. Porque é que aqueles Box que estão ali, que era o muro do mercado vão ter que sair? Veja quantos anos não fazem? Que aqueles setores ali dos cereais da farinha dentro do mercado, [...] setor da pedra, o que foi</p>	<p>■ IC – A justificativa para realização do projeto de requalificação na feira parte apenas por questões de patrimônios históricos.</p>

<p>que aconteceu? Alguém deixou, não deixou, constrói coloca laje, tem CNPJ, tem alvará tem isso aquilo outro. Então, ao passar do [...] não vejo nem a questão do político, eu vejo a questão do código de postura do município. Porque se tivesse lei.</p>	
<p>12 – <i>Almir</i> – Como eu coloquei que não pode colocar a culpa só no político. Porque se perguntar: - Qual o político que fez a coisa errada? Desde sessenta e quatro pra cá, porque minha mãe construiu ali onde você está falando, levantou ali alvenaria (sessenta e quatro e sessenta e cinco) um negócio assim. Veja bem [...] ela pegou comprou umas madeiras e fez a alvenaria para guardar mercadorias como depósito, era bem magrinho carregava um “moi” de pau da gota, ai você vai colocar a culpa no político não pode. Quem tem de tomar atitude é a parte político concordo. Porque é o político que sabe de onde vem o dinheiro, tem capacidade pra organizar tem equipe para gerenciar essa coisa toda, agora botar a culpa só no político, porque a bagunça que tá lá foi do governo anterior não, quem foi o anterior a esse? Por isso que disse não é só do político.</p>	<p>■ IC – O culpado a respeito das dificuldades da feira central não é apenas do político, pois o problema é histórico.</p>
<p>13 – <i>Almir</i> – poderia colocar a culpa no governo anterior porque prometeu que a feira, todo mundo é sabedor ia ser um paraíso, agente espera até hoje. Como aquele posto de gasolina em frente a Sr. “Biu” do caldo-do-cana foi alugado a determinado órgão da prefeitura por um valor “x” que meu amigo dava pra comprar não sei quantas casas populares. Terminou o dono do posto, entregando a Gilberto (como ele está responsável) não é? O dinheiro, o dono lá do posto vocês sabem da história está na justiça pra vê se recebe do prefeito anterior porque verba veio. Por isso é que coloco a culpa [...] porque nós somos regidos por três esferas, todo mundo sabe Executivo, Legislativo e Judiciário se agente não procurar essas esferas, quem é que vai procurar?</p>	<p>■ IC – A culpa é da gestão passada com apenas promessas.</p>
<p>14 - <i>Antônio</i> – Eu citei a “Dep. José Tavares” como principais responsáveis em termos de desorganização citaram como exemplo, como a minha vizinha, como de uma das feiras mais antigas aqui de Campina Grande, primeiro lugar a feira de carne, em segundo lugar a feira de confeções que sempre foi ali nunca mudou, na rua do queijo a “Marcilio Dias” em frente ao “Pau do meio”. O que ocorre, na época “Ronaldo Cunha Lima” autorizou, suspendeu porque antigamente pagava taxa de chão todos os dias, ai tive que no caso minha mãe, minha família tiveram oportunidade de organizar, foi o político que deu oportunidade, parou o sofrimento, vocês não vão desarmar vão ficar a semana inteira, porque antes colocava, armava o banco da terça feira no final da tarde, não é? Pegava lona pesada, não era “molezinha” não. Fazia a feira da quarta feira no final da tarde na quarta feira tinha que limpar a rua inteira! Os próprios feirantes, tinha que desmontar tudo e guardar tudo, e não era “molezinha” não, ai passava a quinta feira sem ninguém trabalhar, na sexta feira tinha feira, se armava de manhã pra trabalhar na sexta e sábado, no sábado desmanchava tudo sofrimento total isso eu era molequinho. O que ocorre tivemos a oportunidade graças a um político que disse a partir de hoje ninguém vai pagar mais chão aqui, e a partir de hoje vocês colocam na terça pra o sábado podem deixar armado direto [...] Ai evoluiu, outro políticos que vinheram depois também facilitaram [...].</p>	<p>■ IC – Setores desorganizados: Rua: Dep. José Tavares, carnes e confeções.</p> <p>■ IC – Benefícios de gestões passadas: Isenção da taxa de “chão” e não desarmar os bancos.</p>

15 – <i>Cícero</i> . – A herança deles foi maldita!	
16 – <i>Francisco</i> – Eu voto nos “Cunha lima” falar [...]	
17 – <i>Antônio</i> – Foi bem dita! O senhor me permite terminar?! Eu citei data de políticos assim pra frisar o tempo e demonstrar a evolução de hoje. Hoje ficou da seguinte forma, daí outros vinheram [...] a primeira oportunidade foi deixar da terça ao sábado não é? Mas outros vinheram e começaram a facilitar também e começaram a construir alvenaria. Os administradores vendo [...] Eu duvido construir uma casa em qualquer bairro e ninguém ver, a prefeitura não ver?! Isso não existe! E facilitaram e está do jeito que está hoje. Então vem a desorganização! [...] sim você utilizou o termo pejorativo (maldita), mas englobou demais. Ai continuou a administração pública não atuando, efetivamente, ficando omissa, omissa! Não vou citar nem da administração anterior pra não me dar raiva, porque quando falo em política começo a ficar zangado.	<p>■ IC – Os políticos facilitaram ao ponto de deixar os feirantes a vontade.</p> <p>■ IC – A omissão da administração pública provocou a desorganização.</p>
18 – <i>Silvino</i> – Problemas ai é que não falta não é? Eu citei aqui alguns problemas, mais como solução do que como problemas, como a princípio agente já deveria dizer os problemas já solucionando sair dessa reunião sentar, conversar e já colocar pra frente, primeiro: Estrutura física que está abandonado mesmo com certeza, segundo saneamento básico que já coloquei como higiene; segurança que pode até ser o primeiro ponto, porque daqui que a estrutura saia essa coisa toda tem que ter segurança; pavimentação projeto de Lei (código de postura) pra feira central se existe ou não que o povo tenha conhecimento disso também; Coloquei algumas atividades, mas para mais pra frente quando isso tiver pronto, como atividades culturais, justamente para fortalecer a feira e projetos sociais de mobilização para alimentos [...] Quanto à situação dos responsáveis, como Sr. Antônio Falou já vem de uma bagagem, de uma herança [...].	<p>■ IC – É devido citar os problemas junto a soluções. Os problemas são: Segurança, Estrutura física, saneamento básico (higiene), pavimentação e o Projeto de Lei (Código de Postura).</p> <p>■ IC – Sugestões de atividades: Culturais, ações sociais, mobilização para alimentos.</p> <p>■ IC - O problema vem de gestões passadas.</p>
19 – <i>Antônio</i> – Uma herança maldita não viu! Maldita não!	
20 – <i>Cícero</i> - Não! Entenda. O modo que eu quis dizer, foi porque deixou numa situação porque quando passou, deixou de ser cobrado, talvez naquele momento todo mundo se glorificasse, mas se vinhesse sendo cobrada aquela taxa a coisa com certeza estaria numa situação diferente, mas aquilo foi só uma forma de eu falar, ai ficou complicado porque quando deixou de se pagar [...] o abandono é tão [...]	<p>■ IC – A feira está no abandono em razão do gestores não cobrar impostos.</p>
21 – <i>Antônio</i> - O que foi feito foi certo!	
22 – <i>Cícero</i> – Eu lembrei um fato aqui com um amigo nosso aqui, o cara soltou uma graça pra ele, e tinha um monte de lixo lá, e se eu não me ganho ele pediu para pessoa recolher o lixo, ele disse: quem pode recolher são vocês, que é obrigação de vocês, o cara não contribui com nada! Joga o lixo e ainda diz que não é responsabilidade dele.	
23 – <i>Agnaldo</i> – Ai eu aproveitei e respondi: você não está pagando nada aqui mesmo a obrigação é sua.	<p>■ IC – Para o funcionamento da feira deve-se pagar impostos.</p>

24 – <i>Almir</i> – Se tivesse pagando era o mais direito, agora só um minuto só, porque nas maiores feiras as coisas funcionam? Porque tudo é pago meu amigo.	
25 – <i>Silvino</i> – Um exemplo próprio aqui é a feira de Queimadas, existe uma taxa, é pago, e é organizado.	
26 – <i>Antônio</i> – Eu discordo de se tivesse pagado não teria se desorganizado daqui pra lá, porque teria desorganizado do mesmo jeito, porque as gestões que vinheram foi que não deram prioridade à organização.	■ IC – A falta de pagamento por parte dos feirantes não contribuiu para a desorganização, mas sim dos gestores que não priorizaram organização.
27 – <i>Francisco</i> – Eu acho que “Ronaldo” fez uma coisa errada pelo seguinte: Pra ele foi muito bom, chegando no mercado central noventa pessoas apoia o governo de “Cássio Cunha Lima”, só o que acontece, quando eu botei um banquinho lá eu pagava três reais faz trinta anos, vinha o fiscal e todo mundo pagava e agente cobrava os direitos da gente. No entanto, agora pra reformular o mercado, porque se ninguém pagar ninguém tem direito. Aquele “Pau do meio” pode derrubar tudo, ninguém vai incriminar vocês em nada porque ninguém paga nada, está abandonada [...].	■ IC – Se não existe o dever de pagar ao poder público, não se tem o direito cobrar.
28 – <i>Antônio</i> . – Também não assim! Eu discordo.	
29 – <i>Agnaldo</i> . – Essa questão de conferência de ponto, foi tão bom, eu estava até conversando com o irmão hoje, teve um banco lá que o camarada fez um negócio errado, eu quebrei pensando que não tinha dono, no apareceu o cara [...] e disse que vai me processar. No Pau do meio não está tudo fechado? Ali é ponto de droga, procure saber os camaradas que está por trás, se não são uns caras bem vestido bacaninha, existe o narcotráfico e na feira, uns dos maiores pontos de drogas são ali.	■ IC – O “pau do meio” está “abandonado”, mas utilizado é o maior ponto de droga na feira central, com envolvimento de pessoas de classe elevada.
30 – <i>Antônio</i> . - Porque ele falou que se não tivesse parado de cobrar, não teria bagunçado, eu disse que não tem nada a ver uma coisa com a outra. Ai meu amigo ali falou que pode ir lá e derrubar tudo. O senhor acha que pode?! Heim?! O senhor acha que pode?! Eu discordo do senhor pelo seguinte: Dá licença, dá licença! O senhor está na sua residência o senhor passa sua vida inteira sem pagar IPTU ai o senhor acha que, por exemplo, o governo pode chegar e derrubar sua casa?! Não pode cidadão, não pode porque você é um cidadão brasileiro, se o senhor não paga aquele imposto ali, diretamente, mas paga indiretamente com que o senhor consome, a coisa não do jeito que você está pensando não.	■ IC – Não pagar imposto não dá o direito do governo fazer o que quiser.
<i>V – Nos últimos anos a Feira Central tem sofrido mudanças sociais e estruturais no ambiente. Quais os segmentos que tem efetivamente contribuído para isto?</i>	
01 – <i>Agnaldo</i> – é um descaso social já começo por aqui, pedinte isso aí é o que mais tem moradores que só tem aquele espaço principalmente ali no “Pau do Meio”, tirar aquele pessoal dali vão colocar onde? Não comercializam mais nada, mais moram lá; prostíbulo por tudo que é canto, pontos de drogas por tudo que é canto, toco de novo mais uma vez questão de segurança. Então quando falo essa questão de descaso social, porque não estou falando de só um órgão não, vários órgãos que estão atrelados	■ IC – A presença de pedintes e moradores na feira, prostíbulo e pontos de drogas. ■ IC – A responsabilidade está atrelada a vários órgãos (Estadual, Municipal) do poder público ao feirante. ■ IC – As mudanças espaciais estão relacionadas à postura dos feirantes em colocar seu ponto em locais indevidos.

<p>dentro do poder público que seja da esfera estadual, a municipal pra poder também ter uma visão um olhar diferenciado pra isso. Quando agente parte pra o lado geográfico também acontece os mesmos problemas desde a originalidade daquele mercado, quando alguém disse eu quero ampliar, colocando um box no local que não era pra colocar, na medida que era banca desmontável que ela passou a ser fixa e hoje é box, então essa diferença fez com que não mudasse não só a parte geográfica mas também da feira, porque, por exemplo, Sr. Antônio falou a questão da “Macílio Dias”, que agente pode colocar a “Cristovão Colombo que é a feira de Calçados, que não passa carros em canto nenhum, que ao passar dos anos foi mudando toda essa parte, o “Pau do Meio” que exemplo foi à feira de verdura conhecida hoje qual é a situação? Quem que vai pra aquela feira hoje? Por exemplo quem está lá na rua Deputado José Tavares, não sabe nem onde é a administração da feira porque lá na sua rua só se importa com seu comércio e não ver a amplitude da feira, o lado coletivo, porque eu acho interessante que o individuo que vai liso pra feira, porque exemplo o carroceiro só com a carroça, mais ele vai ali com frete, vai comprar aquele camarada ali, então ele dá lucro que chega liso zerado mas ele pega o frete pra da lucro ao comerciante e as vezes ele não tão bem visto. Então eu vejo que muitas coisas foram mudando nessa parte geográfica, cultural, nessa reeducação, e fez com que infelizmente chegasse a esse ponto, pra contribui, e direcionar a só um ponto é [...] são vários! Em linhas gerais eu vejo desde do poder público até o [...] feirante.</p>	<p>■ IC – Ocorreram mudanças geográficas, culturais e postura do feirante.</p>
<p>02 – Antônio – Os seguimentos como ele falou ai, são todos, o principal e o que gerou todas as mudanças ruins que aconteceram durante esse período foi exatamente a omissão de gestão pública, porque em função disso, ai vinheram, já que ninguém manda, o povo diz: então quem manda sou eu, ai vem os abusos, cada um que abusa mais do que o outro.</p>	<p>■ IC – O principal segmento responsável foi à gestão pública.</p>
<p>03 – Almir. – Pra existir o social tem que existir o apoio da classe governante, porque se não tiverem presentes se eles não fizerem, aquilo ali vai continuar sendo sempre o que está sendo até hoje, um estado de decadência, uma feira não vai ter moralidade, porque falta o que segurança, falta um incentivo social, pessoas dos órgãos tirando pessoas que não eram pra está ali, enquanto não existir apoio dos políticos, vai ser sempre isso.</p>	<p>■ IC – A feira deve ter o apoio do governo para controle.</p>
<p>04 – Rosalvo – Fui feirante durante cinco anos, eu sou de Galante e depois vim pra cá, mas estou aqui pela associação comercial, dou apoio aqui eu trabalho com elaboração de projetos para cooperativa. Mas eu dizer que tenho uma relação muito afetiva com até porque até pelo fato de ter sido feirante, mas em todo local do mundo a feira é um local de encontro de pessoas, aliás, a maioria das cidades, se você for fazer um levantamento no Nordeste, todos surgiram de um entroncamento com uma igreja ou com uma feira, depois a igreja. Mais respondendo a pergunta, eu ative mais aos segmentos específicos, por exemplo, os supermercados bem ou mal, eles causam alguma mudanças estrutural até com a forma com que eles comercializam os setores de calçados e confecções também, que aquela invasão extraordinária, o setor de eletroeletrônica, com CDs, filmes, também é uma novidade dentro da feira e os setores tradicionais que está se acabando, praticamente a parte de artesanato, ninguém ver mais aquela parte de barro, só numa pequena área no</p>	<p>■ IC – A feira tem sua importância histórica no surgimento das cidades.</p> <p>■ IC – O advento dos supermercados, a mercadoria eletroeletrônica tem afetado os setores tradicionais da feira como o artesanato.</p> <p>■ IC – Deve existir uma espacialização por setores.</p> <p>■ IC – Se houver uma fiscalização no setor de carne e peixe</p>

<p>mercado das flores, eu chamaria de mercado das flores por que é três, quatro bancos, está faltando uma especialização da feira, pra ela se especializar por setor e com isso atender o maior número de pessoas, agora dentro de uma estrutura lógica, não aquela bagunça do “Pau do Meio” que tem ali aquela degradação que é a feira de carne a feira de peixe, porque se o ministério público quiser ele não fecha a feira de carne e peixe como o mercado, se ele for no pé da letra no rigor da lei fecharia tudo, então minha crítica é nesse sentido, tem setores que se beneficiaram como esses que eu falei não é? (confeções e calçados), e tem setores que praticamente se acabaram aqueles tradicionais por que não tiveram apoio.</p>	<p>é fechado.</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Os setores tradicionais estão se acabando por não ter apoio.
<p>05 – Francisco – O setor público, quando começou os grandes mercados, o público, o governo do Estado é claro que está com os olhos mais voltados para os supermercados, vem muito impostos para o governo, e poder municipal também mas tem um detalhe que é preciso agente dar as mãos e levantar a bandeira do mercado central. O mercado central ficou sem cobrança nenhuma, quando um hectare não tem arrecadação pra o governo, nem ao município o interesse é muito pouco, se vive através de arrecadação não é? O mercado central não tem, então cabe a nós campinenses de coração levantar a bandeira da feira central e agente cobrar alguma melhoria, porque se governantes tivesse feito um levantamento do que a feira central, que ela tem nome, ela é [...] Caruaru é primeira, Campina Grande a segunda não é? Se as autoridades tivessem dado prioridade a Campina Grande, isso não teria acontecido, mas em virtude de não ter lucro ao governo estadual e municipal ficou só pros Campinenses, se o senhor é comerciante do mercado central, só pensar no seu comércio e não contribuir em pro da feira central vai se acabando e fica só o senhor. Campina Grande nós tempos passados havia uma fiscalização, na feira de carne tinha aferição das balanças, isso contribui muito, muita gente deixou de comprar no mercado central, porque tinha uma diferença de novecentas gramas, desestimulou, nunca mais eu vi fiscalização de limpeza da carne, ai as vezes eu passo e vejo um boi de mal qualidade não denunciam mais porque não acreditam em mim, ai foi caído essa situação. Se o governo municipal não tomar providencia fecha tudo. Eu passo na feira de peixe, vejo aqueles comerciantes colocando as escamas dentro dos canos, aquilo entope, eu passei na feira de peixe e vi três bancos com peixe podre e seco, é preciso que tomamos uma providência urgente. Eu conheci Campina Grande matando 450 bois, hoje estão em 120, 130 bois mais ou menos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – O governo tem mais interesse nos grandes mercados porque arrecadam impostos significativos. <input checked="" type="checkbox"/> IC – O poder público não tem muito interesse no mercado central porque não existe nenhuma arrecadação para eles. <input type="checkbox"/> IC – Cada comerciante deve contribuir em favor da feira e não pensar apenas em si mesmo. <input type="checkbox"/> IC – Não existe fiscalização no setor de carnes. <input type="checkbox"/> IC – Houve diminuição na venda de carnes nos últimos tempos.
<p>06 – Cícero – Mais já chegaram a ser abatido quase 600 bois por semana.</p>	
<p>07 – Francisco – Vejam bem como vai caindo. O mercado de carne é seco, têm dez bancos devendo carne podre, vendendo carne de sol, nenhuma fiscalização foi feita ali!</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Existe má qualidade na carne e nenhuma fiscalização.
<p>08 - Agnaldo- Deixa eu atrapalhar o senhor, teve um camarada ali, a semana passada, ele estava fazendo umas coisas erradas lá, fui reclamar ele com a faca, tomei a faca dele ele foi chamar a policia pra mim, porque tomei a faca dele, na quinta feira ele com duas e aê? Como você vai trabalhar no setor desses, se não tiver policia segurança [...].</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Como fiscalizar (cobrar) em um local que não tem segurança.

<p>09 – Francisco – Tem um deles que vende carne de sol e vende droga! [...] quem não conhece vai e compra ali [...] As informações que eu dou às vezes nem agrada muita gente, mas eu digo o seguinte: o mercado central tem que mudar e com urgência, porque a cada dia que nós visitamos vai vendo [...] eu fui reclamar uma vez o peso da carne que deu quatro quilos e setecentos o “machante” puxou uma faca [...] e ele devolveu meu dinheiro. Tudo que agente de vê de agravante no mercado central [...] Eu mesmo na minha concepção sou “fiscal” de mim mesmo, eu sou compro uma carne de boa qualidade. Tem pessoas inocentes que vai comprar e se ferra.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Existe venda de drogas pelos comerciantes. <input checked="" type="checkbox"/> IC – O mercado central deve mudar com urgência. <input type="checkbox"/> IC – Somos “ficais” de nós mesmos para comprar uma mercadoria de boa qualidade, porém existem pessoas que sabem escolher.
<p>10 – Dennis. – Em relação a essa dinâmica da feira (arrecadações, impostos), a respeito desse melhoramento, depende apenas do poder público?</p>	
<p>11 – Francisco. – Se reclamar do mercado central como está planejado e haver cobrança, e não pagarem seus direitos vai ficar do mesmo jeito, porque não existe estabelecimento nenhum gratuito que se interesse ao bem coletivo da comunidade, se você paga seus direitos você exige e você tem higiene, se você não paga nada faz como ele disse: o cara urina em bolsa de plástico e joga debaixo de outro banco as fezes do mesmo jeito. Mas se você paga seus direitos você vai ter que zelar por aquilo, vai ter arrecadar dinheiro para arcar com aquelas despesas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Para os feirantes terem seus direitos (limpeza, organização), devem “pagar seus direitos” para arcar com despesas na feira.
<p>12 – Dennis – (RS) ou (CR) vocês concordam com o comentário do Sr. (FS)? Tem alguma coisa a mais para acrescentar?</p>	
<p>13 – Rafael. – Concordo [...]</p>	
<p>14 – Cícero – O que ele está falando é uma realidade, meu ponto de vista em relação à pergunta, eu tenho uma visão o seguinte: quando houve uma perda de aquisição econômica, porque muitos feirantes sofreram isso, obviamente vai acarretar, pra você fazer uma nova estrutura. Em minha estrutura eu sempre tive uma preocupação, não só com a imagem do local de trabalho, mas você expor aquela mercadoria que é claro os fregueses ia ter uma atenção melhor e até hoje graças a Deus isso teve um resultado. Existe uma preocupação no sentido de feira, que eu me preocupo muito com a feira porque quero comprar a fruta, verdura, e existe o atrativo feijão eu sempre gosto de conciliar todos os produtos, porque quando você vai pra uma feira o que é que você quer comprar? Você quer comprar todos os produtos, é tanto que hoje existe uma logística dentro de alguns hipermercados em eles estão diversificando os setores. Então a perda de poder aquisitivo, tirou o poder de aquele feirante fazer aquele investimento. E as ruas mal organizadas, invadidas, os comerciantes ultrapassando seus limites de espaço aquilo vai afetando o acesso não é? Sempre há uma preocupação com o acesso [...] você pegar uma senhora como agente estava acostumado ver, várias senhoras fazendo feira com duas sacolas, hoje eu acho que impossível, a pessoa chega na Vila Nova da Rainha vai adentrar na feira de flor até chegar no interior do mercado, o interior do mercado é o polo é o centro de toda feira central, quer dizer: hoje há uma extrema dificuldade do feirante chegar ao núcleo da feira que seria o mercado, que sempre tinha como base aquela carne “fresquinha”, como ainda hoje tem é uma questão cultural que sempre friso, porque você não vai deixar de comprar o garrote, abatido,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – Os feirantes sofreram uma baixa na economia ao que não puderam investir no seu “ponto”. <input checked="" type="checkbox"/> IC – Os feirantes invadiram as ruas e dificultaram a mobilidade. <input type="checkbox"/> IC - Ainda existe a cultura de comprar a carne “fresquinha” vindo da própria região, onde só encontra na feira. <input type="checkbox"/> IC – Apesar do surgimento de mercadinhos nos bairros as pessoas frequentam a feira “graças” a questão cultural.

<p>criado em nossa região você comprar na feira não é? Você não compra em hipermercado, obviamente alguns supermercados se sobressaíram diante de todos esses problemas não é? Foi criado na feira, não digo em relação a alguns mercados que surgiram na feira, em torno do mercado mais os próprios mercadinhos de bairros mesmos que hoje agente ainda escuta: “eu compro lá no mercado próximo a minha casa”. Mas algumas pessoas por questão cultural, de gostar de ir pra feira ainda frequenta graças [...].</p>	
<p>15 – Dennis – Com relação aos segmentos, quais os segmentos que contribuíram para essas mudanças estruturais?</p>	
<p>16 – Cícero – Foi feirante que invadiu as ruas infringindo seus limites, as barracas de frutas, verduras, realmente causou um grande impacto, porque se for às ruas das extremidades hoje praticamente elas são mais invadidas por “frutas e verduras”. Então aquilo eu acho uma desorganização [...] então foi o segmento que mais afetou nos problemas.</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – A invasão dos feirantes (frutas e verduras) nas ruas foi o segmento que mais afetou nos problemas de organização.</p>
<p>VI – Quais os impactos para os feirantes com o advento do mercado formal (shopping, comércio, etc.)?</p>	
<p>01 – Silvano. – É muitas pessoas deixam de ir pra feira para comprar no mercado, ai vai cair muito [...] isso acontece pelo comodismo do pessoal aumentou muito, as pessoas não querem se deslocar, preferem pagar mais caro no local próximo dele; a economia também ela está crescendo a inflação está subindo, o imposto que você paga, se você sai de casa você sai pagando não é? Isso influencia de certa forma pra você não ir pra feira não é?</p>	<p><input type="checkbox"/> IC - O comodismo e os impostos influenciam as pessoas não irem para feira e comprarem em mercados próximos a sua casa.</p>
<p>02 – Agnaldo – Alguém pode até pensar, esse rapaz só sabe dizer isso? Primeiro segurança, segundo mobilidade, terceiro higiene. Porque isso? Você chega no hiper desse “da vida” aê você não um gerente de feira fumando, você não vê um trabalhador, bebendo fumando em cima do banco, você não vê um cara jogando baralho, jogando dominó, você vê não vê o cara assistindo filmes “pesados” de sexo, você não vê o cara com pornografia o tempo todinho não!, você é tratado, “seja bem vindo, quem tem razão sempre é o cliente”, então tudo isso faz com que as pessoas vão. Só que eu fiz uma experiência domingo, todo domingo eu estou indo agora por Extra, por Hiper, você vai comprar qualquer coisa ali no Bompreço, olha a fila longa! Você obedece você está no Shopping, você sabe que naquele momento você está seguro, “eu não tenho transporte eu vou de ônibus coletivo, quando eu tô lá dentro eu tô seguro, quando eu saí eu digo e agora pra eu ir pra parada de ônibus?” Ai é outro ponto fundamental, as paradas de ônibus distantes. E o medo de pegar os carroceiros, tem aqueles carroceiros que roubam pega tua feira ali leva ai você pega duas sacolas chega lá na frente, o cara rouba suas duas sacolas na mão, ai vem a revolta! Porque você fez todo o esforço, andou na feira, fez as compras, pensando que vai levar pra casa, eles roubam o cliente fica revoltado, indignado fica triste e diz: o que eu vou fazer ali?! Então meu irmão está na lógica, quem está no dia a dia. Você pode até perguntar como ele sabe disso, as pessoas vem até a mim e diz isso. Hoje você vai à sua rua, na sua igreja, vai em qualquer canto, o que está mais atrapalhando qualquer cidadão sair de casa, primeiro é essa questão de segurança, e segundo lá dentro mesmo onde você está, porque a feira é um ponto onde os albergados</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – Nos grandes mercados e shopping existem segurança, mobilidade e higiene (os funcionários tem postura).</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A dificuldade de acessibilidade na feira com pontos de ônibus distante.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A sensação de medo dos trabalhadores autônomos (carroceiros).</p> <p><input type="checkbox"/> IC – Não existem rondas policiais para evitar acesso dos malfeitores.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – Independente da situação da feira os comerciantes devem mudar seu modelo de mente e zelar pelo seu espaço.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – Para solucionar os problemas da feira é preciso união de todos os segmentos.</p>

<p>estão todos lá dentro durante o dia a noite eles vão pra o presídio, vão fazer o que ali dentro? Quando agente chega três e meia quatro horas da manhã estão todos dormindo em cima da banca, se tivesse uma ronda ali os policiais dizendo: “epa!” isso não lugar não , saia, saia, mais não tem minha gente! É por isso, que a feira central está nessas condições. E aproveitando essa fala, eu fui visitar as feiras do Nordeste eu fiquei tão feliz quando cheguei à Bahia, umas das maiores feiras do Nordeste a feira de São Joaquim, porque eu vi lixo com “força”, quando a feira central está suja eu fico agoniando. Eu vi lixo na canela e o povo comprando, fui pra Carauru vi porco andando dentro do mercado! Mas á mídia propaga uma coisa e muitas vezes a feira central não é tão dessa forma não, vamos analisar, ela está degradante está, ela está precisando desta revitalização precisa, mas eu creio que precisa mudar nossa mente, os comerciantes, se cada um zelar pelo seu espaço eu ainda digo que agente pode fazer a diferença ai depois, sociedade organizada, comerciante organizado, associação, sindicato, CDL que é fundamental também, que faz parte disso aê, associação comercial, em fim, todo esses segmentos buscando objetivos tem solução pra gente mudar esse quadro pra ser bem sucedido.</p>	
<p>03 – Dennis – O Sr. (RM) concorda com a colocação do Sr. (AB)?</p>	
<p>04 – Rosalvo – Eu acho que os comerciantes não se aperceberam que a cada ano que se passa vai caindo o faturamento e frequência na feira. Campina Grande dos seus dez, vinte anos pra cá quase duplicou a população e Sr. (FG) falou que antes matavam seiscentos bois, agora está matando só cento e cinquenta, de onde vem isso? “Campina” deixou de comer carne? Não. É porque está vindo carne de fora direto para os supermercados e passa na feira. Mas o que eu queria mostrar é o seguinte: o público médio que frequenta a feira faça um levantamento pra você vê, de uma classe que passou de cinquenta anos, sessenta anos, são pessoas que estão indo pra lá porque [...] pela força do hábito, agora pergunte ao meu filho se ele quer ir lá pra feira? Não vai de jeito nenhum, por quê? Os jovens demais, eu estou chamando, os “jovens demais” ou velhos demais, os “jovens demais” não tem nenhum atrativo para ir pra feira, qual atrativo que o jovem tem principalmente no dia de chuva como a lama que ali tem, não consegue atravessar da Vila Nova até Mercado por causa do lixo, por causa dos carros, por causa de tudo. Então o que é que vai acontecer? A feira livre ou ela começa a atrair os jovens e pra isso ela tem que mudar totalmente ou ela vai tentar cada vez mais regredir, porque os supermercados estão faturando. Então essa cultura que os mais idosos tem, estão perdendo, meu pai vai todo sábado pra feira depois que ele morrer ninguém lá de casa vai mais pra feira, só eu que vou porque ainda fui de lá , meus outros irmãos não vão mais conta da comodidade, você (AB) falou aê das três pilares que a feira deveria ter: segurança, mobilidade e higiene não tem nenhum dos três. Então, o que agente vê em alguns mercados que ali faz medo, é você ter um bar restaurante, uma coisa que atraia a população, por exemplo o cara poderia sair das festas de Campina, como a festa do São João e ir lá a noite pra lá , tendo bar, restaurante, a alguma típico de Campina Grande que servisse as comidas típicas que atraísse, mas quem é que vai. Agente tem que procurar mudar e mudar na raiz mesmo, tem que “cortar na carne” porque se não vai acontecer nada. Então a feira não tem mais jovem, qual o pai que vai levar o jovem pra feira tendo supermercados</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – O faturamento e frequência na feira vêm decaindo nas ultimas décadas. <input checked="" type="checkbox"/> IC – Os frequentadores da feira central visitam por hábito. <input type="checkbox"/> IC - Deve existir uma reforma total na feira para atrair os jovens, caso contrário ela vai regredir, pois os supermercados estão em crescente investimento e a feira não. <input type="checkbox"/> IC – O hábito de frequentar a feira está se acabando porque apenas os idosos frequentam a feira. <input type="checkbox"/> IC – A feira não tem: segurança, mobilidade e higiene. <input type="checkbox"/> IC – Na feira deve existir atrativo como nos supermercados, como sugestões restaurantes (comida típicas) como uma atração turística.

<p>,hipermercados ele tem mil atrativos lá minha gente! E a feira não oferece nada, os velhos que estão na faixa de cinquenta anos, sessenta anos, daqui a dez vinte anos não existe mais, e a feira vai se acabando vai ficar um grupinho pequeno até chegar um ponto que até mesmo vocês vão sentir, se não tiver alguma coisa você vão dizer agente vai morrer junto.</p>	
<p>05 – Antônio – Já há muitos anos que eu falo pra os meus colegas de trabalho, olha você notou que esse ano foi mais fraco que o ano passado, o ano que vem vai ser mais fraco ainda. Eu digo sempre esse tipo de comércio feira livre é um segmento do comércio em extinção, se não houver alguma coisa, pra incentivar, pra motivar é um segmento em extinção. Os impactos foram tudo que foi falado aqui principalmente no que diz respeito a segurança, que é fundamental. Outra coisa que eu posso destacar e quero é o seguinte, os grandes Shoppings, com a evolução do comércio, os comércios nos bairros essa coisa toda, está impactando a feira central? Está, em parte, mas está impactando pela culpa também dos comerciantes da feira porque eu compro lá no mercadinho perto da minha muito mais barato do que eu compro na feira, o cliente hoje em dia não é mais burro, o tempo do analfabetismo já passou o pessoal do interior, e sítio, hoje eles têm computador, TV, tem tudo. Então, o que é que ocorre? Hoje mesmo já passou ali dentro da feira, uma propaganda o cara distribuído encartes com preços promocionais que meu amigo que eu não sei como agente está vendendo uma coisa ali?! No meu setor, por exemplo, eu vendo uma determinada peça a quinze ou dezesseis reais, os comerciantes abriram três a cinco lojas do lado e diz tudo é “dez”. Ai entra a minha falha, como eu não fiz isso eu espantei o cliente até a loja dele.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC – A feira livre é um tipo de comércio em “extinção”. <input checked="" type="checkbox"/> IC – A insegurança é o principal impacto na feira central. <input type="checkbox"/> IC – Os Shoppings e o comércio nos bairros são impactos na feira. <input type="checkbox"/> IC – O auto preço sugerido pelos feirantes também afetam a procura a feira.
<p>06 – Almir – O impacto é profundo. Uma coisa que não progride não subsistirá. A feira como eu já falei está em decadência ela está ultrapassada. Meu irmão tu vai deixar de ir no Shopping, tu vai deixar de ir no Supermercado grande onde os preços é muito mais em conta, pra numa feira central? Onde não vai ter segurança, infraestrutura, onde você vai pisar, com licença da palavra nas fezes, pra deixar de ir pra um lugar aonde tu vai entrar e vai ter direito a ar-condicionado, uma boa sombra, vai ter lugar onde sentar e palestrar um pouco, pra depois saber direito o que vai comprar, tem estacionamento. Agora quando eu digo que a culpa está nós governantes a quem defende diz que não, a culpa está com licença da palavra daqueles, “síncicos”! Porque a feira central estava pra ser um paraíso é só eles quererem, quando ali eles fizerem uma estrutura, que dê liberdade pra toda e qualquer pessoa, sai por exemplo sair do parque do povo, sair de lá e dizer eu vou comer uma cabeça de galo em tal canto, que tivesse sempre aberto, lá em São Paulo (a terceira maior metrópole do mundo) a feira não fecha não é direto. E outra coisa você tem cinco pessoas pra tomar conta daquela feira, se você tivesse uma e dissesse vou botar quinze e ainda não dava conta! Não fazem isso, querem cortar gastos pra economia, então a feira central olha não se desespere no que eu vou dizer, ela não dura mais dez anos se não vinher o mais rápido possível essa reforma, não vai ter essa existência não. Você chega nos supermercados, você chega em um setor de frutas, granjeiros, de carne o atendimento é “número um”, as coisas você vê o cara trabalhando com uma luva, na feira os boxes não higiene, é carne pendurada, um negócio de todo jeito. Tem ali um setor no Santo Antônio, chamado de setor “mata burro”, que as</p>	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> IC - Se a feira não progredir deixará de existir. <input checked="" type="checkbox"/> IC – A existência de contrastes entre o Shopping (higiene, ar-condicionado, estacionamento, segurança, áreas de lazer) e a feira (Sujeira, insegurança, falta estacionamento, falta de estrutura, pedintes). <input type="checkbox"/> IC – A culpa dos impactos na feira é dos governantes. <input type="checkbox"/> IC – Políticos não investem na administração da feira para cortarem gastos. <input type="checkbox"/> IC – Antes a feira tinha incentivo dos políticos por isso vendia bem.

<p>carne que entra quase todas lá eu tenho certeza que boa; mas nem tudo vem de lá, às vezes pode um xaveco e quem não conhece de carne? Eu conheci a feira com a tarimba mais simples que tinha seiscentos quilos de carne, existem caras que enricaram ali, porque tinha segmento, incentivo, políticos naquela época ia fazer compra lá, hoje em dia você não vê, vão pra supermercados cheques, quer dizer você vai deixar de ir pra um lugar bom, sabendo que vai economizar também e não vai ter o risco de ser roubado ou vai pra feira central? Pra pisar na lama, com respeito aos pedintes que são os seres humanos, mais fiam em cima “ei me dê isso, ei me dê aquilo”, ai paciência.</p>	
<p>07 – Almir – Um dos outros fatores, o comércio que influenciou demais na degradação da feira central chama-se a modernidade – o cartão de crédito, você vai a um supermercado compra vinte quilos de carne, o carne de crédito passa não sei quantos, na feira central vai comprar um quilo de carne “pufo” dinheiro na hora. Esse é um dos principais!</p>	<p>■ IC – A modernidade impactou a feira com o cartão de crédito.</p>
<p>08 – Dennis – Eu gostaria de perguntar, a Sr. (AM), ele falou sobre os pontos positivos do supermercado (ar-condicionado, segurança, conforto), hoje na feira central de Campina Grande quais as vantagens de ir em uma feira?</p>	
<p>09 – Almir – Eu desconheço. Só teve um ponto positivo na feira central, só no setor da carne, porque você tem a cobertura, você pode ficar amparado, outra coisa eu desconheço.</p>	<p>■ IC – A única vantagem da feira é no setor de carne com a cobertura do mercado público.</p>
<p>10 – Dennis – Se você convidasse alguém para ir à feira, de que forma você convenceria (O porquê ir à feira)?</p>	
<p>11 – Almir – Eu diria o que muitas pessoas iriam dizer você não tem como convidar uma pessoa para ir para feira central por conta da insegurança, você vai ver o que lá mais?! Eu posso chamar uma pessoa pra ir pra feira de peixe? Eu posso chamar uma pessoa a feira de “ferro velho”, que é a “cracolândia” da atualidade?! Brincadeira não ali vocês sabem a noite, na esquina do “Tropicana” fica uma viatura de policia, na outra esquina próxima a Sr. Luiz fica outra viatura, ai é vagabundo de toda qualidade e a policia vendo o movimento “eu me da uma pedra de craque” eles vendo o movimento!</p>	<p>■ IC – é impossível convidar uma pessoa para feira devido à insegurança.</p> <p>■ IC – Existe comércio de drogas a noite.</p>
<p>12 – Agnaldo – Eu concordo pra você no ponto porque se você for convidar um amigo, você vai ser responsável por ele, você é que segurança dele. O senhor está falando demais viu, é muito corajoso que é verdade [...] tem cara envolvido pesado.</p>	
<p>13 – Dennis – Eu gostaria de pergunta ao Sr. (AI), se, digamos a feira central já estivesse requalificada, de forma o senhor convenceria?</p>	
<p>14 – Antônio – A única coisa boa é comprar verdura fresquinha e mais barata, realmente é o único ponto positivo.</p>	<p>■ IC – A única coisa boa é verdura fresquinha e barata.</p>
<p>15 – Agnaldo – Têm mais, a feira de calçado tem um preço bom, o preço, pechinha, barganha [...].</p>	<p>■ IC - Pontos positivos: Preço, pechinha e barganha.</p>
<p>16 – Antônio – Aproveitando um “ganchozinho” que ele falou aqui, com relação ao ponto de droga, isso não é problema só da feira central e nem a feira central resolve isso, porque o policial vê e vai fazer o que, porque existe a</p>	<p>■ IC – O problema da droga não só da feira, mas da Lei em vigor.</p>

<p>Lei do menor, se o policial pegar um menor daquele ali se ele apertar um pouquinho ali o policial “perde a farda”, então o policial faz o que? Estou te vendo não ai é Lei. O policial não interfere, por conta disso.</p>	
<p>17 – Cícero – Em relação os impactos os supermercados trabalham em cima de uma mídia muito pesada, hoje o colega (AM) aqui ele degradou totalmente a imagem nossa não é da feira, quer dizer a imagem que ele passaria não um ponto de referência bom para as pessoas irem à feira. Eu tive um exemplo no açougue, que a moça chegou disse pra mim, a carne é “Friboi”, você uma mídia que é feita em cima do produto e coincidentemente eu tenho Friboi lá, porque Friboi é uma indústria, mas eu não faço a propaganda “Friboi” eu faço a propaganda da feira eu visto a camisa da feira. Em relação dos produtos que o colega falou ali, que só são as hortas e frutas, eu discordo, porque tem muitos, na feira você compra o chinelinho rasteira que você só vai encontrar no supermercado, na feira você vai comprar o “quebra-queixo”, aqueles queijo de qualhoínxuto, que no supermercado você encontrar aquele queijo embalado que está logo aquele liquida [...]. Agente não tem essa discriminação, tenho vários colegas que tem mercadinho que não trabalha especificamente com aquele produto regional ai aquilo é mais impactante. Você não vai conseguir comprar um açúcar, você não produz açúcar na zona rural de Campina Grande, um produto enlatado [...].</p>	<p>■ IC – Os supermercados junto à mídia são impactos para a feira.</p> <p>■ IC – Existem várias vantagens de ir à feira ao contrário dos supermercados: Além das hortas e frutas, chinelinho rasteiro, quebra-queixo, queijo enxuto.</p> <p>■ IC – deve-se existir a valorização do produto regional que só existe na feira.</p>
<p>18 – Almir – O seu próprio desenho ai falou do que poderia ser feito principalmente na área de vocês maxante, porque você mostrou a granja, o animal sendo criado, foi de fundamental importância se vocês tivessem condições de contratar um trabalho de mídia pra ir filmar o animal gordo lá e trazer pra dentro da feira [...].</p>	<p>■ IC – Deveria existir a mídia para mostrar a qualidade do produto regional que é vendido na feira.</p>
<p>19 – Cícero – Pois é. Mas não temos.</p>	
<p>20 – Almir – É justamente por isso que esses grandes centros, grandes comércios, trabalha em cima da mídia.</p>	<p>■ IC – Os grandes mercados se fortificam com a utilização da mídia.</p>
<p>21 – Cícero – Existem um “Parêntese” em cima desse assunto ai, que foi ofertado pra nós, quando foi feito, criado um serviço de expressão municipal, onde eles falaram que iam fazer esse trabalho de mídia pra gente a prefeitura, que hoje o abatedouro que tem é privado apesar de que fez uma parceria com a prefeitura, teve na gestão de “Veneziano” continuou do mesmo jeito na gestão de Romero, já critiquei com relação a isso aê, ai eles ofertaram dizendo que ia fazer um trabalho de mídia pra divulgar o produto, toda carne que é consumida no mercado hoje, sr. (FS) o senhor veja direitinho, que não existe mais “xaveco” lá mais não, no mercado público não. O “xaveco” que o senhor está se referindo, é o animal magro, vaca está abatendo lá três por quatro lá em “menininho”, só que tem uns veterinários lá que examinam enxertadas é outra coisa. Você pega uma carcaça de uma vaca velha, ali é a aparência horrível, mas daquele animal é próprio pra consumo.</p>	<p>■ IC – Existiram promessas de a prefeitura divulgar o produto (carne) pela mídia.</p> <p>■ IC – Não existem xavecos no mercado público.</p>
<p>22 – Francisco – Não, não deixa explicar, têm quatro pontos no mercado central que eu vou denunciar deles eu moro numa região de Galante, lá estrada é principal e passa o xaveco que vem pra Campina Grande, agora não sei como eles entram, eu venho na quinta feira e encontro,</p>	<p>■ IC - Existem pontos de comércio de carnes na feira que não são apropriados para consumo.</p> <p>■ IC – Já comprei carnes impróprias para consumo na feira.</p>

<p>essas pessoas matando. Eu cheguei à Feira Central e o cidadão ia saindo, na quinta quando estou lá, eu comprei dez quilos da carne “chan de dentro” joguei no mato, eu não sabia porque a tarimba era de um comerciante conhecido não é, ai quando comprei a carne, mendei pelo menino, a mulher disse a carne não prestou não, ai eu procurei saber de quem veio o cara disse “fulano” e “fulano”, é quem traz eles, eles enganam os fiscais e entra, demorou mas faz quinze dias que entrou um morreu entrou, eu fiquei observando eu sou matuto mas não sou burro não. Tem um comerciante fornecedor na feira central que a mãe dele só vende xaveco.</p>	<p>■ IC – Falta fiscalização rígida.</p>
<p>VII – Fale um pouco sobre suas expectativas em relação à Feira Central de Campina Grande, especificamente no que se refere a sua tradição e influência na imagem da cidade.</p>	
<p>01 – Rosalvo – Se a feira tem e consegui o título de patrimônio imaterial da humanidade, ela tinha como fazer uma mudança completa, porque com base nesse título, se poderia alavancar uma série de ações, inclusive fazer um saneamento e uma limpeza naquela empresa, naquele mercado tanto na parte de infraestrutura quanto na parte de pessoas uma organização total pra poder fazer isso. Então a obtenção de um título que a feira tem de bem imaterial da humanidade eu acho que é condição a ela de ter alguém que realmente preteji essa reforma que são necessária agora, eu acho que nenhum momento da história desse mercado se teve uma oportunidade como se está tendo agora, quando se tem um pesquisador da universidade preocupado, quando se tem uma prefeitura ou mal também preocupada e onde se tem um dinheiro que dizem que tem na caixa econômica pra fazer essa reforma claro que esse dinheiro não revolver tudo de uma vez só, mas já é um bom começo, então eu acho que deve-se pegar com unhas e dentes essa oportunidade e realmente mostrar que tem como fazer as coisas agora, se aquele cara que invadiu a rua já está errado, que está com um banco fixo no meio da rua e não sede vai ter que ceder pela questão da justiça meu amigo. E aê alguém vai ter que infrentar isso, porque vai ter que “cortar na carne” porque muita gente, depois coloca esse cara lá não sei pra onde o remaneja, o que é que não pode é ficar no meio da rua. Imagine um incêndio ali, naquele mercado, se acaba todo mundo e ninguém pode nem entrar porque não pode entrar um carro de bombeiro, pode entrar nem uma carroça, quanto mais um a carro de bombeiro. Acho que deve pegar o título de Patrimônio imaterial e ir atrás disso, e fazer tudo o que tem de ser feito.</p>	<p>■ IC – Para dignificar o título de patrimônio imaterial a feira deve existir uma mudança completa: Saneamento, limpeza e organização infraestrutura do mercado.</p> <p>■ IC – Deve existir alguém que materialize de fato o atual projeto de reforma para este momento.</p> <p>■ IC – A feira é preocupação hoje de pesquisadores e prefeitura, deve-se aproveitar este momento e fazer as coisas acontecerem.</p> <p>■ IC – A relocação do meio da rua é necessária, porque está atrapalhando a mobilidade e segurança na feira.</p>
<p>02 – Almir – Eu vejo com bons olhos, eu creio que na gestão agora atual desse prefeito, que ele está sendo muito bem apoiados por bons políticos que passaram pela nossa cidade. Primeiramente tem uma palavra muito profunda, a feira eu tenho certeza que ela vai voltar a crescer, quem é comerciante lá não se estresse não se desespera porque ali vai ser uma coisa que vai deixar a desejar agora pra isso, vai se existir uma etapa, vai se existir a mobilização dos próprios feirantes, uma abaixo assinada, vai ter pessoas pra correr atrás da imprensa, porque pra que isso venha o mais rápido possível, todo mundo vai ter que correr atrás, porque os políticos não tem interesse de fazer alguma coisa se não tiver ninguém correndo a traz dele não e aquilo ali como todos sabem, é um polo turístico meu amigo! Ali beneficia todas as classes independentes de pobre e negro, mulato, loiro ruivo, e ali tem que se existir o crescimento, porque o tanto de empresa que fechou ali na feira por falta</p>	<p>■ IC – A feira voltará a crescer com gestão atual.</p> <p>■ IC – Para voltar a crescer não pode deixar de existir uma mobilização dos feirantes.</p> <p>■ IC – A feira é um polo turístico e beneficia a todos.</p>

<p>de desenvolvimento dos nossos gestores não é brincadeira não, eu lembro que era muita gente comprando ali, e eu creio que esse tempo vai voltar.</p>	
<p>03 – Antônio – Eu concordo que precisa “cortar a carne” só que no meio de “cem”, cinco é que vai ter problemas, porque noventa e cinco por cento com certeza aprova a reforma. E que essa reforma vai ser o renascimento da nossa feira com certeza não dúvida pra ninguém também. Ela hoje, muitos estão dizendo que ali é um ponto turístico, não é hoje não é. Durante esse mês, você sabe quantos turistas eu vi passar na “Antônio de Sá”? E não tem tanto problema, da pra contar no dedos, quantos turistas passaram ali, entenda a cidade estava super lotada de turistas, trinta e um dias, agora que é fundamental é. Pode ser um ponto turístico com certeza se a reforma vier, de acordo com o pré projeto, com certeza passara a ser um ponto turístico importantíssimo em Campina Grande. Outro detalhe antes vendia muito, mas não só o período de decadência da feira não é que anos atrás o pequeno padeiro, comerciante de Lagoa seca, Puxinanã, tinha que vir comprar em Campina Grande, hoje ele não vem mais, ele pega o telefone e “fulano”, ele recebe no outro dia tranquilamente isso também derrubou muito, principalmente quem trabalha em atacado, eu era atacadista a muito tempo, tive lojas, à expectativa vai ser a melhor, eu acredito que sai. Eu acredito que dessa vez sai, por conta de duas coisas, tem dois políticos aê, um deles tem um renome cunha lima, está entrando agora e quer se firmar, Romero Rodrigues não precisa nem dizer que ele quer se firmar, por isso eu acredito que vai sair. Estou acreditando unicamente nisso.</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – A maioria concorda com a reforma da feira e vai ser o renascimento da feira.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC – Atualmente a feira não um ponto turístico, pode ser quando se houver a realização do atual projeto de reforma.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A reforma será realizada unicamente por interesse pessoal político.</p>
<p>04 – Silvino – Acredito na revitalização que vai beneficiar o rico, o pobre, e vai trazer progresso pra cidade.</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – A requalificação da feira beneficiará a todos sem distinção.</p>
<p>05 – Francisco – Estou confiante que coisas melhores virão não é? Porque a reforma vai acontecer e dará muito frutos não é, agente não temos que cruzar os braços e trabalhar que isso aconteça agente tem que confiar no presente o passado já [...] se foi não é? Agente se for contar coisa do passado [...] ei sou bem confiante que vai mudar muita coisa.</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – Acredita-se que a reforma vai acontecer.</p>
<p>06 – Cícero – A expectativa é promissora. Primeiramente agente vem acompanhando o andamento do projeto, um projeto diferenciado que se trata de uma reforma e a palavra principal pra mim que é a revitalização da feira, quer dizer a todo um lado da questão social, em fim humano, isso é que agente está precisando fazer justamente essa revitalização, vai suspender tudo, e de uma forma bastante transparente como eles estão fazendo, houve lá o Workshop, escutaram várias sugestões dos feirantes, foi muito questionado a questão de paralisação em termos de obras, houve um compromisso firmado de amenizar o máximo possível para não se ter prejuízo para cada feirante, escutou cada “setores”, sugestões até mesmo de espaços físicos, em fim houve um debate bem, aberto com todos os questionamentos. A tradição eu sempre falo que a feira central de Campina de é um dos maiores mercados do país, agente pode cifrar isso ai, e não vai perder sua tradição exatamente pela sua questão cultural, eu sou enfático em falar que nós temos uma diversidade de produtos muito grande, derivado de nossa região e não há outro escoamento a não ser a feira central, então isso é muito marcante pra feira. E voltando a questão da reforma, hoje nós temos uma pressão inclusive do ministério público pra que o poder público municipal aja nessa parte</p>	<p><input type="checkbox"/> IC – A expectativa é esperançosa.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> IC – O projeto trata-se de questões sociais e está sendo realizado em conjunto com a prefeitura e feirante de forma transparente.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – Não haverá a perda cultural na feira, haja vista, a diversidade de produtos regionais que só a feira tem.</p> <p><input type="checkbox"/> IC – A importância da feira, pois existem milhares de famílias que dependem dessa prática.</p>

<p>porque são milhares de famílias, de cidadãos que depende dessa prática de atividades de comércio, não se tratando de nada aleatório, está se tratando de milhares de família. E temos hoje essa área de permanência tomada pelo município lá na feira central, já houve questionamento de remover ela dessa localização, tem toda essa parte que sustenta. Eu estou nesse otimismo de que agora, é um início de gestão, infelizmente na gestão passada, não houve êxito, problema administrativo agente não vai entrar em detalhe, isso é do passado, se há um recurso com essa finalidade que seja efetivado.</p>	
<p>07 – Dennis – Eu gostaria de finalizar com a fala do Sr. (AB) podendo falar sobre o atual projeto da feira central, e suas expectativas em relação ao futuro da feira central no se refere a tradição e influência na cidade.</p>	
<p>08 – Agnaldo – Primeiramente parabenizar vocês foi muito bom, foi muito legal, vocês unirem o útil e o agradável essa iniciativa essa experiência, o Sr. (RM) também chegou aê, nesse lado técnico, sereno, uma pessoa que está de “fora” e ao mesmo tempo “dentro” da feira tendo essa visão inclusive colocando até exemplo familiar, então vocês foram fantásticos nesse posicionamento. O segundo ponto também com a relação a questão da própria mídia não é? Agente fala muito essa expectativa do futuro da feira central de Campina Grande, eu não vou falar a respeito desse projeto que se procede até mesmo diante da secretaria de planejamento, eu creio que o secretário Márcio Caniello, ele é a pessoa própria pra falar sobre até porque até seguindo as orientações da hierarquia, então ela como responsável pelo projeto eu creio que ela é a mais viável pra falar sobre isso. Outro ponto em relação ao projeto, eu acredito que está sendo de uma forma diferenciada até porque em outro projeto não tinha equipe de assistência social, não equipe de Psicólogos, que vai mexer muito no Psique do indivíduo, na questão dos moradores existem moradores sim, que moram dentro da feira, inclusive eles estão até nesse processo “Minha casa Minha vida”, que parte da questão da dignidade, questão que envolvem o conselho tutelar relacionado aquelas crianças, a ação social relacionada aos prostíbulo, é uma responsabilidade muito grande, eu acredito muito na proposta da associação, não porque ele esteja presente mais porque agente discute muito, discussão de ideias “bate” muito tem coisas que ele fala e eu não concordo e vice versa, mas tem que ser dessa forma, eu fico muito feliz quando vejo um comerciante “revoltado” é ali onde ele está falando o que está de errado, o diagnostico correto é aquele que está falando. Até porque ele está tendo medo disso aê não é? E é interessante viu Sr. (FS) que o senhor compareça mais vezes , a sua experiência vai importante demais ali dentro daquela feira, como a maioria, a administração está aberta, justamente pra isso, o Sindicato é importante demais eu lembro muito bem, eu creio que os primeiros passos que eu dei na feira ali, pra conhecer melhor a estrutura eu aprendi com Jocélio que eu aprendi a parte da situação efetiva deles não é? É claro que ninguém agrada a todos. Então quem é mais importante ali dentro o comerciante, nós estamos a serviço da prefeitura, cada um está disponível lá na administração para qualquer tipo de informação, relacionada a cadastro, qualquer coisa seja lá o que for pode buscar a administração, nós somos o elo entre a hierarquia da secretaria e as outras pessoas. Pra encerrar mesmo quero parabenizar, a maneira simples, eu não esperava que fosse ser dessa forma, e eu dizer quero dizer que aprendi muito, porque hoje não sei como, mas Deus é</p>	<ul style="list-style-type: none"> ■ IC – Elogio a metodologia da entrevista com grupo focal e a escolha de significativos representantes. ■ IC – O projeto de revitalização da feira central está acontecendo de forma diferenciada, com uma equipe voltada para questões sociais: Psicólogos, assistentes sociais. ■ IC – É interessante a participação de comerciantes que se imponham para o melhoramento da feira. ■ IC – A administração esta “aberta” a informações a feira central de Campina Grande.

<p>maravilhoso, como foi que você juntou poucas pessoas cabeças pensantes, cada um com argumento e se você dê “brecha” se tivesse espaço pode ter certeza que o aprendizado aqui ia ser muito maior que agente imaginar.</p>	
--	--